



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ELAINE SILVA FERREIRA GONZAGA

AS PRÁTICAS DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS E A
FORMAÇÃO DE IDENTIDADES SOMÁTICAS

Goiânia
2011

ELAINE SILVA FERREIRA GONZAGA

**AS PRÁTICAS DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS E A
FORMAÇÃO DE IDENTIDADES SOMÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado em Comunicação, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suely Henrique de Aquino Gomes

Goiânia
2011

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

Gonzaga, Elaine Silva Ferreira.
As práticas de modificações corporais e a formação de
identidades somáticas [manuscrito] / Elaine Silva Ferreira
Gonzaga. - 2011.
xv, 132 f. : il., figs.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suely Henrique de Aquino Gomes.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, 2011.
Bibliografia.
Inclui lista de figuras.
Apêndices.
Anexos.
1. Modificação Corporal 2. Identidade Somática 3.
Subjetividade. 4. Mídia Radical. I. Título.

ELAINE SILVA FERREIRA GONZAGA

**AS PRÁTICAS DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS E A
FORMAÇÃO DE IDENTIDADES SOMÁTICAS**

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Mestre, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes (Orientadora)
Presidente da Banca

Prof. Dr. Camilo Albuquerque de Braz – FCS/ UFG

Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos – FACOMB/UFG

Dedico esse trabalho à minha família, marido, filhos, amigos, orientadora, professores que, de forma muito especial, tocaram a minha vida e deixaram impressões eternas.

AGRADECIMENTOS

A meu Pai Celestial, Deus, criador de toda vida e sabedoria na Terra, que ama a todos os Seus filhos e concede muito mais por misericórdia que por merecimento.

Agradeço de forma especial à minha professora Suely Gomes, por ter sido a orientadora mais paciente e gentil que eu poderia ter tido. Obrigada pelo aceite em me orientar, pela leitura atenta do meu texto ao longo do percurso, pelas indicações de leituras, por todas as contribuições que me foram valiosas. Minha admiração pelas colocações pontuais, pelo trabalho que realiza na Facomb com seus estudos audaciosos, pelas boas aulas desde os tempos da graduação.

Aos professores Goiamérico Felício e Maria Luiza Mendonça, pelas sugestões e colaborações sempre valiosas para a concretização do presente trabalho. Meu carinho e admiração, já de longa data, por quem tão bem tece, em seus discursos nas aulas, a difícil teia que a ciência da Comunicação.

Ao professor, doutor, Camilo Braz, por aceitar participar da minha banca de defesa e por sua preciosa colaboração na minha pesquisa.

Aos meus colegas, agora mestres, em especial Viviane, Marcelo e Flávia, pela amizade sempre sincera, pelo companheirismo nos momentos de incertezas, desafios, alegrias da vida acadêmica.

Aos professores do Mestrado em Comunicação da UFG, por contribuírem com minha caminhada no rumo da intelectualidade, em especial a coordenadora do curso Ana Carolina Temer por dedicar ao programa sua atenção e profissionalismo sempre presentes em suas falas.

Ao Thomaz Santana, secretário do Mestrado em Comunicação da UFG, por ser muito mais que um secretário, mas um amigo nas horas dúvidas e incertezas.

Aos profissionais de *body modification* em Goiânia. Alexandre, por aceitar participar desta pesquisa e partilhar sua experiência neste universo. E em especial, Thiago Rodrigues, sem o qual não teria conseguido tantos dados relevantes desde universo.

À minha família e amigos por todo apoio, incentivo e colaboração em muitos momentos desta caminhada.

Ao Marcel que de maneira muito especial me incentivou e caminhou lado a lado comigo.

A todos vocês o meu sincero, mas insuficiente, obrigada!

A verdade de outra pessoa não está no que ela te revela, mas naquilo que não pode revelar-te. Portanto, se quiseres compreendê-la, não escute o que ela diz, mas antes, o que ela não diz.

Kahlil Gibran

RESUMO

O presente trabalho procurou investigar, à luz da concepção das identidades somáticas (ORTEGA, 2008), a constituição da subjetividade dos adeptos das práticas de modificação corporal extrema, tais como: tatuagem, *piercing*, escarificação, suspensão corporal, entre outras, concernentes ao movimento da *Body Modification*. Cada época produz um tipo de corpo que sintetiza os ideais de beleza e valores de uma sociedade. Reconhecendo que os adeptos de tais práticas possuem um corpo divergente dos padrões presentes na sociedade ocidental, procurou-se refletir não apenas sobre os efeitos destas práticas nestes indivíduos, mas também a respeito de suas consequências na vida em sociedade. Procurou-se identificar, também, os principais veículos disseminadores de tais práticas e como acontece a socialização destes indivíduos. Para tanto, apresentou-se as principais teorias sobre o corpo cultural e simbólico, a identidade e a subjetividade na atualidade, bem como uma contextualização histórica do surgimento do movimento da *body modification* e suas especificidades. Além disso, foram apresentados os principais aspectos encontrados na pesquisa etnográfica com os adeptos destas práticas em Goiânia. Tendo por base a premissa apresentada por Ortega (2008), de que as identidades contemporâneas são representadas no corpo, este movimento é valorizado pela autora como uma nova forma de subjetivação e identidade, que busca encontrar-se a si mesma na sua imagem corporal e nos seus adornos, encontrando nas mídias radicais (DOWNING, 2001) sua principal propagadora.

Palavras-chave: Modificações Corporais. Identidade Somática. Subjetividade. Mídia Radical.

ABSTRACT

The present study sought to investigate, according to the conception of identities somatic (ORTEGA, 2008), the constitution of subjectivity from the adherents of extreme body modification practices such as tattooing, piercing, scarification, body suspension, among others, concerning the movement of Body Modification. Every age produces a type of body that synthesizes the beauty ideals and values of a society. Recognizing that the supporters of such practices have a body of divergent patterns found in Western society, we tried to reflect not only on the effects of these practices in these individuals, but also about their consequences in society. Sought to identify also the main spreaders of such vehicles as they practice and the socialization of these individuals. For this purpose, presented the main theories about the cultural and symbolic body, identity and subjectivity in the news, as well as a historical background of the rise of the movement of body modification and its specificities. Besides, presented the main aspects on ethnographic research with supporters of these practices in Goiânia. Based on the premise presented by Ortega (2008), that contemporary identities are represented in the body, this movement is valued by the author as a new form of subjectivity and identity, which seeks to find herself in their body image and in its trappings, finding in radical media (DOWNING, 2001) its main propagator.

Keywords: Body Modifications, Somatic Identity, Subjectivity, Radical Media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Orlan em 1977. <i>The Kiss of the Artist</i> , FIAC, Grand Palais, Paris	43
Ilustração 2	Orlan em 1990. <i>Successful-Surgery</i>	43
Ilustração 3	Orlan em 2010	43
Ilustração 4	Fotografia do site BMEzine.com sobre tatuagem	49
Ilustração 5	Fotografia do site BMEzine.com sobre <i>piercing</i>	49
Ilustração 6	Fotografia do site BMEzine.com sobre branding	49
Ilustração 7	Fotografia do site BMEzine.com sobre escarificação	49
Ilustração 8	Fotografia do site BMEzine.com sobre suspensão	50
Ilustração 9	Fotografia do site BMEzine.com sobre implantes subcutâneos	50
Ilustração 10	Marinheiro sendo tatuado	51
Ilustração 11	Retrato de Janis Joplin como punho esquerdo tatuado	51
Ilustração 12	Fotografia de Jean-Michel Clajot sobre rituais tailandeses de tatuagens, relatados dessas práticas são tidos desde o século XVIII na Europa	52
Ilustração 13	Pintura da Idade Média sobre as autoflagelações praticadas	53
Ilustração 14	Yves Klein foi um dos precursores da <i>Body Art</i> nos anos 1960	54
Ilustração 15	Figurino dos anos 1970 assinado Vivienne Westwood	55
Ilustração 16	Fakir Musafar em <i>The Collar, Self Portrait</i> , 1962, Ed. 25	56
Ilustração 17	Fakir Musafar em <i>O-Kee-Pa II, Self Portrait</i> (with assistance), 1978, Ed. 25	57
Ilustração 18	Fakir Musafar na capa do DVD: <i>Dances Sacred and Profane, de 1986</i>	57
Ilustração 19	Cartaz de divulgação do Miss Tattto Goiânia	68
Ilustração 20	Cartaz de divulgação do evento Go Mosh	68
Ilustração 21	Público do evento Miss Tattoo Goiânia 2010	70
Ilustração 22	Concorrentes no momento do desfile	71
Ilustração 23	Trio campeão do Miss Tattoo 2010	72
Ilustração 24	1ª colocada – Renata	72
Ilustração 25	Cartaz do evento – O Extraordinário Mercado Flutuante	73

Ilustração 26	Fachada da Fábrica Cultura Coletiva	74
Ilustração 27	Natasha Freitas – recepcionista do evento	75
Ilustração 28	Ambiente interno do evento	76
Ilustração 29	Mesa de som e os DJs da festa	76
Ilustração 30	Exposição de fotos de Flávio Pessoa	77
Ilustração 31	Artista Luciana Celestino em uma performance de dança	77
Ilustração 32	Fotos do local do evento	79
Ilustração 33	Detalhes do nosso acampamento	82
Ilustração 34	Fotos do galpão destinado às suspensões corporais	84
Ilustração 35	Suspensão de Thais Padilha. Fotógrafo: Flávio Pessoa	85
Ilustração 36	Momento da Palestra. Fotógrafo: Flávio Pessoa	88
Ilustração 37	Valnei Santos. Fotógrafo: Flávio Pessoa	88

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA	13
2.	A COMUNICAÇÃO, OS ESTUDOS CULTURAIS E O CORPO	19
2.1	A CULTURA DE CONSUMO E O CORPO	27
3	IDENTIDADE EM CRISE	31
3.1	SUBJETIVIDADE E CONSUMO	36
4	CORPO, BIOIDENTIDADE E IDENTIDADE SOMÁTICA	39
5	BODY MODIFICATIO	47
6	METODOLOGIA	60
7	DIÁRIO DE CAMPO: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO UNIVERSO DA BODY MODIFICATION EM GOIÂNIA	65
7.1	RELATO DAS OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES	66
7.1.1.	Miss Tattoo – Goiânia, dia: 23/10/10 – Martin Cererê.....	67
7.1.2.	O Extraordinário Mercado Flutuante – Goiânia, dia: 17/12/10, Fábrica Cultura Coletiva, Setor Central	73
7.1.3	InterHook – Jundiaí, São Paulo, dias: 08, 09 e 10/04/11 – Chácara de Várzea Paulista.....	78
7.2	RELATO DAS ENTREVISTAS.....	90
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS.....	111
	APÊNDICES	117
	Apêndice A – Termo de Consentimento.....	118
	Apêndice B – Carta de Anuência.....	121
	ANEXOS	124
	Anexo A: Roteiro para Entrevista – Profissional.....	125
	Anexo B: Roteiro para Entrevista – Adepto.....	129

1. INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA

A contemporaneidade tem sido uma época de mudanças e incertezas. As transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que ocorreram ao longo das últimas décadas tem marcado profundamente a sociedade, dando a impressão de que vivemos em um mundo diferente a cada dia. Estes fenômenos são percebidos e sentidos pelo ser humano e provocaram profundas transformações na produção de sua subjetividade e também na construção de sua identidade. E, como não se pode pensar os indivíduos fora do tempo e do espaço que lhes são próprios, todo novo movimento ou fenômeno social deve ser analisado à luz do contexto sócio-histórico em que está inserido.

Como são vários os fenômenos sociais existentes hoje, esta dissertação toma como objeto de estudo específico o movimento da *Body Modification*, afinal este tem sido apontado como fenômeno próprio e crescente nos centros urbanos.

Este *Body Modification* é utilizado para designar várias, tais práticas como: técnicas de tatuagem, *piercing*, *branding*, *cutting*, escarificação, amarrações ou suspensões, inserções de implantes subcutâneos, bifurcação da língua e amputação de membros¹, entre outros, já que neste movimento sempre surge novas técnicas. No entanto, as intervenções da cirurgia plástica, os exercícios físicos e a química de esteróides para construção do corpo (*body building*²) também são consideradas formas de modificações corporais. Pois estas técnicas fazem parte do conjunto de práticas corporais que se inscreve como modificação, bem como qualquer outra prática que vise à mudança visual do corpo natural (FEATHESTONE, 2003; GÓES, 1999; TEIXEIRA, 2006).

Diante destes dados, pode-se inferir que são inúmeras as possibilidades de práticas de transformação corporal, por isso é importante identificar dois

¹ Todas as técnicas serão conceituadas mais à frente no trabalho.

² O termo *body building* passou a descrever o processo de construção da massa muscular com o objetivo de tornar o físico perfeito. Góes citando Dutton, afirma que “o desenvolvimento físico não pode ser compreendido sem uma apreciação de certos sistemas de valores derivados da cultura grega e transmitidos à Europa Ocidental, com algumas modificações no tempo da Renascença italiana. A doutrina cristã, apesar de sua corrente dominante, foi suficientemente flexível para deixar passar o tema da figura musculosa do herói, como convenção artística até a invenção da fotografia na metade do século XIX. A partir daí há um desejo de democratizar o corpo desenvolvido e torná-lo acessível à cultura de massa” (GÓES, 1999, p. 34).

gêneros: um está relacionado às práticas mais convencionais tais como cirurgias plásticas, ginásticas, implantes de cabelo. Estas são mais aceitas na sociedade, pois representam muitas vezes a busca a adequar-se ao ideal de beleza disseminado. Já o outro, está relacionado às práticas mais radicais³, como as tatuagens, *piercing*, *branding*, *cutting*, entre outras. Porém, não se deve pressupor que tais práticas sejam excludentes, pois o que se vê na sociedade é a interação delas, mesmo que aconteçam de maneira tênue.

Muito embora todas as práticas de transformação corporal envolvam algum nível de modificação na imagem individual do corpo natural, é o segundo grupo que desperta o interesse desta pesquisa, justamente porque suas práticas apresentam um caráter mais invasivo e/ou permanente e acarretam, muitas vezes, uma drástica transformação na imagem corporal dos indivíduos que a elas se submetem, distinguindo-os dos padrões dominantes e socialmente aceitos. E apesar do aumento substancial de adeptos e de sua popularização, ainda são tratadas como práticas não usuais na sociedade ocidental causando inclusive certo estranhamento (TEIXEIRA, 2006).

Destaca-se aqui o termo sociedade ocidental porque em outras culturas, como por exemplo, nas culturas tribais do Oriente algumas modificações do corpo como a tatuagem e o *piercing* representam tradições milenares, tornando-se muito comuns. Para citar, têm-se algumas Ilhas do Pacífico, por exemplo. Estas modificações, em sua grande maioria, estão relacionadas a rituais de passagem e de pertencimento à cultura local. O que parece se distanciar, de alguma maneira, do significado dessas mesmas técnicas em nossa sociedade, muito embora seu surgimento e inspiração tenha origem naquelas sociedades mais antigas.

Faz-se necessário destacar também que nesta pesquisa será priorizado o estudo das técnicas utilizadas de maneira mais radical, ou seja, a prática de *body modification extreme*. Nela o indivíduo faz o uso combinado e/ ou ampliado de uma ou mais técnicas que modificam o seu corpo. Emerge aqui esta delimitação, fazendo surgir a seguinte questão: a adesão a estas práticas

³ A pesquisa encontrou um ponto de discussão sobre o que poderia ser considerado radical ou extremo, já que, por exemplo, existem plásticas corporais tão ou mais agressivas que certos usos do *piercing*. No entanto, o que é importante destacar aqui é que o uso da palavra radical ou extremo está mais relacionado ao distanciamento que certas práticas fazem do que é usual e aceito na sociedade.

extremas seria uma tentativa de trazer um novo sentido para si e para seu corpo, e ainda, de fazer do corpo um instrumento de manifestação dizendo algo à sociedade?

Estes aspectos despertaram o interesse desta pesquisa. Que toma o corpo como objeto de estudo, considerado um dos objetos mais contraditórios da sociedade contemporânea, já que tem sido crescente sua glorificação, exploração e exibição pública principalmente nos grandes centros urbanos desde o início de século XXI. Essa crescente exposição do corpo tem levado os indivíduos a buscarem novos aspectos para ele. E por isso, ora estão em volta de novas formas de manter o corpo dentro de modelos construídos e dominantes, ora em formas de se distanciar destes. Isto se dá porque o corpo não é algo estático, ele tem sido reinventado constantemente, um processo que vem alterando significativamente a relação que os indivíduos têm com ele (PAIM; STREY, 2004). Aqui, não se fala apenas do corpo biológico, afinal, esclarece Le Breton (2007, p. 7) o corpo deve ser pensando também no sentido **cultural** e **simbólico** – perspectiva esclarecida por Paim e Strey (2004, p. 2) quando afirmam que “o corpo humano é socialmente construído. É construído, no sentido simbólico-cultural humano, visto que assume significados diferentes ao longo da história, mas também é materialidade, permanência e identidade”. Assim, vê-se que o corpo é um lugar físico de várias possibilidades subjetivas e identitárias, por isso pode ser marcado ou diferenciado literalmente por estas, permitindo que os indivíduos reflitam nele suas escolhas. E o que era antes preservado, guardado, agora é amplamente exposto na coletividade através de vários instrumentos, entre os quais se encontra a mídia, principal disseminadora da cultura para o Ocidente na época atual. Por isso, o trabalho também busca compreender o papel da mídia neste processo.

Ao analisar estes aspectos no grupo específico dos adeptos da *body modification* e a teoria acerca do que se constitui o corpo simbólico e cultural para eles, espera-se compreender novos aspectos da subjetividade e da identidade dos indivíduos na atual sociedade e como se dá estas escolhas. Já que construção da identidade é um processo, ela não se dá de maneira simples e transparente na sociedade. Seu estudo permite construir e definir a

forma de pensar, sentir e agir no mundo, mesmo sendo forjadas pelos diferentes equipamentos sociais.

O que se vê é que mesmo a sociedade estando imersa em profundas transformações, independente da camada social a que o indivíduo esteja vinculado, há possibilidade de produzir rupturas, outras construções e conexões, outras subjetividades que não as hegemônicas. Dessa forma, entende-se o sujeito não como possuidor de uma natureza ou essência, mas como produtor, nunca algo acabado, mas em constante movimento, com possibilidades ilimitadas de ser (COIMBRA; LEITÃO, 2003, p.4).

Hall (2005, p. 13) esclarece ainda que

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

O autor afirma aqui que a transformação é uma constante no processo de construção da identidade, e o que se percebe na atualidade é que ela tem passado por mudanças substanciais. Uma das principais, afirma Hall (op. cit.), é a multiplicação de sistemas de significação e representação cultural, e é justamente nestes sistemas que se enquadram as mídias. Seus usos obtiveram um crescimento significativo no mundo nas últimas décadas, e conseqüentemente passam a influenciar de forma maior a formação das identidades e a constituição das subjetividades globalmente. Suas mensagens

tendem a cultivar o belo e o perfeito⁴, fazendo surgir uma cultura da imagem. O estudo da mídia e de sua inserção no processo de formação cultural possibilita a compreensão, de maneira mais ampla, das transformações pelas quais passam os indivíduos na contemporaneidade.

Nestas transformações se destaca a maneira como se constitui a identidade, pois agora ela se desloca da interioridade para a exterioridade, formando as identidades somáticas, ou seja, as bioidentidades. Estas identidades são estabelecidas por aspectos do corpo. Agora o “eu” não está apenas no que eu penso, mas naquilo que eu mostro. E em que lugar eu posso mostrar? Posso mostrar quem eu sou no meu corpo. Este aspecto se deu pelo destaque dado na sociedade, ao longo das últimas décadas, aos diversos cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos que deslocam a construção e descrição de si para o exterior (ORTEGA, 2003).

Assim, com a amplitude de informação difundida pela mídia e com a possibilidade dos indivíduos assumirem diferentes identidades na busca de si, muitas vezes estes se deparam com práticas identitárias somáticas absolutamente novas, outras vezes, estranhas, ou mesmo, avessas à sua cultura do cotidiano. É o caso de algumas práticas corporais⁵ tratadas neste trabalho que embora já conhecidas em nossa sociedade, até pouco tempo eram restritas apenas às culturas tribais⁶. Assim, entender esse processo de construção de si e em quais aspectos eles estão alicerçados, como o corpo se insere e até que ponto a mídia o permeia são aspectos relevantes deste trabalho.

Os adeptos da *body modification* constituídos enquanto grupo já vem sendo estudado por teóricos sociais no Brasil, mas ainda necessita de investigações científicas que possam explorar mais detalhadamente aspectos sociais, culturais e midiáticos que os permeiam, principalmente na região Centro-Oeste, onde se dá esta pesquisa.

Assim, como objetivo principal esta pesquisa se propõe analisar o processo de subjetivação, as formas de socialização no qual estão inseridos os

⁴ Esses padrões normalmente seguem os conceitos Ocidentais e serão mais trabalhados no decorrer da pesquisa.

⁵ Entendemos as práticas corporais como uma parte importante da construção da identidade individual. Este aspecto será exposto ao longo do trabalho.

⁶ Suspensão corporal é uma dessas práticas, seu conceito será apresentado mais a frente no trabalho.

adeptos das transformações corporais, e ainda quais os meios de comunicação que estes indivíduos utilizam para disseminar estas práticas na região centro-oeste; por específicos, identificar qual a função atribuída a transformação corporal: significação cultural e significação social, através dos discursos dos jovens adeptos destas práticas; analisar porque os jovens praticam transformações corporais tão radicais, já que com elas seus corpos se distanciam do padrão estético predominante na atual sociedade ocidental; verificar se há a existência de diferentes graus de transformações corporais entre os jovens que estejam relacionadas a classe social e/ou a diferenças étnicas; identificar se os praticantes da *body modification* sentem algum tipo de discriminação social na vida cotidiana em sociedade, e ainda, identificar qual a faixa etária, classe social e o nível de escolaridade dos adeptos das transformações corporais.

Para adentrar neste campo tão amplo, propôs-se a pesquisa qualitativa e exploratória, em que foram percorridos alguns *studios* de *body modification* e também foram alcançados alguns adeptos dessas práticas, inspirando-se na Etnografia a pesquisa faz uso da Observação Participante e da Entrevista semi-estruturada. Pois pesquisar os indivíduos em seu próprio ambiente possibilita trazer uma maior riqueza de detalhes e compreensão da realidade na qual estão inseridos e ainda, outros aspectos sociais e culturais antes desconhecidos da pesquisadora.

Tal metodologia auxiliou a compreensão da constituição do sujeito, uma problemática complexa na pós-modernidade, e por isso foi requerido do trabalho um aporte teórico específico. Sendo assim, o presente trabalho foi estruturado em oito capítulos. No primeiro foi apresentado e delimitado o tema e a justificativa, bem como os objetivos geral e específicos. No segundo, para efeito introdutório das questões do corpo, pretende-se apresentar uma reflexão sobre a Comunicação, a teoria dos Estudos Culturais e o estudo do Corpo, contextualizando ainda, a sociedade de consumo. No terceiro capítulo, abordou-se a temática da Identidade e Subjetividade, a influência que a mídia exerce sobre ela na pós-modernidade e as principais transformações pelas quais passaram nas últimas décadas. O quarto capítulo se propõe apresentar as questões relativas ao corpo com a abordagem acerca das bioidentidades e identidades somáticas que passam a se configurar como uma identidade

possível na atualidade. No capítulo quinto, foi apresentado o conceito de Body Modification, surgimento, história e outros aspectos relativos às práticas de modificação corporal como é entendida hoje. O sexto capítulo abrange a escolha metodológica que rege o trabalho, a etnografia. A descrição dos dados coletados através da metodologia encontra-se no capítulo sétimo com as respectivas análises.

2. A COMUNICAÇÃO, OS ESTUDOS CULTURAIS E O CORPO

A comunicação como campo de estudo científico só tomou forma recentemente. A partir da década de 1960 é que de fato as teorias da comunicação começaram a ser agrupadas e tratadas como um campo de estudo. Porém, até os nossos dias, existe grande divergência quanto à sua cientificidade e ao seu objeto de estudo e nenhuma das teorias que surgiram conseguiram abranger um conjunto de conceitos e disciplinas que definissem a comunicação como ciência – o saber epistemológico. O que se têm são teorias que abordam os fenômenos comunicacionais a partir dos meios tecnológicos de comunicação e da análise da cultura de massa, não respondendo a amplitude do conhecimento dos fenômenos comunicacionais (MARTINO, 2007).

No entanto, não se pode desmerecer as teorias da comunicação, pois todas deram sua contribuição para se entender a comunicação como é apresentada e constituída hoje. E ainda, as teorias surgem com a evolução dos estudos e vão se sobrepondo umas as outras. Este é o processo de produção da ciência, e tem um efeito muito favorável, pois desencadeia o seu progresso (BERGER, 2005).

Neste sentido, os teóricos tendem a considerar a comunicação como um campo do conhecimento que está em construção que não deve ser limitado unicamente ao estudo dos meios de comunicação de massa, já que estes meios são apenas um fenômeno empírico que não consegue estabelecer uma relação com a teorização do conhecimento. Mas sim, um campo que deve ser visto como uma “[...] interação social comunicacional em funcionamento, com objetivos, processos e tensões plurais” (BRAGA, 2001, p. 24).

Outro campo de estudo que surgiu e que ainda tem possibilitado o aumento da compreensão do homem e de suas interações sociais são os Estudos Culturais. Nas teorias da comunicação este campo está alinhado com o paradigma culturológico (ESCOSTEGUY, 2005; TEMER, NERY, 2009). Ele nasce em 1964, “[...] através do *Centre for Contemporary Culture Studies* (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra” (ESCOSTEGUY, 2005, p. 152). Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Tompson foram os precursores deste estudo.

Embora tivessem divergências teóricas entre si, eles afirmavam que através da análise da cultura da sociedade, tanto das formas textuais, quanto das formas documentadas, pode-se compreender as ideias e comportamentos padronizados dos indivíduos. Eles também ampliam o conceito de cultura, afirmando que ela não pode ser tratada como algo homogêneo e monolítico, pois sofre influência da formação social, da época histórica, do grande número de interações ativas e ainda, das práticas econômicas. Todos estes conceitos se relacionam com a constituição do sentido cultural. A cultura, então, deve ser entendida como um conceito aberto que põe em foco todas as formas simbólicas que produzem sentidos (ESCOSTEGUY, 2005).

No entanto, “os estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam [...]”, isto se deu como resultado da insatisfação e dos limites de algumas disciplinas, afirma Escosteguy (2005, p. 159). Por isso, aliando o conceito dos Estudos Culturais que ganharam relevância no campo científico e acrescentaram novos objetos de investigação, tais como as questões de gênero, raça e etnia, ao estudo da Comunicação e de suas interfaces, passa-se a ter uma base ampla para edificação do conhecimento na contemporaneidade.

Numa época marcada pelo aumento dos meios de comunicação, principalmente no que tange às tecnologias digitais, facilitando a troca de informações simultaneamente entre diversas partes do mundo, Stuart Hall (s/ano, p. 2), afirma que

Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e idéias.

E não apenas isso, a mídia consegue encurtar velocidades, quebrar a barreira do tempo e do espaço. Provocando revoluções na cultura em nível global, impactando os modos de viver, o sentido que as pessoas dão a vida, suas aspirações para o futuro, em síntese, revolucionando a cultura e o social num sentido local (ibid, s/ano).

Mas de que mídia se tem falado? Lima afirma que a mídia é

o conjunto de instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a mídia implica na existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação mediatizada. Este é um tipo específico de comunicação que aparece tardiamente na história da humanidade e se constitui em um dos importantes símbolos da modernidade. Duas características da mídia são a sua unidirecionalidade e a produção centralizada e padronizada de conteúdos. Concretamente, quando falamos da mídia, estamos nos referindo ao conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa (LIMA, 2003, p.35).

No entanto, é preciso pensá-la mais que instrumentos físicos de comunicação. É preciso refletir sobre a mídia como integrante dos processos comunicativos, com interações importantes que determinam a própria função da comunicação.

Pross⁷ (apud BAITELLO, 2000, p. 2) apresenta uma definição mais ampla para o termo mídia. O autor traz um conceito de mídia não apenas como instituição que utiliza recursos tecnológicos, mas como um sistema de mediação e a classifica em três: mídia primária (o corpo como mídia), mídia secundária (o corpo usando uma ferramenta para se comunicar com outro corpo) e mídia terciária (os corpos envolvidos no processo utilizando ferramentas), ou seja, o corpo presente em todos os níveis da comunicação. Para o autor, “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara⁸ e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a este ponto” (PROSS, 1971 apud BAITELLO, 2000, p. 2).

Sobre a mídia primária, Pross (op. cit.) segue afirmando que existem infinitas e ricas possibilidades comunicativas, desde expressões do olhar, passando pela postura dos ombros, sons articulados e inarticulados, odores, cerimoniais, ritmos e repetições, rituais, até chegar às línguas naturais (inclui-se aqui a linguagem verbal falada). Porém não se deve esgotar o estudo da

⁷ Harry Pross é um autor clássico; seu primeiro trabalho chama-se *Medienforschung* (Investigação da Mídia) datado de 1971. Neste trabalho o autor propõe uma classificação simples dos sistemas de mediação, a chamada mídia (BAITELLO, 2000).

⁸ Hoje temos as salas de bate-papo e as redes sociais da Internet que produzem este encontro, porém virtualmente. No entanto, o corpo está antes das máquinas.

mídia primária apenas aos aspectos relacionados às aparências expressivas dos gestos e seu mapeamento, mas deve-se expandi-la na investigação das “[...] complexas operações de cruzamentos de códigos (desde predisposições biológicas até hábitos étnicos, culturais e religiosos) e reconstituições culturais hipotéticas, ao lado das documentações históricas e sociológicas [...]” (BAITELLO, 2000, p. 3).

Já a mídia secundária, para Pross (op. cit.), é constituída por “meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que este necessite de um aparato para captar seu significado [...]”. Portanto, podem ser consideradas mídias secundárias a imagem, a escrita, a fotografia, bem como seus desdobramentos: panfleto, livro, revista, jornal, entre outros. Nesta mídia, “apenas o emissor se utiliza de prolongamentos para aumentar o seu tempo de emissão, ou seu espaço de alcance, ou seu impacto sobre o receptor [...]” (op. cit), ele se vale de aparatos, objetos ou suportes materiais que transportam sua mensagem. Este fator foi importante para a evolução da comunicação como sistema amplo de significações, o que provocou também a expansão das fronteiras do imaginário e da cultura.

A última mídia considerada por Pross (op. cit.) é a terciária, que são os “meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor”. Enquadram-se aqui a telefonia, o cinema, o rádio, a televisão, a Internet e todos os produtos da indústria fonovideográfica.

Assim, conclui Baitello (2000), é preciso pensar que a comunicação humana é um sistema complexo e que permite a acumulação de sentido. Dessa forma, a “mídia secundária não suprime nem anula a mídia primária que continua existindo enquanto núcleo inicial e germinador”. E também, “a mídia terciária não elimina a primária nem a secundária, mas apenas acrescenta uma etapa à anterior” (op. cit).

Porém, na atualidade as reflexões sobre a mídia terciária constituí os principais objetivos dos estudos da comunicação humana. Todavia, nem a mídia terciária, nem as mídias secundária ou primária suprimiram o corpo. Aliás, “é impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens [...]” (BAITELLO, 1999, p. 5). O que ocorre, segundo Baitello (op. cit.), é que “o homem, em sua inquietude e

criativa operosidade, procura aumentar sua capacidade comunicativa, criando aparatos que amplifiquem o raio de alcance de sua ‘mídia primária’” (op. cit.). Dessa forma, primeiramente surgiram as máscaras, as pinturas corporais, as roupas, os adereços, depois os aparatos substitutos do próprio corpo, a escrita e todos os seus desenvolvimentos, para, por fim, chegar ao que se tem na modernidade, como telefones, rádio, televisão e agora, por último, o computador com a Internet e suas ferramentas.

A teoria apresentada por Pross data dos anos 1970, e embora encontre alguns seguidores atualmente, ainda não é amplamente aceita. Por isso, outros pesquisadores contemporâneos se propõem a pensar a mídia sob outras perspectivas. Nesta busca surge Downing (2001), ele apresenta uma teoria pela qual se pode pensar o papel do corpo na comunicação. Para Downing (2001) estamos vivendo a era das “mídias radicais” em que o papel da mídia é revisto e ampliado, pois a mídia deve ser pensada muito mais que instrumentos físicos. Para ele o termo mídia radical refere-se “à mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas”. E revela ainda, que uma das razões para ele se dirigir a este novo conceito de mídia é o de preencher uma lacuna bastante significativa. Assim, para ele, a mídia não é apenas rádio, televisão, jornal, cinema, mas qualquer forma de comunicação entre pessoas ativas, onde a comunicação possa ser experimentada, mediada ou não por aparelhos. Aqui, enquadram-se, segundo o autor, desde vestuário (mídias têxteis), música, broches, adesivos, teatro, histórias em quadrinhos, ação comunicativa na internet, entre tantas outras. Porém, este “é um fenômeno misto, muitas vezes livre e radical em certos aspectos, mas não em outros” (ibid. p. 39).

Todavia, percebe-se aqui a importância e pertinência do estudo do corpo na comunicação, e ainda, a interação entre as ciências da comunicação e as ciências da cultura para que haja complementaridade entre as mídias, já que esta interação

[...] permite observar a importância dos vínculos como relações entre corpos que acontecem nas mídias primária, secundária e terciária e, especialmente, pleitear a urgente reflexão sobre o fato que normalmente é olvidado nos estudos das Teorias da

Comunicação: os corpos estão antes e depois das máquinas (PROSS apud MENEZES, 2004, p. 28).

Assim, por entender que este conceito mais amplo de mídia se enquadra mais apropriadamente aos estudos da Comunicação, por conseguir abarcar mais apropriadamente o seu campo de estudo, esta pesquisa se apropria dele.

Porém, mesmo com a amplitude dos conceitos das mídias, não se pode deixar de levar em conta o espantoso crescimento da mídia terciária nas últimas décadas. Este crescimento provoca inúmeras mudanças no indivíduo e conseqüentemente, na sociedade. Por isso, há uma grande tendência em estudar os meios de comunicação a partir da óptica da influência desses meios na constituição da identidade⁹ (ESCOSTEGUY, 2005), uma vez que, a mídia tem sido a principal disseminadora da cultura, o que fez surgir o que os teóricos chamam de Cultura da Mídia.

Kellner (2001, p. 9) afirma que a cultura veiculada pela mídia: rádio, televisão, cinema e outros produtos da indústria cultural, ajuda a tecer a vida cotidiana, dominar o tempo de lazer, modelar opiniões políticas e comportamentos sociais e ainda, proporcionar o material com que muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”, ou seja, suas identidades. Aqui, aliando este conceito apresentado por Kellner com a definição de mídia apontada por Downing (2001), pode-se falar na formação de identidades a partir das mídias, visto que fazem parte de um processo. Com estes conceitos agrupados no entendimento da mídia fica mais claro perceber sua influência e importância na sociedade atual.

Pois a influência da mídia e a cultura a ela atribuída se dá de várias formas, entre elas se destaca as narrativas e as imagens vinculadas. Elas conseguem fornecer “os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões

⁹ Wolf (2008, p. 272) com base em Jacques (1982, p. 165) e Fabri (1973, p. 75) afirma que “[...] colocam-se e se tornam pertinentes os estudos que fazem parte da ‘alma de comunicação’ da pesquisa em mídia, ou melhor, os estudos que ‘superam o passo entre uma teoria física dos fenômenos de propagação e uma teoria real da comunicação’ (Jacques, 1982, p. 165). Trata-se, certamente, de um âmbito disciplinarmente heterogêneo, rico em dificuldades na aplicação metodológica dos modelos teóricos, mas indispensável para a pesquisa sobre os meios de comunicação de massa, uma vez que vincula a análise desses fenômenos de comunicação às suas ‘condições de funcionamento e não de função’ (FABRI, 1973, p. 75)”.

do mundo de hoje. [...] produzindo uma nova forma de cultura global” (Kellner, 2001, p. 9). Estas mensagens comunicacionais, reais ou simbólicas criam uma pedagogia cultural. Por meio delas, há a desestabilização e produção de novas identidades, que se tornam instáveis para os sujeitos. Tudo isso faz parte de um processo de mercadorização, em que se criam novos segmentos para novos produtos ou novas identificações, seguindo a lógica do capital (ibid, 2001, p. 328).

A propaganda, a moda, a televisão, o cinema, a Internet e outros instrumentos das mídias constroem e tratam a imagem como principal meio de transmissão de valores e significados. Por isso, os estudiosos dizem que atualmente se vive numa época visual. Kellner (2001, p. 329), afirma que as

[...] imagens projetam modelos sociais e sexuais, formas apropriadas e inapropriadas de comportamento, estilo e moda, além de comportarem engodos sutis que levam à identificação com certas identidades e à sua imitação, enquanto se evitam outras. Houve um tempo em que a identidade era aquilo que se era, aquilo que se fazia, o tipo de gente que se era: constituía-se de compromissos, escolhas morais, políticas e existenciais. Hoje em dia, porém, ela é aquilo que se aparenta, a imagem, o estilo e o jeito como a pessoa se apresenta (op. cit.).

A partir dessa perspectiva, Kellner (op. cit) vê-se que a identidade tem se dado em aspectos relacionados ao corpo¹⁰, às suas performances e práticas, tornando-se, por isso, vulnerável e sujeita a mudanças ocasionais, pois agora os indivíduos podem mudar ou reconstruir a qualquer momento a sua identidade. Isto pode ser visto como uma certa vantagem, já que antes ela era fixa. Em contrapartida, estas mesmas identidades se tornaram descartáveis, marcadas por aspectos visuais muito frágeis e dissolúveis.

Esse poder social é apontado também por Lipovetsky (2004, p. 68) quando afirma que ‘as mídias’ exercem um poder social em matéria de transformação dos modos de vida, dos gostos e dos comportamentos. Cabe então, a análise de como esse processo tomou forma, e de como a mídia conseguiu de certa forma uma “padronização dos gostos”.

Para contextualizar, o surgimento da mídia se deu nos anos 1920. Foi a partir dessa década que a publicidade passou a empenhar-se na

¹⁰ Este aspecto da identidade será tratado mais detalhadamente no próximo capítulo.

desestruturação dos costumes locais e dos comportamentos tradicionais, para passar a propagar ideias modernas de conforto, juventude e novidade. Nos anos 1950, Lipovetsky (op. cit) completa, a publicidade vira uma máquina de uniformização sem trégua, tornando-se capaz de produzir uma ‘felicidade conformista’, materialista e mercantil. E os outros meios também foram influenciados, “o mesmo vale para jornais, rádio, cinema e televisão, que adquiriram um imenso poder de uniformização dos gostos e das atitudes. [...] Mesmo os gestos mais cotidianos tendem a homogeneizar-se” explica Lipovetsky (op. cit).

Estes aspectos do surgimento da mídia bem no início dos estudos despertaram a atenção de Horkheimer e Adorno, no ano de 1947, para a noção do conceito de Indústria Cultural. Adorno (1987, p. 287) afirmava que “a indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto de seus consumidores” e que juntando os elementos que são bastante correntes, ela atribui-lhes uma nova qualidade. “Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo” (ibid, p. 287).

Desde aquela época até a atual a mídia vem sempre seguindo o mesmo processo de padronização e de massificação dos modos de vida. As imagens publicitárias vão penetrando no íntimo dos indivíduos, em especial no que diz respeito à aparência do corpo, que neste momento passa a trazer modelos, uma normatização quase que obsessiva, e embora não sejam obrigatórios, não deixam de ser seguidos e desejados, afirma Lipovetsky (op. cit).

Posto isso, faz-se necessário compreender a atual cultura da mídia, como uma cultura de consumo também, já que suas mensagens se tornaram mercadorias simbólicas, que são pensadas, produzidas e adaptadas para seguir modelos que sejam aceitáveis pelo público, ou no caso, pelo consumidor. Instala-se o capitalismo¹¹ e a preocupação com a produção de

¹¹ O capitalismo é entendido como um modo de produção específico, que se perpetua até os nossos dias. Ele “não cria apenas mercadorias para os consumidores, mas igualmente, ‘produz’ os consumidores para suas mercadorias” (BARREIRA, 2005, p.1). Para estes consumidores ainda, não existe uma relação direta entre os indivíduos e seus trabalhos de produção; trata-se apenas da compra de mercadorias em si. Eles não veem a “relação material e social entre o produtor e o produto”, criando deste modo uma ilusão sobre a mercadoria – fetichismo da mercadoria – demonstrando assim, que nesse modo de produção, o capitalismo, a atividade humana assume a forma de coisa. O precursor dessa ideia foi Karl Marx, que ainda

signos, imagens e sistemas de signos, não mais com as mercadorias, afirma Baudrillard (1995, p. 59-60). Para ele o consumo passa a ser entendido como um processo de comunicação, classificação e diferenciação social, o que nos leva diretamente para a sociedade do consumo.

Até aqui é possível identificar muitos aspectos da cultura: cultura da mídia, cultura de consumo e cultura visual. O que se percebe é que o termo cultura assumiu vários conceitos ao longo da história, e hoje, na pós-modernidade há uma tendência em estabelecer uma relação intrínseca entre cultura e vida social. Isto se dá “na forma estética da mercadoria, da espetacularização da política, do consumismo, do estilo de vida, da centralidade da imagem, e da integração final da cultura dentro da produção de mercadorias em geral” (ibid. 48 -51).

Dentre, então, as definições que foram apresentadas sobre cultura destaca-se a cultura de consumo, visto que esta tem se tornado o fim de todas elas. Por isso, faz-se necessário compreender como o corpo se insere na cultura de consumo.

2.1 A CULTURA DE CONSUMO E O CORPO

A cultura de consumo, apoiada pelas profundas transformações sociais, só se tornou uma área de estudo importante para as ciências sociais e humanas recentemente, afirma Mancebo (2002, p. 325).

Seu início, porém, remete ao século XIX, quando além de se estabelecer os princípios da Revolução Industrial – entendida aqui não só como um conjunto de inovações tecnológicas, mas principalmente como um processo que resultou em profundas transformações sociais, econômicas e culturais em todo o Ocidente – começam a surgir mais ordenadamente, em Paris e Londres, as primeiras grandes lojas de departamento, e através delas uma verdadeira “cultura de consumo”.

Neste momento, com o surgimento de um “processo civilizador”, nasce também uma dimensão simbólica e cultural envolvendo o consumo. A partir

trata em sua teoria do consumo sobre a alienação e a opressão das classes trabalhadoras. (MANCEBO et al. 2002, p. 326 -328; BARREIRA, 2005, p. 3).

daí, o consumo pode ser entendido não só como a compra de bens materiais para satisfação das necessidades, mas também como o consumo de imagens e de valores para a sociedade.

As principais perspectivas acerca desta cultura são apontadas por Featherstone (1995, p. 31). O autor afirma que há três perspectivas fundamentais sobre esta cultura: a econômica, a sociológica e a psicológica.

A econômica tem como premissa o modo de expansão capitalista de mercadorias, que gerou uma ampla acumulação de material na forma de bens e locais de compra e consumo, resultando “na proeminência cada vez maior do lazer e das atividades de consumo nas sociedades ocidentais contemporâneas” (op. cit.). O que alguns veem como fenômeno positivo, pois teria resultado em maior igualitarismo e liberdade individual, são considerados por outros como “alimentadores da capacidade de manipulação ideológica e controle ‘sedutor’ da população, prevenindo qualquer alternativa ‘melhor’ de organização das relações sociais” (op. cit.).

A sociológica é a segunda perspectiva. Nela o autor afirma que a relação entre a “satisfação proporcionada pelos bens e seu acesso socialmente estruturado é um jogo de soma zero, no qual a satisfação e o status dependem da exibição e da conservação das diferenças em condições de inflação” (op. cit.). Neste caso, as pessoas tendem a usar as mercadorias como forma de criar e estabelecer distinções e demarcações sociais.

A última perspectiva é a psicológica, pois o consumo gera prazeres emocionais, sonhos e desejos “no imaginário cultural consumista e em locais específicos de consumo que produzem diversos tipos de excitação física e prazeres estéticos” (op. cit.).

Padilha (2006, p. 83-84) também faz uma reflexão sobre a sociedade que está inserida na cultura de consumo – “a sociedade de consumo”. Ela afirma que alguns autores partem de um referencial marxista, criticando o capitalismo e o consumismo como importantes fatores de alienação dos indivíduos, pois sob esta perspectiva o valor-de-troca da mercadoria se sobrepõe ao seu valor-de-uso. Alguns autores, continua a autora, saem da crítica marxista fazendo um elogio à “sociedade de consumo”, defendendo a teoria da satisfação das necessidades e o favorecimento da autonomia individual. Outros, porém, completa, até concordam com a teoria marxista de

que a “sociedade de consumo” não é democrática, porque o acesso a determinados bens é diferenciado, mas acham um exagero considerar os consumidores seres passivos que são facilmente dominados pela publicidade e, portanto, alienados.

Para Baudrillard (1995), todavia, a “sociedade de consumo” deve ser analisada e compreendida a partir da demarcação das relações sociais que se desenvolvem com o consumo, que se tornou ao longo do tempo um processo de classificação e diferenciação social. O autor afirma que nunca se consome o objeto em si (valor de uso) – os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal, quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior (BAUDRILLARD 1995, p. 60).

Estas demarcações sociais estão relacionadas a aparatos externos, outro traço importante da atual sociedade, em que há a dominação do exterior em relação ao interior do indivíduo. Este é um dos principais aspectos explorados pela publicidade que torna ainda mais crescente a exposição de imagens e também a glorificação do corpo, sobretudo do “[...] corpo reificado, fetichado, modelizado como ideal a ser atingido em consonância com o cumprimento da promessa de uma felicidade sem máculas”, fazendo com que a exploração e exibição pública do corpo sejam cada vez maiores (SANTAELLA, 2004, p. 126). Se antes ele era preservado, guardado, agora é amplamente exposto na coletividade, levando os indivíduos a buscarem cada vez mais formas de manter o corpo dentro dos modelos construídos.

O corpo, afirma Baudrillard (1995, p. 136), tornou-se o mais belo objeto de consumo, uma espécie de salvação, substituindo literalmente a função moral e ideológica da alma. Assim, no corpo pode estar a salvação ou condenação dos indivíduos. Para conseguir a salvação o corpo precisa estar alicerçado nos padrões de beleza dominantes, e por isso vive sob a ditadura da beleza e é alvo de toda espécie de sacrifícios, de inúmeros cuidados e até mesmo da profunda adoração. Baudrillard (op. cit.) ainda afirma que como o corpo é o grande objeto de salvação, nada melhor do que o usar para vender, passando a constituir a beleza e a sexualidade uma forma de capital. Neste cenário, tenta-se alcançar a fonte da juventude ou algo que os tornem mais belos, sendo que o belo está associado à magreza, à linha e à uma dieta

rigorosa. Baudrillard (1995, p. 149) finaliza afirmando que “esta beleza imperativa, universal e democrática, inscrita como direito e dever de todos no frontão da sociedade de consumo, manifesta-se indissociável da magreza”.

Com isto, os processos de alteração do corpo se tornaram frequentes, fazendo com que a identidade, o corpo e o consumo passassem a ser influenciados um pelo outro, de modo a interferir nas decisões dos indivíduos. Um fenômeno que não enquadra apenas as modificações corporais mais aceitas na sociedade, como as cirurgias estéticas, mas também as menos aceitas, como tatuagens e piercings, tornando o corpo tanto um *locus* como um bem de consumo. Dessa maneira se conseguiu legitimar as modificações do corpo, tornando-as aceitáveis, e colocando aos indivíduos o poder de construção de suas identidades.

Isto se torna mais evidente nos centros urbanos, em que é cada vez maior a glorificação do corpo e a influência das mídias, fazendo com que ele assuma um papel tão importante para os indivíduos que estes fazem quase tudo para manter seu corpo dentro de padrões construídos e dominantes, abrindo espaço para a indústria do corpo e da beleza. Tais imagens exercem uma grande força subliminar, tanto que mesmo tendo consciência do seu poder, não se está livre de sua influência inconsciente. E com o advento da propaganda, do marketing e das novas tecnologias, têm sido desenvolvidos aparatos *psi* cada vez mais eficientes para compreender e agir sobre as relações entre pessoas e produtos em termos de imagens do eu, de seu mundo interior, de seu estilo de vida e, sobretudo, do seu invólucro corporal, fazendo do corpo um objeto de consumo totalmente fragmentado (SANTAELLA, 2004, p. 126).

Sendo assim, as perspectivas apresentadas tornam a compreensão do corpo uma tarefa também da comunicação, aliada à cultura. Pois se a sociedade imprime no corpo significações – signos – que podem ser explicadas por razões sociais, de ordem ritual ou estética, as culturas, aqui em especial, as culturas juvenis, buscam a diferenciação/ identificação por meio das escolhas e apropriações simbólicas, ou seja, por meio do consumo; não há, para nós, outra alternativa a não ser escolher: ‘eu sou o que eu consumo’. Tais escolhas e apropriações simbólicas são lugares de produção de sentidos atravessados por racionalidades ligadas à sociedade, à economia, à política e

ao imaginário. O consumo não é apenas o lugar da alienação, da passividade, mas serve também para pensar, expressar-se, para dizer 'quem sou' no mundo. E a apropriação e o consumo cultural são chaves indispensáveis para se pensar o homem moderno e suas representações (OLIVEIRA, 2007).

Neste contexto, Oliveira (2007) afirma que os jovens constroem e expressam sua identidade tendo como referências complexas escolhas de consumo simbólicos que estão disponíveis em um hipermercado de imagens, nas suas andanças pela metrópole. E que os corpos e sua aparência possuem importância vital nesse processo, pois assumem o lugar de reconhecimento, singularidade e pertencimento.

Dentro ainda dessa mesma concepção, pode-se dizer que a cultura de consumo aparece como agente transformador no processo de construção corporal na modernidade, passando a fazer dele uma mercadoria e também uma mídia. Pois como a sociedade de consumo tende a relacionar tudo a uma forma de bem, o corpo se transforma em um capital, passando a requerer cuidados e investimentos, bem como, sai do status de suporte do ser, para tornar-se material da exteriorização do ser. Um processo complexo, mas que todos os indivíduos passam por ele, de maior ou menor maneira.

3. IDENTIDADE EM CRISE

Entender o homem nas suas relações sociais constitui uma importante tarefa dos estudiosos sociais, pois proporciona uma compreensão das sociedades micro, bem como vai tecendo uma teia de conhecimento da sociedade macro. Como ponto de partida na busca de uma compreensão social é preciso saber mais de si. Então, partindo deste pressuposto pode-se pensar: quem é o homem de hoje? Visto que vive imerso numa realidade transformada pelas mudanças sócio-históricas da Pós-modernidade¹², e as implicações que este período histórico traz?

A ideia de que o ser humano tem um caráter único e potencialidades sociais, a própria questão da auto-identidade, é algo bem recente; é um problema moderno, talvez originado no individualismo ocidental, como afirma Giddens (2002, p. 74). Ele completa, a auto-identidade constitui para nós uma *trajetória* através das diferentes situações institucionais da modernidade por toda a *duração* do que se costumava chamar de “ciclo de vida”, um termo que se aplica com maior precisão a contextos não-modernos que aos modernos.

¹² Anderson (1999, p. 9), afirma que a ideia de pós-modernismo teve sua origem na década de 1930, no mundo hispânico, inicialmente criada para descrever uma ideia oposta ao modernismo na literatura. Curiosamente, este surgimento se deu uma geração antes do termo aparecer na Inglaterra ou nos Estados Unidos, sendo contrário ao que muitas pessoas pensam. É importante destacar que o período pós-moderno se contrapõe ao moderno, na medida em que este se apoia no paradigma estruturalista e na racionalidade e aquele se apoia no pensamento que conduz a desestrutura filosófica (TAVARES, 2004, p. 125). A aplicabilidade do termo pós-moderno, no entanto, só ganhou difusão a partir dos anos 1970, embora até aí estivesse resumido apenas à literatura e arquitetura. Foi então que em 1979 foi publicada em Paris a primeira obra filosófica a adotar a noção de pós-modernismo como entendemos hoje – como uma mudança geral na condição humana – *A condição pós-moderna*, de Jean-François Lyotard. Nela o autor ligava a chegada do pós-modernismo ao surgimento de uma sociedade pós-industrial “na qual o conhecimento tornara-se a principal força econômica de produção numa corrente desviada dos Estados nacionais, embora ao mesmo tempo tendo perdido suas legitimações tradicionais” (ANDERSON, 1999, p. 32). Porém, o termo ainda é motivo de grandes controvérsias entre os próprios teóricos, pois existem várias definições e argumentações para a sua aplicação. Featherstone (1995, p.17) afirma que “um dos problemas é que o termo está em moda e, ao mesmo tempo, é irritantemente difícil de definir”. Para o autor, o “pós-modernismo” não é apenas um termo acadêmico, que foi impulsionado por movimentos artísticos. O termo diz mais que isso. Diz sobre algumas das mudanças culturais pelas quais a sociedade contemporânea tem passado. Essas importantes transformações precisam ser examinadas em termos de processos intra-sociais, intersociais e globais (FEATHERSTONE, 1995, p. 17-30), pois só assim, analisando todas as facetas do pós-modernismo, pode-se compreender melhor a atual sociedade e saber quais rumos ela poderá tomar. No entanto, esta pesquisa não tem a pretensão de resolver tal conflito teórico, mas apenas ressaltar com esse comentário que vivemos em um mundo em constante transformação e que por esta percepção há um concordância com a utilização do termo pós-modernidade.

Cada um de nós não apenas “tem”, mas *vive* uma biografia reflexivamente organizada em termos do fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida.

Nos séculos anteriores, pode-se dizer, de maneira abrangente, que a identidade era algo fixo, pois era estabelecida pelas instituições sociais tais como a família, as instituições religiosas e as instituições políticas. Juntas ou separadas, elas diziam o que o indivíduo podia esperar de si, baseadas principalmente por sua origem familiar e étnica. Fugir a esta determinação social era sem dúvida uma tarefa que exigia um grande esforço, em que poucos se aventuravam a realizar.

Todavia, estas instituições sociais foram perdendo significativamente sua influência na sociedade a partir da Modernidade, sendo marcada por processos decisivos na história humana: a morte da divindade e o fim do domínio aristocrático. Ou seja, a corte perde importância no mundo, e o torna, cada vez mais, urbano e econômico, regido por outros modos de relação. É nesta época que se dá o surgimento do indivíduo, enquanto ser autônomo, “que não crê em uma ordem sobre-humana, a quem não resta outra alternativa senão crer na materialidade manifestada do corpo” (SILVA, 1999, p. 9). A cultura também não ficou imune a este processo; antes vinculada ao pensamento religioso, passa nesse momento do sujeito divino para o sujeito humano, cada vez menos contemplativo e mais trabalhador, centrado na materialidade das coisas. O trabalho passa a ser entendido como um instrumento de ascese, e o “indivíduo”, caracterizado por essa conduta ascética, está muito menos preocupado com as dádivas divinas do outro mundo do que com a construção desse merecimento aqui neste mundo” (SILVA, 1999, p. 10).

Essa origem do pensamento capitalista-industrial provocou uma reviravolta nas relações dos indivíduos com a sociedade. Trouxe consigo novos modos e possibilidades de vida, e também passou a fazer do mundo material seu lugar de felicidade.

Sobre o pensamento capitalista, Bauman (2001, p. 75- 132) afirma que em seu início o ‘capitalismo pesado’ se preocupava com a conquista territorial e com a quantidade e o tamanho do que se possuía. A riqueza e o poder da época estavam relacionados a terra (os leitos de minério de ferro e de carvão)

e a construção de grandes máquinas, de poderosas locomotivas, de gigantescos transatlânticos e de fábricas cada vez maiores com equipes aumentadas constantemente. O mundo era dos que ditavam as leis, dos projetistas de rotinas e supervisores, já que neste mundo que se projetava tão grande, a organização do tempo e do espaço era uma primazia. Os homens e mulheres eram dirigidos por outros, buscavam fins e modos também determinados por outros. Por essa razão, Bauman afirma que este mundo era o “mundo das autoridades: de líderes que sabiam mais e de professores que ensinavam a proceder melhor” (op. cit.). Já sobre o capitalismo leve Bauman faz uma pequena narrativa. Ele diz que, como o próprio termo define, este capitalismo viaja leve,

apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil. Pode soltar em quase qualquer ponto do caminho, e não precisa demorar-se em nenhum lugar além do tempo que durar sua satisfação (op. cit.).

Ele completa afirmando que

O capitalismo leve, [é] amigável com o consumidor, não aboliu as autoridades que ditam as leis, nem as tornou indispensáveis. Apenas deu lugar e permitiu que coexistissem autoridades em número tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade. Ao contrário do erro, a verdade é só uma, e pode ser reconhecida como verdade (isto é, com o direito de declarar erradas todas as alternativas a ela mesma) justamente por ser única. Parando para pensar, “numerosas autoridades” é uma contradição em termos. Quando as autoridades são muitas, tendem a cancelar-se mutuamente, e a única autoridade efetiva na área é a que pode escolher entre elas. É por cortesia de quem escolhe que a autoridade se torna uma autoridade. As autoridades não mais ordenam; elas se tornam agradáveis a quem escolhe; tentam e seduzem (op. cit.).

Refletindo sobre esta atualidade posta, que está alicerçada no capitalismo, quem pode ser tido como autoridade? Talvez a autoridade não passe tanto pelas pessoas em si, mas de maneira mais complexa, essa autoridade passa pelas pessoas midiaticizadas, sendo elas, agora, as responsáveis pela determinação dos modos e fins que os homens e as

mulheres devam seguir. Há, agora, uma nova linha de autoridade que encontra na mídia a ferramenta ideal de apoio discursivo para a influência da sociedade.

Assim, presume-se que com a queda do poder das instituições sociais na construção da identidade do indivíduo, houve a transferência dessa influência para o discurso midiático. No entanto, Santaella (2004, p. 125), fazendo uma reflexão sobre este processo, afirma que ele é paradoxal, pois ao mesmo tempo em que as imagens levam ao desmoronamento da ideia unificada do eu, as práticas regulatórias das instituições sociais continuam a governar os indivíduos de uma maneira que está, mais do que nunca, ligada às antigas características que o definem como um 'eu'. Por isso, ela completa,

Enquanto, de um lado, os discursos filosóficos e sociais expõem, com todos os tipos de argumentos, as contradições e inadequações das definições estáveis e acabadas do eu, de outro lado, as mídias em geral trabalham freneticamente pela preservação da "ideia do eu" que dá fundamento às práticas regulatórias institucionais. À dispersão conceitual do "eu", nas ciências do homem, contrapõe-se hoje uma ferrenha intensificação de sua identidade inquestionável nas mídias (op. cit.).

A autora (op. cit.) apresenta uma problemática complexa, que se dá, principalmente, pelas incessantes imagens vinculadas pela mídia, garantindo a alimentação das miragens do ego. Ela continua afirmando que parece não haver outro caminho para a maioria dos seres humanos senão se reconhecer, relacionar-se consigo mesmo e com suas vidas de acordo com os discursos, as imagens das mídias e os pressupostos em que se sustentam. E finaliza: "ora, nas mídias, aquilo que dá suporte às ilusões do eu são, sobretudo, as imagens do corpo, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido [...]" (op. cit.). Tudo isso com intuito de consumir a ideia da felicidade plena, hoje, tão buscada.

Como se vê, estes processos de construção de si passam pela comunicação e também pelo corpo, na medida em que este vai deixando de ser ao longo dos séculos apenas um aparato biológico, para apresentar também um significado cultural e simbólico. Le Breton (2007, p.7), antropólogo francês e importante estudioso do corpo na atualidade afirma:

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator (op. cit.).

De qualquer forma, não se pode ignorar que as identidades se tornaram instáveis nesta modernidade líquida¹³ (BAUMAN, 2001). Deixam de ser determinadas por grupos e instituições específicos e também de ser o foco de estabilidade do mundo social. Elas se tornaram híbridas e deslocadas de um vínculo local. E isso significa também que são transformadas em uma tarefa individual, em um processo de construção incessante, e não mais de atribuição coletiva que implica apenas certa conformação às normas sociais (MOCELLIM, 2008, p. 2).

Um processo que se deu principalmente pelo avanço da mídia e da globalização, visto que hoje, a produção da identidade tem encontrado na mídia a sua principal influência, principalmente nas sociedades urbanas. Nelas os indivíduos encontram sugestões de novas maneiras e modos de se ver, de ver o mundo, e de como se transformar naquilo que se deseja – consumo.

Rolnik (2006, p.20) completa este pensamento quando fala que

A mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também na produção de *Kits* de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis, que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade (op. cit.).

¹³ Bauman (2001) chama de modernidade líquida essa nova fase da modernidade, outrora chamada por outros teóricos de pós-modernidade (FEATHERSTONE, 2003) ou modernidade tardia (GIDDENS, 2002). O que é importante evidenciar é que para os teóricos sociais de uma maneira geral está em curso uma grande mudança na atualidade, que tem deslocado as dimensões tradicionais da identidade que eram sólidas na primeira modernidade. De qualquer forma, Bauman (2001) usa esse termo para dar ideia de liquidez em oposição à solidez, que seria a metáfora mais apropriada, segundo ele, para a primeira modernidade. Essa liquidez estaria invadindo todos os setores da modernidade que antes eram sólidos. A economia se desterritorializou, o trabalho antes localizado e vigiado nas grandes fábricas, hoje é flexível. O próprio poder que antes dependia da localidade também se tornou fluído. Em meio à nova realidade, o indivíduo se torna cada vez mais apto a escolher “livremente”, dentre tantas opções do mercado de consumo. Mas, muito embora as possibilidades sejam infinitas, os indivíduos não estão mais felizes, pois em meio a tantas possibilidades, as consequências de uma escolha errada recaem sobre os próprios indivíduos, não existindo mais bases sólidas nas quais eles possam se apoiar (MOCELLIM, 2008, p. 10).

A autora diz ainda, que esta nova tendência não implica no abandono da referência identitária, mas que implica na conquista de uma flexibilidade que se adapta à lógica do mercado, embora, diz ela, isto não signifique navegar ao vento dos acontecimentos, à abertura para o estranho e ao desassossego que isso mobiliza, menos ainda, para se criar figuras singulares.

Muito embora estes novos modos de construção identitária não sejam absolutos para toda a sociedade, pois não se pode esquecer que mesmo dentro da perspectiva da globalização e da livre influência da mídia, ainda existem sociedades fora desta realidade, eles fazem parte da constituição de um todo social e orientam na maneira de compreender a sociedade que se vive na atualidade, e por isso, serve de pano de fundo para esta pesquisa.

3.1 SUBJETIVIDADE E CONSUMO

Esse século tem sido de profundas transformações. A nova ordem econômica do mundo, o capitalismo, com sua busca pelo lucro a qualquer preço, provocou uma reviravolta na cultura e na subjetividade dos indivíduos. Outros conceitos que este modo de produção implementou na sociedade foram: a competitividade, a eficiência, a eficácia, as privatizações, o livre comércio, a flexibilização, a violência, a comunicação de massa, a meritocracia, entre tantos outros. Estes conceitos contribuíram para a emersão de um novo sujeito, totalmente diferente do que se tinha há algumas décadas, pois o sujeito não é possuidor de uma natureza ou essência, pelo contrário, ele é produzido e produtor, nunca deve ser pensado como algo acabado, mas sempre como algo em constante movimento, tendo possibilidades de novas formas de ser (COIMBRA; LEITÃO, 2003).

Sobre este aspecto da subjetividade, Ferreira Neto (2004, p. 2) afirma que “esse século de mudanças profundas e velozes tornou latente a associação entre experiência social e experiência subjetiva, demonstrando que entre a vida social e a vida subjetiva existe uma relação fundamental” e que a subjetividade deve ser entendida mais como um processo do que como uma estrutura, pois participam de sua constituição e funcionamento os processos sociais, culturais, econômicos, tecnológicos, midiáticos, ecológicos e urbanos,

nos quais os indivíduos estejam inseridos, pois estes são sempre mutáveis. Assim, pode-se concluir que o indivíduo sofre as influências do meio no qual está inserido.

O tema processos de subjetivação, “[n]ão pertence a uma disciplina particular, mas convoca uma abordagem interdisciplinar ou mesmo transdisciplinar”, pois evoca conceitos de várias áreas de estudo: sociologia, psicologia e psicanálise, economia, entre outras (FERREIRA NETO, 2004, p.2).

Padilha (2006) completa a ideia trazendo o conceito de subjetividade atrelado ao consumo. A autora afirma que como cada época tem maneiras próprias por meio das quais as experiências subjetivas são socialmente construídas, a análise do consumo sob estes aspectos pode “levar à descoberta de que a vida cotidiana e a cultura de consumo fazem emergir novas identificações, algo que ultrapassa as identidades de classe, de gênero ou regionais” (PADILHA 2006, p. 133). O consumo, entendido hoje como “o conjunto de processos socioculturais nos quais se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (CANCLINI, 1999, p.77), deve ser tratado como uma produção da sociedade, mais exatamente como uma produção do capitalismo, que vê nele uma forma de se perpetuar, de se reproduzir. Mas o consumo também deve ser observado com uma produção do *eu*, do sujeito subjetivo, pois é no interior de cada indivíduo que acontece o desejo de apropriação de códigos, estilos e modas tão amplamente propagadas pela cultura de consumo (MORAES; NASCIMENTO, 2002; PADILHA, 2006, P. 132-134).

Sob estes aspectos da atual sociedade, Canclini (1999, p.39) completa afirmando que “vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, depende[ndo] daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir”. Hoje não se compram apenas mercadorias; compram-se novos modelos, novas receitas de vida. É a busca da felicidade através do consumo. Para os consumidores, não há nem mesmo a reflexão das relações trabalhistas, ou seja, da relação entre os indivíduos e seus trabalhos. O que há é apenas a compra do produto imediato, da mercadoria que se tem nas mãos e da satisfação das suas necessidades (MANCEBO et al. 2002, p. 326-329).

Sobre esta satisfação de necessidades ainda, Baudrillard (1995, p. 70) afirma que o tema é um dos discursos favoritos acerca da sociedade de consumo, principalmente por ele, o condicionamento das necessidades está de certa forma atrelado à publicidade.

Assim, o consumo não pode ser considerado um momento autônomo. Segundo Padilha (2006, p. 85), “ele se encontra determinado, seja pelo complexo processo constitutivo dos desejos humanos, seja, pela lógica de produção, o que, nas sociedades capitalistas, significa dizer que se encontra determinado pela lógica do lucro”.

Desta forma, como já tratado anteriormente na “sociedade de consumo”, a felicidade, então, está relacionada à satisfação das necessidades; assim, esta sociedade cria constantemente necessidades para si mesma, inspirando, deste modo, uma sensação de infelicidade e insatisfação, motivando a própria sociedade a consumir. Esta é uma abordagem que invoca várias áreas de estudo: as ciências sociais em geral, a psicologia e mesmo a economia, e que merece a atenção por parte de estudiosos sociais, pois com o avanço dos estudos se poderá compreender melhor o sujeito, como se dão suas relações sociais e sua subjetividade.

4. CORPO, BIOIDENTIDADE E IDENTIDADE SOMÁTICA

Há uma grande dificuldade na humanidade ao longo da história em ver claramente o corpo sem preconceitos. Aranha e Martins (1993, p. 311) afirmam que de maneira geral, “sempre houve a tendência entre os filósofos em explicar o homem não como uma unidade integral, mas composto de duas partes diferentes e separadas: o corpo (material) e a alma (espiritual e consciente)”. Dessa maneira, as autoras fazem uma contextualização histórica do corpo. Nela trazem, à luz dos fatos históricos, o pensamento da humanidade sobre o corpo ao longo da história.

Aranha e Martins (1993) afirmam que no pensamento grego do século V a.C. com Platão, surge a dicotomia corpo-consciência. Para Platão o drama humano consiste na tentativa do domínio da alma superior (a alma intelectual) sobre a inferior (a alma do corpo) e ainda, que “a educação física rigorosa põe o corpo na posse de saúde perfeita, permitindo que a alma se desprenda do mundo do corpo e dos sentidos para melhor se concentrar na contemplação das [ideias]”, por isso os gregos valorizavam tanto os exercícios físicos, a ginástica e os esportes, chegando mesmo a ser o berço das Olimpíadas.

Na Idade Média, afirmam Aranha e Martins (1993), por volta do século IV, com o crescimento das invasões germânicas, das migrações bárbaras e o declínio do Império Romano houve insegurança nas cidades, o declínio das atividades mercantis e o retorno ao campo, provocando um outro tipo de relação de produção. Neste período marcado por profunda crise, surgem também interpretações pessimistas e críticas aos costumes romanos, levando a dissolução desses costumes. Isto é feito principalmente pelos monges¹⁴ que se refugiavam na fé para provocar tais críticas. Eles partiam do princípio de que o corpo era sinal de pecado e degradação, por isso desenvolveram práticas de purificação que estimulavam o ascetismo, ou seja, a ascese que em grego significa – exercício “enquanto atividade espiritual que visa[va] ao controle dos

¹⁴ “Os monges abandonavam o convívio das pessoas, procurando as cavernas e o deserto para a purificação do espírito. Aliás, a palavra *monge* vem do latim *monachós*, formada pelo radical grego *monos*, que significa ‘só’, ‘solitário’. Portanto, inicialmente, monge é aquele que busca a perfeição por meio do afastamento da vida humana. Passado o período das manifestações individuais de recusa do mundo dos pecados, os monges se reúnem em mosteiros, conventos onde cada monge ocupava uma cela separada, mas também desenvolviam trabalhos comuns. Foi importante, por exemplo, o Mosteiro de Monte Cassino, fundado por São Bento no século VI” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 312).

desejos por meio da mortificação da carne. Isso [era] feito com práticas de jejum, abstinência e flagelações (por exemplo, chicoteando o próprio corpo) [...]”, maneira considerada necessária para atingir a “efetiva realização da virtude e da plenitude (ibid. p. 312).

Neste período histórico o corpo era considerado algo inferior, embora não deixasse de ser também uma criação divina, por isso, envolviam-no “num véu da sacralidade” (op. cit.). No entanto, referiam-se a ele mais por “carne”, que por “corpo”, não importando qual a condição do indivíduo, ele poderia estar susceptível a queda da carne, através do desejo sexual ou mesmo da relação sexual, já que “a carne é fraca”. Assim, o corpo se tornou o lugar de aposta da experiência religiosa (GÉLIS, 2008, p. 20). O discurso cristão sobre o corpo e as imagens que deles são geradas suscita um discurso ambíguo, pois ao mesmo tempo em que o corpo é visto como um meio de enobrecimento, também é visto com menosprezo (op. cit.).

No Renascimento e na Idade Moderna, porém, começam a ocorrer transformações importantes a respeito da concepção de corpo afirmam Aranha e Martins (1993). Se na Idade Média o corpo era considerado sagrado e havia severas proibições da Igreja quanto a sua violação e profanação, como por exemplo, quanto à dissecação de cadáveres, começa aqui a surgir indivíduos que rompem com essas proibições, lançando um novo olhar do homem sobre o mundo, “é o olhar da consciência secularizada, ou seja, dessacralizada, da qual se retira o componente religioso para só considerar a natureza física e biológica. O corpo passa a ser objeto da ciência” (ibid. p. 313). A partir, então, dessa nova perspectiva, e com o desenvolvimento das ciências, surge a ideia mecanicista do corpo-objeto, ou do corpo-máquina, que opera segundo suas próprias leis, tornando-se autônomo e alheio ao homem. O que no século XIX é substituído por outras formas de pensamento mais elaboradas, embora ainda persista, “a ideia de corpo como coisa submetida às leis da natureza” (op. cit.).

Para finalizar esta contextualização, apenas no século XX, dizem as autoras Aranha e Martins (1993), surgem correntes filosóficas que tentam superar a dicotomia corpo-consciência para restabelecer a unidade humana. No entanto, não é uma problemática fácil para as ciências, já que o que tem ocorrido, principalmente após os movimentos de emancipação da mulher e a

revolução sexual¹⁵ é que o corpo tem sido alvo de inúmeros conflitos. Ora repellido, ora exaltado o corpo passou a sofrer a corpolatria ou o endeusamento, um fenômeno que não descarta a possibilidade da ‘morte do corpo’ para o espírito, trazendo novamente a antiga dicotomia, só que agora invertida (op. cit.).

Ao longo da história o corpo passou por diversos momentos, do corpo regrado segundo a moral cristã, ao corpo liberto do século XX. Ao final, os indivíduos vêm “tentando liberar seus corpos de antigos vínculos não apenas religiosos, geográficos, temporais e morais, mas também, genéticos” (SANT’ANNA, 2001, p. 17). Este processo de liberação não é algo rápido, tem ocorrido principalmente nos últimos cinquenta anos, já que segundo Sant’Anna (op. cit.), é a partir desse período que os indivíduos têm tentado tornar o corpo algo independente do patrimônio cultural e genético, e que há a crescente ideia de reconstruí-lo com ajuda dos avanços tecnológicos e científicos. No momento, a temática do corpo conseguiu conquistar um espaço inédito na mídia e uma banalização no cotidiano, deixando evidente que as transformações do corpo estão em alta. Há várias maneiras de compreender as razões desta tendência, cada uma delas tem expressado ambições de conhecer e de controlar o corpo.

Dessa forma, Sant’Anna (2001, p.18 -23) apresenta quatro hipóteses exploradas hoje acerca do corpo. Primeira, a hipótese do corpo como último território a ser explorado. Segunda, a hipótese do corpo como a única posse e como território do exercício da liberdade individual. Terceira, a hipótese de que é pelo corpo que se mostra o melhor de si. E a quarta e última, contra a ‘top-modelização’ absoluta.

Ao abordar cada uma das hipóteses, Sant’Anna (op. cit.) afirma que na primeira hipótese (o corpo como último território a ser explorado) se torna “importante e natural explorar e conhecer o corpo porque se supõe que ele contém as últimas fronteiras supostamente naturais a serem desvendadas e

¹⁵ Louro (2000, p. 9 -11) afirma que “desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado [...]. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”.

controladas pela cultura” (op. cit). Se antes o homem visava explorar o mundo e os planetas, agora estes a tornaram lugares conhecidos, ficando a impressão de que não há mais terra virgem, restando ao homem buscar um território inexplorado, o interior do corpo. A partir daí surgem grandes estudos de decodificação do genoma humano.

Na segunda hipótese (o corpo como a única posse e como território do exercício da liberdade individual), Sant’Anna (op. cit.) apresenta a ideia do corpo como lugar escolhido para explorações e experiências das mais diversas, “porque é considerado a ‘última posse’ que resta ao indivíduo, ou o único território no qual o ser humano pode exercer sua liberdade de transformação” (op. cit.). E num mundo em que a cultura está mais para reconhecer as pessoas a partir do que elas possuem, conquistar e mostrar seu corpo nos moldes que se deseja é fator primordial. Já o contrário pode representar um grande problema, causando ao indivíduo descontrole e sofrimento.

Sant’Anna (op. cit.) na terceira hipótese (é pelo corpo que se mostra o melhor de si) afirma que é preciso “considerar o corpo como aquilo que é mais próximo da identidade de um ser. Como se não fosse pela alma que alguém comprova aquilo que é”. O que se tem é que o corpo se tornou um ente tão importante quanto noutros tempos foi a alma, “é pela aparência física, sobretudo, que se comprova aquilo que cada um quer mostrar de sua subjetividade” (op. cit.). Nesta perspectiva se considera o corpo não mais como sede da alma, nem a morada da subjetividade, mas, principalmente, sua expressão mais autêntica e real, pois é somente por meio dele que são colocadas em evidência as intenções e forças de cada ser humano.

Na quarta e última hipótese (contra a ‘top-modelização’ absoluta), Sant’Anna (op. cit), observa que há transformações do corpo que o modificam como forma de protesto, desde a anti-moda, passando pela *body art*, até chegar aos *modern primitives*¹⁶, são consideráveis as formas de contestação à homogeneização das aparências, “ao imperativo do ‘seja sempre jovem’ e à intensa exploração comercial dos organismos. Nesse campo inserem-se os artistas que utilizam seus corpos para denúncias, coações sociais, sexuais e

¹⁶ O termo será definido mais a frente no trabalho. Antes, porém, cabe responder que são indivíduos adeptos das formas mais radicais da *body modification*.

identitárias”¹⁷. Nesse, sentido há ainda, cada vez mais, uma constatação cotidiana de que nas sociedades contemporâneas existe uma crescente tendência em adular, valorizar e mostrar o corpo, e que neste mesmo sentido ele também é explorado, aviltado e violentado, restando ao corpo inúmeras questões do indivíduo, pois se antes elas eram internas, e agora são tratadas no exterior.



Ilustração 1 – Orlan em 1977. The Kiss of the Artist, FIAC, Grand Palais, Paris
Fonte: [http://www. Orlan .net/ works/photo/](http://www.Orlan.net/works/photo/)



Ilustração 2 – Orlan em 1990. Successful-Surgery.
Fonte: [http://www.orlan.net /works/photo/](http://www.orlan.net/works/photo/)



Ilustração 3 – Orlan em 2010.
Fonte: <http://www.orlan.net/works/photo/>

¹⁷ Temos hoje, a artista francesa Orlan que realiza transformações do seu corpo como forma de reinventá-lo num nível transindividual e pós-humano. “Em vários trabalhos de Orlan há uma espécie de elogio à mutação e ao trânsito entre gêneros, uma tendência em situar num espaço indeciso e incerto, o que não é exatamente o mesmo que escolher um espaço andrógino. Orlan rejeita o antagonismo dos pólos e a secular visão dualista do mundo que se fortalece com o início da época moderna e se distingue consideravelmente das noções de corpo presentes entre os antigos gregos, por exemplo” (SANT’ANNA, 2001, p. 21).

Le Breton (2003) também fazendo uma análise do corpo e suas questões na atualidade, afirma que o discurso científico pensa-o como simples matéria, suporte da pessoa. No entanto, para o autor, deve-se estudar o corpo-matéria dissociando-o da pessoa. O corpo é um objeto apresentado como imperfeito, 'um rascunho a ser corrigido' e as práticas de *body building*, cirurgias estéticas e a *body art* demonstram o primeiro grau de suspeita direcionada ao corpo, pois só se reconhece em seu corpo após uma segunda etapa, após ter realizado nele alguma interferência. Cria-se uma encenação de si que se alimenta de uma vontade de se reapropriar de sua existência, criando identidades provisórias (Ibid., p. 22).

Le Breton (2003) completa

As fronteiras do corpo, que são simultaneamente os limites de identidade de si, despedaçam-se e semeiam a confusão. Se o corpo se dissocia da pessoa e só se torna circunstancialmente um 'fator de individualização', a clausura do corpo não basta mais à afirmação do eu, e então toda a antropologia ocidental se eclipsa e abre-se para o inédito (ibid., p. 26).

Assim, o homem se abre à vontade de criar para si uma pessoa mais próxima possível do que ele quer ser, e para isso conta com ajuda da tecnologia que dá suporte as mais variadas técnicas de modificação do corpo (DOSSIN; RAMOS, 2008).

Pode-se constatar que agora o corpo está no lugar de destaque na sociedade. Sobre isso Ortega (2003, p. 60) afirma que o que existe é um deslocamento da construção e descrição de si para exterioridade, o que tem levado à formação de identidades somáticas, ou seja, as bioidentidades. O que segundo o autor é

A ênfase dada na nossa sociedade aos diversos procedimentos de cuidados corporais, médico, higiênicos e estéticos [que] leva à formação de identidades somáticas, às bioidentidades, as quais têm deslocado para a exterioridade o modelo internalista e intimista de construção e descrição de si. (p.42)

Assim, as identidades somáticas deslocaram as representações da identidade – atitudes e disposições internas do indivíduo –, agora ela está alicerçada no próprio corpo. Se no final do século XIX e início do século XX, a identidade era formada e representada pelas condutas morais, pelos valores cultivados, pelos projetos de vida elaborados, hoje, a identidade se tornou somática, uma bioidentidade. Processo que reduz o *self*, que até então era algo interno, à mera aparência corporal: somos aquilo que aparentamos. Nesse sentido, os indivíduos que buscavam projetos de vida baseados em estabilidades sociais e financeiras e o bem comum, agora transmutam sua busca para o corpo ideal e a hipertrofia dos músculos (Ortega, 2008).

No entanto, nessa cultura somática nem sempre a intenção é modelar o corpo na busca da saúde. No caso específico das *body modifications*, segundo Ortega (2008), os indivíduos que agora não possuem mais a interioridade para simbolizar as mudanças subjetivas, os acontecimentos da vida, que vivem num mundo tão incerto e que se modifica a cada dia, sem levar em conta a adaptabilidade dos indivíduos, buscam a permanência das coisas na marca corporal. Os valores, acontecimentos, relações afetivas são simbolizadas nas tatuagens e os sujeitos passam a se construir e se sentir singular somente a partir da marca corporal. Agora, no caso de práticas como piercing e implantes subcutâneos, ou seja, práticas que provocam dor, esclarece Ortega (op. cit.), o indivíduo passa a ter a sensação de que ele existe, de que sua vida não é uma ilusão, uma abstração. E ainda, transmite aos seus praticantes a ideia de permanência, e por isso tão logo a dor tenha cessado, outra prática se fará necessária, uma forma de garantir a própria existência (op. cit.).

Assim, para Ortega, diferentemente de Le Breton, as práticas, hoje, em relação ao corpo não continuam a imprimir dicotomias como corpo / alma, por exemplo, mas sim as tornam obsoletas. Para ele, as novas práticas fundem corpo e mente na formação de bioidentidades somáticas (ORTEGA, 2008).

Ou seja, o corpo torna-se o lugar de transcendência para a consciência. Ortega (2008, p.43) chama a atenção, então para as modernas práticas ascéticas corporais, as *bioasceses*, esta última completamente estranha à concepção das asceses no pensamento antigo. Ortega (op. cit.) afirma que nas asceses clássicas cristãs, por exemplo, o corpo era submetido a “uma dietética que tinha por objetivo a sua superação e sua transcendência como prova [...]”

de intimidade com a divindade, ou da derrota da nossa condição moral”. O autor completa afirmando que

Nelas, o corpo possuía sempre um valor simbólico, estava na base da constituição de um *self* dono de si, que mediante as práticas de ascese corporal e espiritual, legitimava-se para a vida [...] atingia um conhecimento de si, ou se auto-anulava na procura de Deus. Em contrapartida, nas modernas bioasceses e tecnologias do *self* o corpo obtém um novo valor. Na sua materialidade sofre um desinvestimento simbólico: já não é o corpo a base do cuidado de si; agora o eu existe só para cuidar do corpo, estando ao seu serviço (op. cit.).

Como se vê, pensar numa história do corpo primeiramente é pensar nas múltiplas maneiras que se tentou conhecê-lo e controlá-lo - os relatos históricos sobre o corpo demonstram esta tendência. Sant’Anna (2001, p.5) afirma que há duas maneiras distintas de conhecer e tratar o corpo humano:

[...] a primeira, relativa à medicina hipocrática¹⁸ e a algumas tendências de inspiração naturalista e cristã, que expressam uma vontade de manter o corpo submetido às regras morais, ou à ordem considerada natural e cosmológica. A segunda, relativa a época contemporânea, que pretende controlar os corpos liberando-os cada vez mais de suas origens culturais, morais, religiosas e genéticas.

Aliado a estas duas tendências a autora afirma que não se trata apenas de perceber o quanto a atualidade busca novas formas de progresso no modo de intervir sobre o corpo para sua melhora e bem-estar, trata-se também de detectar o quanto este progresso está acompanhado de novas incertezas, e da permanência de três medos antigos que recaem sobre o corpo: medo da doença, medo da dor e medo da desumanização das aparências.

Assim, diante destes medos os praticantes da *body mod* vão desafiando a si próprios em seus limites, como indicam os estudos. Não cabe um julgamento moral sobre isso, mas uma busca do entendimento. Por quê? A

¹⁸ Segundo Sant’Anna (2001, p. 6) Hipócrates, assim como Galeno, Descartes, Linné foram médicos adeptos do naturalismo. Esta prática está relacionada a capacidade que o corpo tem de autocura. Ela afirmava que “o controle do corpo exigia muito esforço em mantê-lo harmoniosamente relacionado com o meio ambiente e o cosmo do que sua liberação em ralação às forças naturais. Na medicina hipocrática [...] o paciente deveria fornecer ao médico uma série de detalhes sobre sua vida pessoal, incluindo o regime alimentar, a qualidade do sono e das tarefas cotidianas. Estas informações eram contempladas pelo médico à luz das características cosmológicas típicas do cotidiano do paciente”.

simplicidade da pergunta, talvez mascare a complexidade da resposta. Entender as relações destes indivíduos, traduzindo na pesquisa científica, permite uma compreensão do sentido da vida deste grupo ainda pequeno, mas que vem crescendo a cada dia, visto a popularização cada vez maior dessas práticas. Num mundo tão complexo como o que se vive na atualidade, os cientistas sociais não devem estranhar ou se esquivar de procurar entender essas novas realidades sociais, sob o risco de ficarem presos ao passado, e ignorar o futuro. E sem o devido conhecimento da realidade atual, já tão exposta no cotidiano dos grandes centros urbanos e das mídias, as ciências sociais poderiam, falando a grosso modo, ficar obsoletas. É com o entendimento do passado e do presente que se pode buscar a compreensão do futuro.

5. BODY MODIFICATION

O termo do inglês *body modification* ou “modificação do corpo” pode ser usado para definir várias práticas ornamentais que visam alterar provisória ou permanentemente o aspecto natural do corpo utilizando recursos de objetos materiais e de técnicas de aplicação. Mike Featherstone (2003) traz uma definição para o termo bastante utilizada nos estudos sobre o tema. Ele afirma que

O termo ‘*body modification*’ se refere a uma longa lista de práticas que incluem o piercing, a tatuagem, o branding, o cutting, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e a forma do corpo. A lista dessas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o *bodybuilding*, a anorexia e o jejum – formas pelas quais a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meio de instrumentos que cortem, perfurem ou amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como o ganho ou a perda de massa, gordura ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempo. [...] Adicionalmente, devemos considerar os modos pelos quais o corpo é modificado pelo uso de formas variadas de próteses e sistemas tecnológicos (FEATHERSTONE, 2003, p. 01, *tradução livre*).

Góes (1999, p. 37) também conceitua a *body modification*, quando afirma que ela “traduz a um só tempo, tanto a prática baseada na tecnologia da cirurgia plástica, quanto as técnicas do piercing e da tatuagem, passando pela química dos esteróides, numa alucinante mistura de técnica, arte e denúncia [...]”. Ele completa afirmando que essas práticas são características da pós-modernidade, que efetua uma desconstrução dos pares dicotômicos que ancoravam as categorias identitárias. Pois “a *body modification* problematiza as fronteiras entre masculino e feminino, confunde as identidades étnicas e provoca verdadeiras revoluções nos conceitos de natureza e cultura”.

Como se vê, estas são definições abrangentes do que seria considerado *body modification*, visto que esta prática pode ser tida como qualquer alteração que se faça no corpo, desde um simples pintar de unhas aos complexos implantes subcutâneos¹⁹. No entanto, este estudo se aterá a seis delas: a

¹⁹ As definições de termos serão apresentadas mais adiante na pesquisa.

tatuagem²⁰, o *piercing*²¹, o *branding*²², o *cutting* ou escarificação²³, as amarrações ou suspensões²⁴ e inserções de implantes²⁵, por entender que são as mais utilizadas pelos indivíduos e que estão mais relacionadas com o movimento de *extreme body modification*. As duas primeiras, tatuagem e *piercing*, são conhecidas como práticas mais comuns, e estão num processo cada vez maior de aceitação pela sociedade. A tatuagem, inclusive, foi a primeira técnica de modificação assimilada pela sociedade e incorporada pela moda nos anos 1970. Outro aspecto relevante assinalado por Pires (2005) sobre a tatuagem é o seu caráter onírico, o que difere dos *piercings*, já que estes apresentam um caráter predominantemente sexual, pois dependendo da região do corpo onde é aplicado, diz-se que “o *piercing* é estético e / ou funcional”. E talvez aí resida seu relativo destaque em relação às outras práticas de modificação.

De qualquer forma, há as práticas de *body modification* que são consideradas mais radicais, chamadas de *extreme* ou *hard*. Elas recebem tal classificação devido ao grau de comprometimento do corpo. No entanto, a tatuagem e o *piercing* também podem ser considerados *hard*, mas para isso precisam se destacar pelo tamanho, pela quantidade ou pela área em que está localizada (BRAZ, 2006).

Dessa forma, para perceber a singularidade de cada uma das práticas mencionadas e como elas se dão nos indivíduos, segue abaixo uma seleção de

²⁰ Ferreira (2004, p. 72) explica cada uma das práticas. “Tatuagem é a inscrição de desenhos na profundidade da derme através da injeção mecânica de uma matéria corante de origem mineral, vegetal, animal ou sintética”.

²¹ “Inscrição de uma peça de joalheria em determinada parte da superfície do corpo, sendo, em geral, peças simples, como barras e argolas. No entanto, dada a sua popularidade e procura, existe hoje uma maior diversidade em termos dos motivos e cores das peças relativamente à altura do seu surgimento” (FERREIRA, 2004, p. 72).

²² “Inscrição na pele de figuras geométricas ou de desenhos através de uma queimadura com ferro em brasa, podendo ou não ser preenchida com determinados pigmentos corantes” (FERREIRA, 2004, p. 72).

²³ “Inscrição na epiderme de figuras geométricas ou de desenhos sob a forma de cicatrizes em relevo, abertas com recurso a bisturi ou a outro instrumento cortante, podendo ou não ser preenchida com determinados pigmentos corantes. A incisão cria na pele uma chaga, mais ou menos profunda, tratada de forma a criar uma cicatriz plana, saliente ou afundada” (FERREIRA, 2004, p. 72).

²⁴ Suspensão de uma pessoa por cordas e ganchos cravados em sua pele.

²⁵ “Colocação de objetos por debaixo da pele de forma a dar-lhe relevo, recorrendo-se frequentemente à joalheria utilizada no *bodypiercing*” (FERREIRA, 2004, p. 72) ou mesmo a artefatos de várias formas, normalmente feitos de silicone ou metal.

fotos que estão disponibilizadas no site BMEzine.com²⁶, um referencial para as práticas de *body modification* no mundo.



Ilustração 4 – Fotografia do site BMEzine.com sobre tatuagem.

Fonte: <http://www.bmezine.com/media/photo/1385188/?cat=pierce/05-lips/cheek&page=1>

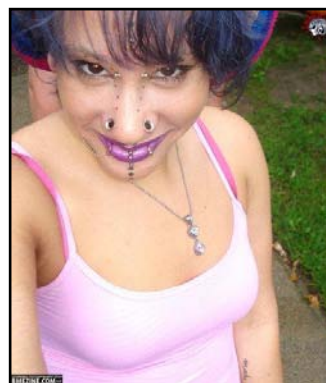


Ilustração 5 – Fotografia do site BMEzine.com sobre piercing e alargadores. Fonte: <http://www.bmezine.com/media/photo/1384971/?cat=pierce/05-lips/ring&page=1>



Ilustração 6 – Fotografia do site BMEzine.com sobre branding.

Fonte: <http://www.bmezine.com/media/photo/52262/?cat=ritual/brand&page=1>



Ilustração 7 – Fotografia do site BMEzine.com sobre escarificação.

Fonte: <http://www.bmezine.com/media/photo/1385263/?cat=scar/jj&page=1>

²⁶ “O BME é o mais completo *site* sobre modificações corporais, com fotos, entrevistas, depoimentos, novidades, *chats*, endereços de lojas, estúdios e clínicas, comprar *on-line*, etc. Foi criado em 1994 por Shannon Larratt, com a finalidade de transmitir informações e criar uma ‘comunidade’” (PIRES, 2005, p. 157).



Ilustração 8 – Fotografia do site BMEzine.com sobre suspensão.

Fonte: <http://www.bmezine.com/media/photo/ritual/suisus/?page=2>



Ilustração 9 – Fotografia do site BMEzine.com sobre implantes subcutâneos.

Fonte: <http://www.bmezine.com/media/photo/1108538/?cat=culture/bmxnet&page=1>

É importante considerar que as transformações corporais, não foram “inventadas” na época atual. Seus registros são muito antigos em outros continentes, principalmente nas culturas tribais, em que, ora pela transcendência, ora por questões estéticas, os homens e mulheres passavam por rituais que iam de perfurações, cortes, suspensões, ao atrofiamento de membros para, por exemplo, conseguir seus objetivos sagrados ou sociais.

Dada sua importância para a popularização das modificações corporais, abre-se um parêntese para falar sobre a história da tatuagem. Ela foi primeira, e ainda hoje é a forma mais usada pela sociedade ocidental de modificação corporal. Entender sua história e o modo como saiu da marginalidade para se findar como traço característico da pós-modernidade é ter uma compreensão da própria história da sociedade.

Marques (2009, p. 22) afirma que nenhuma nação desconheceu a tatuagem. Ora encorajada, ora proibida, nascendo ou renascendo em todos os continentes, ela é independente de geografia, classe ou calendário e é tão antiga quanto a própria humanidade. O termo tatuagem passou a ser adotado em fins do século XVIII, depois que James Cook conheceu *in loco* a sofisticada tradição desenvolvida na Polinésia, em que nativos utilizando-se de espinhas de peixes ou ossos de passarinho, perfuravam sua pele e injetavam um pigmento feito à base de carvão e ferrugem. Após esse período, o nome pegou e se espalhou com os “lobos-do-mar ingleses pelos sete mares”. E assim, já no século XIX, a tatuagem havia virado moda entre marinheiros, operários,

prostitutas e criminosos de todos os tipos, por isso passou a ser elemento de desconfiança, e em geral, o indivíduo tatuado era considerado inferior, visão recorrente na Europa católica.



Ilustração 10 – Marinheiro sendo tatuado. Fonte: <http://nexocultural.Blogspot.com/2010/01/tatuagens-e-seus-significados-historia.html>

Uma visão que só começou a mudar com a máquina de tatuar, patenteada pelo inglês Samuel O'Reilly em 1891. Contudo, apenas na década de 1970 é que de fato a tatuagem passou a ter uma outra concepção. Em alta no Estados Unidos, mais especificamente em São Francisco, Califórnia, ícones pop como Janis Joplin, Peter Fonda e Joan Baez começaram a se tatuar e não demorou muito para que a juventude consumidora de modas fosse contaminada. Dessa forma, a tatuagem renasceu por toda a cultura ocidental, inclusive no Brasil, se firmando com a contracultura, sendo embaladas pelos meios de comunicação. Estes últimos contribuíram também para o surgimento de várias lojas de tatuagens, principalmente nas grandes cidades, o que se perdura até hoje (op. cit.).



Ilustração 11 – Retrato de Janis Joplin com o punho esquerdo tatuado²⁷.
Fonte: <http://www.tattoo22.com/celeb/joplin.html>

²⁷ Ela foi uma cantora e compositora [estadunidense](#). Tornou-se conhecida no final dos [anos 1960](#) como vocalista da banda [Big Brother and the Holding Company](#), e posteriormente como artista solo.

Mas não é apenas a tatuagem que tem sua história antiga e é disseminada até o presente, a escarificação é outra prática de origem remota, mas conhecida e praticada até os dias atuais.

No entanto, nas culturas antigas os indivíduos utilizavam estas práticas como forma de comunicação com outros indivíduos do meio em que viviam, pois as práticas tinham relação de sentido. Também havia necessidade de se perpetuar a cultura, por isso as práticas estavam relacionadas a rituais de passagem ou de preparação para os homens.



Ilustração 12 – Fotografia de Jean-Michel Clajot sobre rituais Tailandeses de tatuagens, relatados dessas práticas são tidos desde o século XVIII na Europa. Fonte: <http://www.jmclajot.net/>

No Ocidente, porém, as modificações do corpo foram violentamente combatidas e condenadas pela Igreja enquanto atentado moral à integridade corporal, permanecendo em relativa obscuridade até o século XVIII. Isto se deu pela tradição judaico-cristã²⁸ que as considerava marcas de iniquidade, diferenciando o pagão do crente, o ímpio do fiel. Estas práticas só eram aceitas quando “tomavam a forma de práticas de autoflagelação divinamente inspiradas, utilizadas para assinalar virtude, obediência e devoção religiosa” (FERREIRA, 2004, p. 73). Nos séculos seguintes, as práticas ficaram envoltas

²⁸ Tanto no Velho Testamento quanto no Alcorão existem passagens em que o pessoas foram “marcadas” pela mão Divida como pecador. Segue o exemplo de Caim, tido como primeiro pecador da humanidade que teve sua pele escurecida por Deus como punição ao seu pecado (ver Bíblia Sagrada, Gênesis 4:15) (FERREIRA, 2004).

de um conteúdo místico, com significados mágicos e protetores, mesmo como um amuleto sagrado e ancestral. Por isso, hoje se encontra uma maior tradição e visibilidades das práticas corporais em países que tiveram nas suas origens o tipo de culturas pagãs e esotéricas (op. cit.).



Ilustração 13 – Pintura da Idade Média sobre as autoflagelações praticadas. Fonte: <http://malleusmalleficarum.blogspot.com/>

Agora, pensando no modo como surgiu²⁹ o movimento de modificações do corpo na contemporaneidade e em qual contexto histórico, retoma-se à década de 1960 e ao advento da *Body Art* nos Estados Unidos.

A *Body Art* surgiu como uma proposta de arte em que se evidenciou o corpo e cuja proposta fundamental era expor o corpo e potencializá-lo, fazendo dele um instrumento do homem, além de abandonar sua exaltação à beleza, o que esteve presente em toda a história da arte. Suas performances trabalhavam artisticamente várias atividades, ora processos biológicos (digestão e excreção), ora atividades cotidianas, ressaltando a relação com o prazer, dor e muitas vezes provocando propositadamente aversão e repulsa em quem os assistia (BRAZ, 2005). Tudo isso contestava convenções, valores

²⁹ É importante destacar que as modificações corporais existem a centenas de anos e não deixaram de ser praticadas nas culturas orientais e tribais. No entanto, quando se fala em *body modification* têm-se pensado em um movimento cultural e estético com valores e motivos distintos dos apresentados em outras culturas, nesse sentido fala-se em surgimento. Estes aspectos que serão mais detalhados ao longo do capítulo.

culturais e sociais, desvinculando a obra de arte ao local de sua instalação e, também, à exposição em locais institucionalizados (TRIGO, 2008).



Ilustração 14 – Yves Klein foi um dos precursores da Body Art nos anos 1960.³⁰
 Fonte: <http://valiteratura.blogspot.com/2010/07/body-art-ou-arte-do-corpo.html>

A década de 1960 foi um momento histórico importante para a sociedade contemporânea, marcado pela efervescência, manifesto e reestruturação de todas as áreas do conhecimento, tendo como pano de fundo o movimento *hippie*, a contracultura, a revolução sexual e o ideal de sociedade alternativa. Eles foram considerados anos revolucionários, uma época em que houve a queda das formas tradicionais de representação (pintura, escultura, desenho) e também, em que se deu a valorização do corpo, como um território a ser conquistado. Nesta época também, graças à revolução sexual, as práticas chamadas perversas saem da clandestinidade e são atribuídas um caráter sedutor, começam a ser incluídas na moda como elementos fetichistas³¹ (PIRES, 2005, p.69).

³⁰ Yves Klein usava corpos femininos como "pincéis vivos". Nesta exibição fotografada de Body Art, ele utilizou uma técnica que designou de "Antropometria" na qual usava modelos nus cobertos de tinta azul que se deslocavam sobre a tela formando a imagem.

³¹ "Durante a primeira metade do século XX os acessórios fetichistas – comercializados e comercializados de forma clandestina e ainda não reconhecidos pela moda – ganham destaque em um artigo do *Cosmopolite* de 13 de maio de 1911, intitulado 'The Fascination of the Fetish', em que estava escrito: 'A cintura com espartilho, o salto alto e a prática do *body piercing* eram (e continuam sendo) os três fetiches mais procurados" (PIRES, 2005) .



Ilustração 15 – Figurino dos anos 1970 assinado Vivienne Westwood.³²

Fonte: http://simbologiamaldita.blogspot.com/2009/07/moda-fetice-uma-relacao-sem-fim-18a_7895.html#ixzz14zrcerum

Essa efervescência de acontecimentos marca, então, o início da década de 1970, ano em que a *body modification* começa a ser praticada, exposta e sugerida. Nela o corpo surge como suporte da arte, mas numa abordagem diferente do movimento da *Body Art*, pois na *body modification* não há separação entre o artista e a obra, não há delimitação de tempo e espaço. O corpo se torna a própria arte, uma tela ou escultura viva. Além disso, há o fetiche e a exploração sensorial marcando incontestavelmente a presença no cotidiano dos indivíduos (PIRES, 2005).

Assim, os indivíduos agora com corpos perfurados, queimados, cortados, suspensos e redimensionados com implante passam a ser chamados de *modern primitives* ampliando as potencialidades dos corpos. Este termo foi utilizado primeiramente por Fakir Musafar, em 1967 para designar aqueles que mesmo pertencendo a sociedades ocidentais “complexas” desenvolviam práticas de manipulações corporais próximas das de sociedade ditas ‘primitivas’. Musafar (apud LE BRETON, 2003, p.36) afirma que “todas as pessoas não tribais que reagem a uma urgência primal e que fazem alguma

³² Estilista renomada ainda hoje. O caráter fetichista era demarcado pelo salto agulha, couro ou vinil preto, *bodysuits* (também conhecidos como *catsuits*), roupas em látex, *corsets*, botas e uma variedade infinita de acessórios. Estes elementos foram aos poucos ganhando espaço entre roupas tidas como mais convencionais ao longo dos anos 1980 até os nossos dias.

coisa com seu corpo” podem ser chamadas de *modern primitives*, ou seja, pessoas que seguem a um “chamado natural” para modificar seus corpos.



Ilustração 16 – Fakir Musafar em "The Collar, Self Portrait", 1962, Ed. 25 Fonte: <http://www.faheykleingallery.com/>

Fakir Musafar é estadunidense, seu nome de registro é Roland Loomis, nasceu em 10 de agosto de 1930, em Aberdeen, Dakota do Sul, cidade vizinha a uma reserva indígena, que sempre o atraiu. É conhecido como o pai do movimento dos *modern primitives*. Segundo Pires (2005), Fakir Musafar adotou esse nome em 1978, inspirado em um indivíduo que viveu na Pérsia por volta do ano de 1800 e passou dezoito anos de sua vida perambulando pelas cidades com punhais e outros objetos enterrados no corpo, tentando explicar

às pessoas os mistérios que o permitiam fazer tais coisas. Musafar conta que desde 6 ou 7 anos começou a sentir um grande interesse por tudo que pudesse provocar sensações fortes em seu corpo. Inicialmente, seu interesse se deu pela ida com seu pai a uma feira de atrações, local em que deparou com todas aquelas instigantes contorções e tatuagens, depois seu interesse aumentou com suas pesquisas a revista *National Geographic* e a enciclopédias anteriores à Segunda Guerra Mundial, que traziam verbetes ilustrados referentes às técnicas de modificação corporal praticadas em diversas culturas tribais. Com isso, aos 13 anos de idade, sozinho, se utilizou de um torno para fazer sua primeira perfuração no prepúcio, a primeira de muitas, num ritual lento que durou o dia todo. Tudo isso para buscar algo místico, de transcendência e “o desejo de ultrapassar os limites físicos como forma de fortalecer a alma e delinear o caráter, de dar oportunidade ao psíquico de expressar-se concretamente sobre o suporte a que está vinculado [...]” (op. cit.).



Ilustração 17 – Fakir Musafar em "O-Kee-Pa II, Self Portrait" (with assistance), 1978, Ed. 25 Fonte: <http://www.faheykleingallery.com/>



Ilustração 18 – Fakir Musafar na capa do DVD: *Dances Sacred and Profane*, de 1986. Fonte: <http://www.faheykleingallery.com/>

Assim, com esta ideia ritualista e de lugar de transcendência da alma, surgem as modernas práticas de *body modification*. No entanto, o que se deve compreender acerca da *body modification* é que os indivíduos buscam, com estas práticas, ter o controle do próprio corpo, de agir contra o corpo natural e contra a tirania da formação do hábito (*habitus formation*), afirma Featherstone (2003).

Esse processo de controle do próprio corpo se dá dentro da constante negação do conceito de beleza ocidental, ou seja, dos padrões estéticos ditados pela moda, passando a ideia de que esse movimento tem um discurso “contracultural” (BRAZ, 2005), pois uma das reivindicações dos adeptos destas práticas corporais é que seus corpos devem ser únicos, pois a homogeneização da beleza e do corpo gera uma artificialidade que não desejam para si.

Ortega (2003, p.73) também afirma que as transformações corporais representam avanços na conquista do último continente – o corpo. Ele completa falando que a sobrevalorização que o corpo tem tido, é uma resposta ao grande investimento simbólico que teve nas últimas décadas. Assim, “[...] o corpo tornou-se objeto de desconfiança, de receio, mesmo de desconforto: só aceitamos o corpo submetido a um processo de transformação constante”.

Pires (2003, p. 79) completa a problemática do investimento no corpo afirmando que as transformações corporais alteram a aparência e a forma do corpo utilizando diversas técnicas, imprimindo marcas pessoais nos indivíduos e criando uma pluralidade de formas e sentidos, que se perpetuam há muito na sociedade e que vêm encontrando maior força nas últimas décadas, só que em um novo contexto social, já que agora elas estão presentes nas cidades ditas urbanas.

No entanto, esta transformação, para ser aceita, deve estar alicerçada nos padrões dominantes. Neste momento, a sociedade chega a viver em volta de uma crescente disciplina do corpo, e para se entender melhor esta realidade o estudo recai sobre Foucault (2007, p. 119) que afirma que “a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui

essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”. Hall (sem/ano, p. 42) também esclarece que “o poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância e o governo das espécies humanas ou de populações inteiras, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo”.

Como se vê, o corpo tem se tornado um dos objetos centrais da centralidade da cultura (HALL, s/ano), possibilitando novas formas de ver e novos modos de relacionar como mundo. E hoje, é no corpo que a identidade toma forma, característica marcante da cultura somática. Tudo isso, acontece sob os olhos atentos da mídia que tem se tornado uma das maiores disseminadoras da cultura e tem influenciado grandemente diversos aspectos da sociedade. Apesar da sua disseminação as *extremes body modifications* ainda continuam a gerar polêmica e a sofrer discriminações. Desmistificar essa realidade, sem emitir juízo de valor pode ser uma tarefa importante da academia através da comunicação e das ciências sociais.

6 METODOLOGIA

O trabalho tem caráter qualitativo, fez uso da pesquisa exploratória, pois tem por finalidade esclarecer questões que ainda são relativamente novas na área de estudo da Comunicação. Mas antes de trazer os aspectos metodológicos utilizados para o levantamento de dados, faz-se necessário esclarecer que a pesquisa não buscou levantar verdades fundamentais acerca do movimento da *body modification*, tão pouco cristalizar os aspectos encontrados nas experiências escritas.

Mas sobretudo, procurou-se vivenciar as experiências numa dimensão processual, acompanhando a trajetória dos interlocutores nas operações do cotidiano. “A centralidade na experiência pareceu assim, o melhor percurso a ser seguido, procurando perceber, como, os procedimentos cotidianos, alguns de aparência prosaica, outros nem tanto, contém em si um significado profundo” (SILVA, 2008, p. 41).

Assim, para compreender e descrever estas experiências inspirou-se na Etnografia³³ que “é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30). O interesse nesse método surgiu porque ele está baseado na pesquisa de campo, na personalização e na multifatorialidade da pesquisa e também por ser indutivo, dialógico e holístico (op. cit.).

Muito embora, este método tenha origem na Antropologia³⁴ seu uso tem-se dado também em outras áreas, como a Comunicação, isto porque com o avanço dos estudos baseados nesta metodologia percebeu-se a necessidade de se pesquisar a própria sociedade contemporânea, “procurando encará-la de

³³ A decisão acerca da metodologia a ser utilizada no trabalho se deu após o início da pesquisa bibliográfica e documental o que impossibilitou a pesquisadora de adequar os capítulos da pesquisa de campo aos teóricos o que se espera de uma Etnografia, ou seja, uma narrativa que conta “uma longa história cuja meta principal é reproduzir para o leitor a experiência de interação e vivência do etnógrafo numa determinada comunidade” (ANGROSINO, 2009, p.32). Dessa forma, utiliza-se o termo *inspiração* para informar ao leitor a utilização desta metodologia, apenas na análise de dados.

³⁴ No fim do século XIX e início do XX os antropólogos começaram a utilizar o método etnográfico para o estudo de grupos humanos. Bronislaw Malinowski e Franz Boas foram fortes defensores da pesquisa de campo, em um modelo que colocava o pesquisador no meio da comunidade que estava estudando (ANGROSINO, 2009, p.17).

uma forma nova, experimentando o ‘estranhamento’ dentro da sua própria cultura” (TRAVANCAS, 2005, p.100).

Dessa forma, ao privilegiar esta prática na comunicação, defende-se,

[...] uma metodologia assumidamente focal, experimental, detalhista e descritiva, que se reconhece como fruto de uma negociação entre pesquisadores e pesquisados. O que significa que passamos a considerar a surpresa advinda do embate com o objeto como essencial à formulação teórica, conceituando dentro dos casos e não como ilustrações de uma hipótese genérica concebida de antemão (CARVALHO; SÁ, 2010, p. 298).

Estes aspectos se tornam importantes porque esta metodologia lida com a formulação da teoria a partir dos agenciamentos encontrados nas falas dos interlocutores, possibilitando ainda, o desvio da ideia de “realismo testemunhal” que se tenta atribuir ao etnógrafo, mas antes “na possibilidade de inscrever/ interpretar o fluxo discursivo do outro nas nossas estruturas conceituais, orientados por problemas teóricos profundos” (CARVALHO; SÁ, *ibid*).

Assim, o trabalho fez uso de três técnicas para coleta de dados: primeiro, a pesquisa bibliográfica e documental, segundo, a observação participante e terceiro e último, a entrevista em profundidade.

A pesquisa bibliográfica e documental é essencial a qualquer pesquisa, pois permite aprofundar a compreensão e a reflexão sobre o objeto de estudo – *body modification*, conhecendo, deste modo, as principais teorias sobre este tema, seu surgimento e sua aplicação em outras realidades e ainda, permitiu comparar o perfil dos adeptos de *body modifications* em outras regiões com a realidade do Centro-Oeste. Este ferramenta metodológica também trouxe para o trabalho discussões teóricas acerca da problemática do corpo e da identidade na Pós-modernidade, fazendo uma contextualização das principais transformações que ocorreram neste período histórico.

A técnica de observação participante em que segundo Dencker e Viá (2001, p. 147) “o pesquisador assume no grupo dois papéis: o de estranho ao grupo (observador) e o de participante (membro aceito pelo grupo)”. E completam “o pesquisador deve ter consciência do que deverá ser observado” (op. cit.). Para isso, sugerem que sejam definidos um foco na observação, que se identifique, de forma clara, os participantes da situação e que se passe a

seguir a descrição da conjuntura que se desenvolve o fenômeno. Também é necessário que se refira ao local da observação, ao período em que foi realizada, além da frequência e da duração do objeto analisado (op. cit.).

Jahoda (*apud* DENCKER; VIÁ, 2001, p. 149) estabelece regras sobre o objeto de investigação para que a observação seja feita nos moldes científicos:

- *Participante*: Quem são? Como se relacionam? Quantos são? Idade, sexo, função social? São estranhos ou se conhecem? Pertencem à mesma comunidade? Que tipo de grupo formam? Informal? Estruturas grupais?
- *Situação*: Onde se desenrola o fenômeno? É preciso saber o tipo de comportamento existente: estímulo, permissão, impedimentos etc.
- *Objetivo*: Existe um objetivo oficial ou os participantes reúnem-se por acaso? Se existe, qual é? Como os participantes reagem ao objetivo? Aceitam ou rejeitam?
- *Comportamento social*: Deseja-se realmente saber o que ocorre, como, com quem e o que fazem?
- *Frequência e duração*: Quando ocorreu a situação? Tempo? Tipo? Repetiu-se? Se se repete, qual a frequência? Quais as oportunidades que provocam? Até que ponto a ocasião observada é típica em tais situações?

Além desses aspectos, as informações precisam ser registradas pelo pesquisador no momento da observação para que não se percam informações importantes, evitando ao máximo um viés seletivo ou que haja deformação por falhas da memória (op. cit.).

Dessa forma, para cumprir com os objetivos deste trabalho foram realizadas observações de dois eventos relacionados à temática de *body modification* na cidade de Goiânia e um terceiro, fora dos limites da pesquisa, mas que se mostrou interessante, pois havia participação de um grupo goiano.

Nestes eventos aconteceram performances corporais como: suspensão corporal³⁵, tatuagens, piercings, entre outras. O que permitiu uma maior integração da pesquisa com os indivíduos e forneceu informações valiosas diretamente da realidade vivencial dos grupos, que não poderiam ser captadas apenas com entrevistas.

Outro método etnográfico é a entrevista em profundidade Duarte (2005, p. 62) explica que

³⁵ Esta prática se dá com a suspensão do corpo por meio de ganchos fincados a pele, em que erguido por cordas e roldanas balança no ar, não possui caráter permanente.

[...] é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte selecionada por deter informações que se deseja conhecer (DUARTE, 2005, p. 62).

Nesse sentido, Neto (1994, p.57) afirma que a entrevista “é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidas na fala dos atores sociais” servindo como coleta de informações podendo obter dados objetivos e subjetivos.

Duarte (2005, p.64) afirma também que a entrevista em profundidade e extremamente útil para os estudos do tipo exploratório, pois tratam de conceitos, percepções ou visões que ampliam conceitos sobre uma determinada situação a ser analisada. Esse tipo de entrevista geralmente é individual e pode ser classificada em tipologias. Assim, nesta pesquisa será utilizada a tipologia da pesquisa semi-aberta, que segundo o autor é um modelo de entrevista que tem matriz, ou seja, um roteiro de questões-guia³⁶ que dá cobertura ao interesse da pesquisa. O autor alerta quanto à validade e confiabilidade da entrevista, e para isso sugere o rigor metodológico que está alicerçado em três questões:

1- seleção de informantes capazes de responder a questão de pesquisa; 2- uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis; 3- descrição dos resultados que articule consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível (DUARTE, 2005, p. 68).

Assim, seguindo o rigor metodológico sugerido foram feitas entrevistas com dois profissionais de estúdios de tatuagens e *body piercing* envolvidos com o movimento da transformação corporal em Goiânia. E ainda com dois adeptos (um homem e uma mulher) da *body modification* residentes na região. A necessidade de buscar estes indivíduos nos estúdios se deu porque são neles que têm ocorrido o encontro e a socialização dos adeptos destas

³⁶ O Roteiro de Entrevista desta pesquisa encontra-se no final do trabalho – Anexo A e B.

práticas, e por partir dos estúdios a disseminação das próprias práticas de transformação corporal na cidade.³⁷

É importante destacar que as práticas de *body modification* estão relacionadas à juventude, mais especificamente aos jovens maiores de idade. Isto se dá por existir leis que proíbem que estúdios de tatuagens e *piercing* realizem seus serviços em menores de idade sem autorização dos pais. Esta legislação que vigora no Estado de São Paulo³⁸, já serve de referência para muitos estúdios registrados de *body modification* em todo país.

Como se vê, as entrevistas permitiram conhecer o perfil das pessoas que possuem vivência com a atividade citada, bem como, compreender os aspectos gerais que levam os indivíduos a praticarem estas transformações corporais.

Dessa forma, se deu a pesquisa exploratória do trabalho buscando a interação com a teórica, para levar a feito os objetivos dessa pesquisa.

³⁷ Os maiores estúdios da região possuem páginas nas redes sociais que mantêm seus “seguidores” informados sobre promoções, novas técnicas e materiais, ou mesmo os trabalhos realizados.

³⁸ Lei Estadual N° 9.828, de 06-11-97, proíbe a realização, em menores de idade, de procedimentos inerentes à prática da tatuagem e àquela prática denominada "piercing", em estabelecimentos.

7. DIÁRIO DE CAMPO: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO UNIVERSO DA *BODY MODIFICATION* EM GOIÂNIA

Quando resolvi estudar a modificação corporal, a primeira preocupação que tive foi – como vou entrar neste universo? Sou “virgem” de pele. Ninguém vai querer começar uma amizade comigo. Sem contar que não conhecia absolutamente ninguém do meio. Comecei então, a fazer pesquisas na internet para descobrir um pouco mais sobre o tema, sobre as pessoas e também se de fato em Goiânia havia alguém que praticava as técnicas mais “radicais”. Logo me deparei com sites especializados, mas não havia muita informação sobre a região. Então, com minha conta do Orkut resolvi pesquisar comunidades de *body modification* nas redes sociais e encontrei duas nacionais principais. Lá fiz uma seleção das pessoas que diziam ser de Goiânia, já pela foto do perfil dava para saber se tinham ou não muitas modificações. Encontrei várias pessoas, mas diante da minha preocupação de não ser aceita pensei: meu atual perfil não é atraente, afinal uma mulher casada, com dois filhos, sem modificação ao menos aparente... Quem iria querer iniciar uma amizade. Resolvi, então, criar uma nova conta com perfil mais light, no qual coloquei apenas fotos minhas sozinhas e de lugares que havia viajado, para parecer mais “descolada”, sem dar informações da minha família e de meu relacionamento. Comecei desta forma a entrar em contato com muitas pessoas, mandando mensagens e solicitando amizade. Não tive um sucesso estrondoso, acho que minha foto denunciava. Mas mesmo assim conheci algumas pessoas da região que passaram a me ajudar. Uma moça, em especial, ajudou-me a entender a realidade de Goiânia (principais estúdios e eventos). Mas como estava apenas iniciando os estudos e ainda no processo de admissão no curso, guardei o contato.

Após ser aceita no programa de mestrado, começaram então os estudos mais teóricos, a principal questão de início que surgiu para mim era adequar o meu objeto a Ciência da Comunicação, como estava estudando o Corpo e a Cultura em que ele estava envolvido, mas para alguns professores precisava atrelar também a este estudo o conceito de Mídia, já que estava em um programa de mestrado em Comunicação em uma linha de pesquisa de Mídia e Cultura. Esse questionamento foi bastante produtivo, pois me possibilitou

alavancar estudos mais aprofundados na área dos Estudos Culturais e das Teorias de Comunicação. De posse de algumas novas perspectivas teóricas escrevi o texto para a qualificação e resolvido de certa forma o embate teórico, passei então a parte prática da pesquisa.

Neste momento, mais uma vez, recorri às amizades virtuais para conhecer profissionais de Goiânia que poderiam ajudar-me. Dos profissionais que conheci no pré-campo (virtual) em Goiânia o que mais se mostrou solícito e interessado pela pesquisa foi Thiago Rodrigues do estúdio *Modern Primitives*. Ocasionalmente conversava com ele por MSN e passava alguma posição do andamento da pesquisa. E assim, após a elaboração do conteúdo teórico e da definição do questionário para as entrevistas, resolvi fazer uma pré-entrevista com Thiago. Em contato com ele no MSN³⁹ fiz a proposta de entrevistá-lo, ele aceitou imediatamente, assim marcamos, já no local a entrevista durou quase duas horas. A conversa foi interessante e bastante produtiva, pois tive a oportunidade de perceber nas práticas de Goiânia semelhanças com outras regiões e também semelhanças com os aspectos das teóricas que havia estudado.

Assim, já com a pesquisa mais adiantada e com o roteiro de entrevista pronto, em novembro de 2011 entrei com o pedido de autorização de pesquisa no Comitê de Ética da Universidade e após algumas idas e vindas, o Comitê aceitou avaliar o projeto em dezembro de 2011. E após mais alguns esclarecimentos nos meses posteriores ao Comitê, este aprovou a pesquisa em março de 2011.

Isto possibilitou a minha entrada de fato no universo da pesquisa. Assim, darei início a apresentação e discussão dos dados desta pesquisa, por meio da metodologia já descrita no capítulo anterior. Primeiramente farei o relato das observações participantes. E por último, faço os relatos das entrevistas dos profissionais e dos adeptos.

7.1. RELATO DAS OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES

³⁹ Ferramenta de envio de mensagens instantâneas do Hotmail.com

O início do período de coleta de dados da observação participante se iniciou em outubro de 2010 a foi até janeiro de 2011, a pesquisadora estava atenta a todos os eventos que tinham alguma relação com a modificação corporal. Pode-se observar que a internet é o veículo de mídia utilizado para divulgação de tais eventos, principalmente as redes sociais. Houve, então, anúncios de dois eventos neste período: *Miss Tattoo* durante um festival de Rock e *O Extraordinário Mercado Flutuante*⁴⁰ ambos em Goiânia.

Dessa forma, após o relato das duas observações citadas haverá um terceiro, que trata de um evento realizado fora da área delimitada desta pesquisa, porém como havia um grande interesse por parte da pesquisadora em participar de um evento mais específico de modificação corporal e por não ter ocorrido na região, optou-se por realizar esta observação mesmo fora da região estabelecida inicialmente, pois um grupo de Goiânia estaria presente e por isso havia possibilidade de surgirem dados relevantes para a pesquisa. O que de fato aconteceu. Este evento proporcionou a possibilidade de se ter um outro olhar, um olhar diferenciado da pesquisa para as práticas de modificação e ainda, uma forma de estabelecer outras relações com o universo da *body modification* já que o evento tinha caráter nacional e possibilitaria o contato da pesquisadora com a realidade vivida dos diversos praticantes do Brasil.

7.1.1 Miss Tattoo – Goiânia, dia: 23/10/10 – Martin Cererê, st. Sul.

Depois de receber um folder com cartaz do evento em um recado do Orkut, interessei-me. O evento seria uma atração de festival de rock – *Go Mosh* – já conhecido na cidade, estava na sua 3ª. edição, nele segundo o propaganda se realizaria o concurso: 1º Miss Tattoo Goiânia.

⁴⁰ Foi anunciado um terceiro evento de suspensão em Brasília, mas foi cancelado. Motivo: o local de realização do evento foi interditado judicialmente.



Ilustração 19 – Cartaz de divulgação do Miss Tattto Goiânia⁴¹ 2010

Fonte: <http://avelan.wordpress.com/category/eventos/>

Após este primeiro anúncio recebi mais informações do evento em meu perfil do *Orkut*.



Ilustração 20 – Cartaz de divulgação do Evento Go Mosh

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Scrapbook?uid=16683373106130790196>

⁴¹ Premiações: O 1º lugar ganha 1 Book, agenciamento Mega Model, 2 entradas para o Hot Park, 1 Tattto de até 2.000,00 R\$, vale compras na Ambiente Skate Shop, 1 perfume Lara Imports e 1 jantar com acompanhante na Trupe do Açaí. O 2º lugar ganha 1 Book, 1 Tattto de até 1.000,00 R\$ e kit com acessórios Avelã, Novelo e Naya Violeta. O 3º lugar ganha o Book e o kit com acessórios Avelã, Novelo e Naya Violeta.

Por isso me interessei bastante pelo evento. Procurei mais informação sobre o horário da realização no perfil dos divulgadores no Orkut e chegando o dia fui até o local indicado. O Martin Cererê⁴² é um local *cool* de Goiânia, em que são realizados vários eventos de cultura. Chegando lá, por volta das 20h estacionei o carro próximo ao local, havia alguma movimentação, embora não houvesse uma grande quantidade de carros. Dirigi-me a portaria paguei o ingresso R\$ 15,00, fui revistada e finalmente adentrei ao local. Logo observei que se tratava de um festival de rock, a música numa batida rápida, mas o som estava longínquo. Logo descobri que as bandas tocavam uma espécie de teatro e por isso o som ao longe, pois havia isolamento acústico. No pátio defronte ao teatro, podia se ver a esquerda barracas montadas com vários objetos, uma espécie de “feirinha” e a direita um bar, já bastante frequentado.

Fui as barracas, encontrei lá muitos objetos de modificação: alargadores e piercings, mas também havia roupas, lingerie e CDs tudo ao estilo rock. Tudo com um preço acessível. Mas não havia muitas pessoas comprando. Na parede próxima as barracas, fotos das candidatas ao concurso de Miss, num banner preso a parede, iluminado por uma luz direta. Segui então para o teatro, o show de rock estava acontecendo. O ambiente escuro, a iluminação vinha apenas do palco em que os integrantes da banda tocavam e dançavam empolgados. Não havia cadeiras e ao observar verifiquei que algumas pessoas encostavam-se à parede e outras poucas ao centro do salão dançavam empolgadamente ao estilo do rock pesado. Muita fumaça de cigarro no local e consumo de bebida alcoólica também. O público em sua grande maioria era jovem, arriscaria apontar a faixa etária dos 16 anos aos 35. Mas existia também um público mais velho, embora estes últimos em sua maioria estivessem no ambiente externo, e mais ainda nos pontos de vendas.

Até então, a única referência que vi ao evento do Miss Tattoo, foi o banner. Procurei então falar com algumas pessoas, para pedir informações, logo descobri que o concurso realmente aconteceria, mas como havia risco de chuva tudo estava incerto, por isso era preciso esperar, o que fiz. Encostada em uma parede comecei a observar, as roupas – bem no estilo rock, a maquiagem - pesada, as expressões corporais – pessoas bastante animadas e

⁴² Centro Cultural da cidade Goiânia, é utilizado para diversos festivais. Atualmente é administrado pelo Estado de Goiás.

íntimas. Junto as mesas de vendas de CDs das bandas participantes do evento havia algumas famílias, marido, esposa e crianças no local. Muita tranquilidade apesar do som pesado de rock. Muitos abraços de conhecidos, e a constante presença de grupos. Os jovens sempre em grupo, pouca gente sozinha como eu. Por isso, tornei-me um alvo fácil de olhares. Fiz questão de ir sóbria, não queria me destacar com alguma roupa “inapropriada” por isso, jeans e camiseta preta.

Depois de aproximadamente 25 minutos, a banda parou de tocar e todos saíram do teatro, alguns muito suados, devido a empolgação da dança e outros mais tranquilos. Sem alarde, estas pessoas começaram a subir para a parte dos fundos do teatro fechado, sem nenhum aviso na área exterior, logo pensei que enfim o concurso se iniciaria. Subi também, descobri um teatro externo, o local é bastante amplo. Alguma correria, notando o alvoroço de fato percebi que o concurso se iniciaria, mas a comissão organizadora estava preocupada com a chuva e com o fato de algumas meninas ainda não estarem “prontas”. Conversei então, com um membro da organização que informou que – algumas meninas ainda estavam fazendo cabelo e maquiagem, mas precisavam correr para não pegar chuva porque havia preocupação com o cenário do desfile também.

O portão que dava acesso ao teatro externo ainda estava fechado, mas devido ao número de pessoas interessadas em entrar, logo se formou um fila. Que foi liberada para entrar logo em seguida. As pessoas foram se acomodando formando então um público bastante significativo.



Ilustração 21 – Público do Evento Miss Tattoo Goiânia 2010
Fonte: <http://avelan.wordpress.com/category/eventos/>

Após alguns minutos da abertura dos portões a música começou, um batida mais leve que o rock pesado, algo mais pop. E então, o cerimonialista apresentou o concurso, agradeceu aos patrocinadores e a organização do evento. Depois disso chamou a primeira candidata, depois uma a uma, todas surgiam em roupas “descoladas”. Cada uma fazendo uma performance, não havia nada padronizado, exceto as paradas estratégicas para fotos, elas podiam cumprimentar a platéia, acenas, dar beijos, rasgar a roupa para “mostrar” o que estava por baixo, fazer gestos de rock e destacar suas tatuagens nos locais que tivessem. Todas utilizaram bem a passarela e as expressões corporais para chamarem atenção para si. A platéia empolgadíssima aplaudia e gritava e anunciava suas favoritas a cada entrada das candidatas. Logo observei que esta reação do público não estava relacionada as paradas em que as candidatas mostravam sua tatuagem, mas naquelas em que mostravam alguma parte do corpo mais íntima.



Ilustração 22 – Concorrentes no momento do desfile
Fonte: <http://avelan.wordpress.com/category/eventos/>

Dessa maneira, o momento máximo de empolgação da platéia com o desfile, se deu foi quando as candidatas começaram a desfilarem com trajes menores. Logo surgiu uma candidata com biquíni “fio dental”, os homens da platéia foram ao delírio, inclusive gritando para a candidata – Já ganhou, já ganhou! Parecendo prever a decisão do júri após todas as concorrentes desfilarem veio o veredicto, a candidata vencedora foi a apontada pela platéia.



Ilustração 23 – Trio Campeão do Miss Tattoo 2010
Fonte: <http://avelan.wordpress.com/category/eventos/>



Ilustração 24 – 1º Colocada - Renata
Fonte: <http://avelan.wordpress.com/category/eventos/>

A primeira colocada do Miss Tattoo 2010, acabou sendo uma moça, loira, alta, magra, com apenas uma tatuagem no quadril, vale destacar que se

estiver em trajes normais a tatuagem ficará escondida. Mas não apenas a primeira candidata traz este perfil, as outras duas classificadas também. Notamos aqui um aspecto interessante, o padrão de beleza dominante, ao menos na forma, também predominância neste universo de concurso. Eles não são excludentes, mas antes se somam. Traz, assim, um sentido mais estético para as tatuagens e para o movimento.

7.1.2 O Extraordinário Mercado Flutuante – Goiânia, dia: 17/12/10 - Fábrica Cultura Coletiva, st. Central.

O segundo evento envolvendo modificação corporal foi o evento chamado - O Extraordinário Mercado Flutuante - é um evento que embora não possua periodicidade regular acontece ocasionalmente na região. Ele possui um tema específico em cada edição. Esta edição em especial trouxe como tema a modificação corporal. Fui convidada pelo Thiago Rodrigues para o evento pelo *Facebook*⁴³. Interessei-me e fui ao evento no dia e local marcado.



Ilustração 25 – Cartaz do Evento – O Extraordinário Mercado Flutuante
Fonte: <http://cherryland.com.br/vamos.html>

⁴³ Rede social da Internet que atualmente disputa com o Orkut pela liderança deste tipo de ferramenta no Brasil. Seu crescimento é gigantesco, por isso muitas pessoas migraram do Orkut para o *Facebook*.

O evento aconteceria numa galeria de lojas “alternativas”: Fábrica Cultura Coletiva, localizada na r. 03, nº. 346 no centro da cidade. Cheguei ao local por volta das 19h30. O setor central neste dia estava movimentado, porque paralelo a este evento acontecia outro de cunho popular. No entanto, não houve dificuldade para chegar ao local de destino. Na frente da casa de fachada antiga transformada em galeria “moderna” já havia o movimento de algumas pessoas embora não estivesse cheio. Elas estavam conversando, consumindo bebida alcoólica, fumando, pareciam se conhecer bem. Para entrar na galeria não havia cobrança de ingresso.



Ilustração 26 – Fachada da Fábrica Cultura Coletiva
Arquivo Pessoal

Apenas uma recepcionista na entrada, Natasha Freitas, moça jovem e adornada com tatuagens nas pernas, anotava os nomes das pessoas, e-mail e telefone para possíveis contatos no futuro, dizia ela. E completava “para passar também novidades das lojas”.



Ilustração 27 – Natasha Freitas – recepcionista do evento.
Arquivo Pessoal

Ao entrar na galeria notei que os diversos cômodos foram transformados em ambientes individuais. Circulei nestas salas sem ser notada, mais uma vez fiz questão de ir com uma roupa “coringa” – jeans e camiseta preta. Assim, tudo ocorrendo bem, comecei a circular mais uma vez. Conversei com algumas pessoas, apresentei-me e informei porque estava ali – desenvolvendo uma pesquisa. Elas logo se apresentavam receptivas e me revelaram que ali “todo mundo meio que se conhecia”, porque os que as atraíam eram os mesmos gostos musicais⁴⁴. E que o cenário aqui em Goiânia é pequeno, então as pessoas sempre se “esbarram” em eventos assim.



⁴⁴ O estilo retro tem sido uma tendência, algo que remete aos anos 1980, trazendo os hits de música, roupas, acessórios e o que mais se puder remeter àquela época.

Ilustração 28 – Ambiente Interno do Evento
Arquivo Pessoal

Assim, logo depois dessas conversar encontrei o Thiago Rodrigues, o organizador e o responsável por meu convite. Ele me apresentou algumas pessoas e informou que ali era um lugar para se divertir e também fazer negócios, por isso existia várias lojas expondo. Era também uma maneira de aproximar as pessoas. Completou afirmando que podia ficar a vontade para circular e conversar com as pessoas.

Após a conversa com Thiago, notei que o som era fator importante na festa, pois quando uma música nova surgia as pessoas gritavam incentivando os DJs, o estilo era de uma música mais tranquila e dançante, diferentemente do primeiro evento⁴⁵.



Ilustração 29 -Mesa de som e os DJs da festa
Arquivo Pessoal

Na parede próximo ao local destinado ao estúdio do Thiago Rodrigues havia uma exposição de fotos do fotógrafo Flávio Pessoa, que realizou o trabalho especialmente para o estúdio *Moderns Primitives*.

⁴⁵ Ver relato do Miss Tattoo.



Ilustração 30 – Exposição de fotos de Flávio Pessoa
Arquivo Pessoal

O evento seguia tranquilo, quando a música parou repentinamente. Neste momento logo alguém surgiu e informou que haveria uma performance de dança contemporânea com a artista Luciana Celestino. A apresentação durou cerca de 15 minutos, ao final todos aplaudiram e gritavam frases de incentivo a artista, algo bem intimista.



Ilustração 31 – Artista Luciana Celestino em uma performance de dança
Arquivo Pessoal

Assim, após a performance as pessoas e continuaram a conversar e fazer suas compras. Com o tempo as pessoas foram deixando o ambiente tranquilamente e o evento se encerrou.

Podemos observar que estes eventos são bastantes improvisados, mas não no sentido pejorativo. Mas no sentido de que várias pessoas ajudam como pode, um cede uma mesa de som, outro o espaço, uma performance artística, umas fotos. Embora o comércio esteja presente, o objetivo maior e de interação entre este grupo específico, talvez por falta de um ambiente mais constante que possa “abarcá-los”. Assim, na tentativa de se juntarem costumam organizar eventos desse tipo. Essas propostas possibilitam não só a interação, mas principalmente a socialização destes indivíduos que compartilham gostos musicais e estilos de vida, fortalecendo os laços e a amizade, algo em declínio em nossa sociedade.

7.1.3 InterHook – Jundiaí, São Paulo, dias: 08, 09 e 10/04/11 – Chácara DE VÁRZEA PAULISTA

Nós reunimos em um posto Esso da Br 110. Marcamos⁴⁶ de nos encontrar às 6h, cheguei um pouco atrasada às 6h 15, fiquei preocupada, mas apenas Jennifer havia chegado. Depois foram chegando todos os outros um a um e partimos finalmente as 9h 45 numa van. A viagem começou bem todo mundo animado, ao poucos com o passar do tempo, uns foram dormindo. Seguiu-se tranquilamente, Lara então sugeriu ao grupo colocar alguma música no som da van. E como Pedro é DJ, logo ficou encarregado de colocar algum som, o que fez. Muita música ao longo do caminho principalmente rock, anos 1980 até as atuais. Paramos em uma cidade pequena de Minas para comprar gelo, umas pessoas para fumar, todos estavam ansiosos para tomar Coca-cola, o único refrigerante comprado para a viagem. E assim, mais uma vez pegamos a estrada rumo ao destino final. Sentei ao lado de Jennyfer e Lara. Na frente próximo ao motorista estava Alexandre, no segundo banco estavam: Flávio, Pedro e Thiago. O terceiro era o meu e no último estavam a Anny e Renata, que dormiram a bastante na viagem. Já estávamos quase na divisa de Minas Gerais com São Paulo pela hora do almoço, quando paramos para almoçarmos em um posto. Uns lancharam e outros comeram comida “caseira”. Descobri aqui que Thiago é vegetariano. Alguns comeram outros, fumaram e

⁴⁶ Integrantes do grupo para a viagem: Lara Cintra, Alexandre Prata, Thiago Rodrigues, Pedro Faust, Flávio Pessoa, Elaine Gonzaga, Jennyfer Almeida, Anny Ribeiro e Renata.

seguimos viagem com música. Mais pelo meio da tarde, já em São Paulo, outra parada, a última planejada antes de chegarmos ao destino. Por isso lanchamos e alguns mais uma vez fumaram. Foi aqui que houve uma preocupação com o local exato do evento na cidade, então utilizando o celular conectado pela internet *wi-fi* do local de parada entraram no *Facebook* e Thiago conversou com os organizadores do evento que explicaram mais detalhadamente como chegar ao local. Já com tudo preparado novamente seguimos. E perto das 19h chegamos a Jundiaí, o trânsito estava congestionado. Pedimos algumas informações aos motoristas da cidade que prontamente informaram. Assim, por volta das 19h 45 chegamos ao local que iria acontecer a primeira festa do evento. O local, algo entre bar e boate, fica no centro da cidade, tem uma aparência meio *undergroud*, mas muito espaço, tanto em área aberta quanto em área fechada. No entanto, para o evento a área fechada não foi utilizada.



Ilustração 32 – Fotos do Local do Evento
Fotógrafo: Flávio Pessoa -Arquivo Pessoal

Não havia público ainda no local, apenas alguns funcionários. Todo o grupo ficou animado, mas antes de ficar para festa queríamos tomar banho, trocar de roupa para nos apresentamos melhor. Enquanto decidíamos sobre

estas questões, ví outras pessoas chegando, com mochilas nas costas e com um visual característico e com o corpo bastante modificado. Percebi, enfim, estava num evento de suspensão. Fomos, então, para um hotel na própria rua do bar. Lá tomamos banho, primeiro as meninas, depois os meninos. O Thiago e o Alexandre instalaram o motorista em um quanto e providenciaram comida. Depois de todos, prontos, por volta das 21h seguimos para o bar. As meninas bastante produzidas roupas ao estilo rock- descolado, maquiagem e acessórios, já os meninos de jeans, camisetas e tênis clássicos. Ao chegar o bar já estava tomado de pessoas. O som pesado de rock era tocado, mas o show ao vivo estava programado para mais tarde. Fiquei observando um pouco o ambiente todo. Muitos jovens, arriscaria dizer que entre 18 e 35 anos na sua maioria, embora houvesse alguns aparentando mais de 40. Muitos grupos conversam animadamente, aparentavam se conhecer bem. Ao fundo do bar havia duas mesas de sinuca, o que despertava gritos de entusiasmo dos jogadores. No fundo também havia algumas mesas em que se reuniam muitas pessoas conversando. A fila do caixa do bar estava gigantesca. Muitas pessoas comprando e bebendo cerveja, a principal bebida da festa, embora houvesse também energéticos, refrigerantes e outras bebidas destiladas. Não havia comida, na verdade, nenhuma espécie de comida no bar. Talvez este fato tenha me chamado a atenção, porque estava com fome, já que não havíamos parado para o jantar. O grupo que estava se comportando de forma bastante natural e tranquila, Thiago conhecia algumas pessoas e cumprimentava os organizadores do evento e apresentava-nos a todos. Depois de um tempo ali, resolvi circular e conversar com alguns indivíduos. Queria saber de onde eram, e porque estavam ali, qual o objetivo. Conversei então com três rapazes separadamente. O primeiro era do Rio de Janeiro, estava ali para a convenção de suspensão. Ele já havia se suspenso algumas vezes, e estava animado, bem mais velho que os demais disse que não trabalha na área, mas que gostava muito. Informou também que sempre que pode participa desse tipo de evento. O outro rapaz era da capital, São Paulo, tinha vindo pelo evento também “porque trabalho com *piercing*”. Informou que iria acampar conosco na Chácara⁴⁷. O último rapaz era da própria cidade, Jundiaí, mas não

⁴⁷ O evento se realizaria em uma chácara numa região mais afastada do centro da cidade.

precisei me aproximar, ele quem se aproximou, porém como estava com Jennifer e Lara, pensei que estivesse interessado em alguém. Ele se apresentou a nós, depois perguntou de que lugar éramos. O rapaz foi bastante amigável e disse que possivelmente passaria na chácara, mas não acamparia conosco. Ele disse também que nunca havia sido suspenso, mas achava interessante a prática e por isso queria ver.⁴⁸ Depois disso, voltamos para o ponto em que o grupo estava e continuei a observar a festa. Já, por volta das 2h depois de alguns refrigerantes ainda continuava com fome, foi então que vimos uma movimentação em frente a boate, eu e algumas meninas do grupo descemos para ver. Ao chegar a rua identificamos um carro desses característicos de venda de cachorro-quente, e assim, eu, Renata e Anny compramos alimento. Voltamos para o bar e por volta das 3h30, o organizador do evento- Valnei - nos informou que um grupo iria de carro para a chácara, então decidimos ir com este pessoal. Pegamos a van no estacionamento do hotel e seguimos os carros e chegamos por fim a chácara que ficava mais afastada do centro da cidade. Ainda escuro, pusemo-nos a descarregar as bagagens para montarmos as barracas e o acampamento. Tudo correu bem, não estava muito frio e todos ajudaram. Quando tudo se aquietou o relógio já marcava 4h35. Mas ao longe ainda, podíamos escutar outras pessoas chegando e também armando suas barracas. No entanto, todos dormiam tranquilamente e assim, foi até o amanhecer.

As 7h30 acordei, olhei em volta, Lara e Jennifer dormiam, ficamos nós três em uma barraca. Mas não quis acordá-las. No entanto, como havíamos armado a barrada num campo aberto, com o sol subindo a temperatura também subiu. Como fazia muito calor resolvi levantar e sem querer acordei as meninas.

Sai da barraca, conversei com os rapazes que já haviam acordado e tomado banho. Eles trocaram as barracas de lugar, desta vez para próximo de algumas árvores. Logo as meninas da minha barraca também acordaram e mudamos também. Restou apenas a barraca da Anny e Renata, mas logo levantaram e também mudaram.

⁴⁸ Não encontrei este rapaz em outro momento no evento.



Ilustração 33 – Detalhes do nosso acampamento
Arquivo pessoal

A viagem longa, aliado a festa e ao pouco sono, deixou o grupo meio cansado, por isso na parte da manhã do sábado 09/04/2011 cuidamos apenas da comida e durante a maior parte do tempo ficamos conversando. O comportamento do restante dos acampados do evento não era diferente. Tudo muito calmo. Não havia som de música de nenhum tipo, nem conversas altas, as pessoas não estavam bebendo. Desde o início das conversas sobre o evento, houve no *Facebook* a intenção, por parte dos organizadores do evento, em esclarecer que se tratava de um evento para promover a suspensão, através do aprendizado de técnicas e confraternização. O que pude perceber era que o aprendizado das técnicas veio no momento das suspensões e a interação mais ativa também. Longe desses momentos a interação era bem menor. Por isso, o que vi durante toda esta primeira manhã foi uma peregrinação ao banheiro para banho e higiene pessoal dos grupos já estabelecidos.

Por volta das 15h, depois de muita conversa sobre assuntos diversos entre nosso grupo, as meninas decidiram organizar o almoço. A chácara contava com uma casa de apoio em que oferecia uma cozinha para preparação de alimentos. Como havíamos feito compras em Goiânia e levado comida organizamos nossa própria alimentação. Só dividimos este espaço com outro grupo de Brasília, os outros participantes optaram por comer fora e outros, tantos, comiam biscoitos, salgadinho. Havia nesta mesma área próxima a cozinha um bar que fornecia bebidas de diversos tipos. Apenas no final da tarde começaram a haver movimentação para o início das suspensões. Então, aos poucos as pessoas foram seguindo para a parte da Chácara reservada para as atividades, assim todos do acampamento foram seguindo o fluxo.





Ilustração 34 – Fotos do Galpão destinado as suspensões corporais
Arquivo Pessoal

Ao chegar ao galpão, muitos rapazes preparavam o local. Eles verificavam a estrutura de metal ao centro do galpão, faziam amarrações de cordas, roldanas, ganchos e equipamentos diversos, o clima estava um pouco tenso. Na parede ao lado podia-se ver uma exposição de fotos. E ao fundo, o que parecia ser a cozinha do galpão se tornou o centro de apoio para as perfurações. Todos assistiam em pé a tudo com serenidade e paciência. Ninguém bebia, os que fumavam ficavam de fora do galpão. No total havia poucas pessoas, algo em torno de 40. Observei duas famílias completas – mãe, pai e filhos bem pequenos (bebês) que assistiam a tudo naturalmente.

E foi assim, num clima de tensão e calma que por volta das 16h começaram as suspensões. A primeira a ser suspensa foi Thais Andrade Padilha, de São Paulo. Conversei com ela após a performance e fiquei sabendo que já havia sido suspensa outras vezes e que gostava muito dessa prática. Durante sua suspensão, o clima ficou um pouco tenso, talvez por ser a primeira suspensão do evento. Foi pedido silêncio por parte dos organizadores, e depois de um tempo foi pedido a todos que parassem de tirar fotos, pois os flashes estavam impedindo a concentração. Na verdade, Thais informou que foi a primeira vez que foi suspensa na posição Lotus⁴⁹ e por isso estava muito

⁴⁹ Segundo Braz (2006), existe diversas técnicas em que os indivíduos podem ser suspensos: Suspensão Vertical pelo Peito (“O-Kee-Pa”); Suspensão Vertical pelas Costas (“Suicídio”); Suspensão Vertical pelas Costas com Ganchos nos Braços (“Espantalho” ou “Crucifixo”); Suspensão Horizontal de Cabeça para Baixo (“*Superman*”); Suspensão Horizontal de Cabeça para Cima (“*Coma*”); Suspensão Joelho Invertido (“*Falkner*”); *Tandem* (bicicleta de dois assentos) *Suspensio*; *Pulling*. Essas são as técnicas mais usuais, o que não impede de surjam outras ou que sejam adaptadas, lembra ele.

nervosa. Todos em silêncio e clima ficou tranquilo e após sua suspensão finalizada todos aplaudiram no local. Não houve música durante esta suspensão.



Ilustração 35 – Suspensão de Thais Padilha Fotógrafo: Flávio Pessoa
Fonte: <http://vidasuspensa.wordpress.com/>

Dessa forma, posteriormente foram acontecendo várias suspensões, uma após outra, em diversas modalidades. Já estava noite quando começaram a acontecer as suspensões duplas com os praticantes mais experientes. Estas foram bem mais dinâmicas, havia o som do rock pesado e ambos interagem conversando, brincando, gritando, enfim, aproveitando o clímax que esta prática pode oferecer a seus adeptos.

Aconteceram mais de 20 suspensões neste dia. E saímos de lá por volta das 21h.

Ao chegar ao local de apoio mais uma vez as mulheres do grupo preparam o jantar. Todos comeram e como havia sobrado muita comida, Thiago sugeriu que compartilhássemos com outros do acampamento e assim,

o grupo ofereceu para as pessoas que estava por perto o que fez com que nos aproximássemos de algumas pessoas do evento.

Com o passar das horas alguns do grupo saíram para tomar banho e se recolheram, outros foram a um show de rock que aconteceria no galpão.

Ao amanhecer, domingo – 10/04/2001, descobrimos que havia faltado água na chácara. Por isso, as atividades de suspensão que estavam programadas para começar às 10h, tiveram que se suspensas até se restabelecer o fornecimento de água. O organizador do evento Valnei Santos⁵⁰, esclareceu que além da necessidade do banho para as pessoas que iriam realizar as suspensões, também havia necessidade de limpeza de equipamento e instrumentos. Por isso a necessidade de aguardar esta adversidade ser resolvida, o que não demorou. Antes, porém, fizemos um lanche, e já pela 12h com o problema da água resolvido começamos a fazer o almoço para o grupo. Às 13h os profissionais responsáveis pela suspensão começam a ir para o local em que se realizariam as suspensões. Do nosso grupo primeiramente foram todos os rapazes, mas logo em seguida todo o restante seguiu para o local também.

Neste dia ao chegar ao galpão notei que havia bem mais pessoas que no dia anterior, em média uma 80 pessoas, o que me impressionou. Fiquei sabendo que muitas pessoas vieram da capital para apoiar o evento. Num dos cantos do galpão, algumas pessoas de uma comunidade Hare Krishna vendiam comida vegetariana: empadas de palmito e milho, *brownies*, entre outras coisas. Com o preço acessível, muitas pessoas optaram por “almoçar” estes itens. Havia também outras mesas em que se vendiam camisetas do evento, artesanato, e outras coisas, mas havia pouco movimento por lá.

De volta as suspensões, aconteceram duas individuais. No entanto, logo os organizadores pediram para que voltássemos ao centro de apoio do acampamento, pois iria acontecer uma palestra com uma pesquisadora da Universidade Federal Fluminense. Fiquei sabendo durante sua apresentação que era socióloga e que havia estudado a *body modification* em sua monografia. Neste momento, ao se dirigir para o local indicado vi algumas pessoas indo embora do evento de carro.

⁵⁰ A apresentação dele será feita mais a frente no trabalho.

Assim, todos os participantes seguiram, e ao chegar ao centro de apoio todos se acomodaram como puderam esperando início da palestra.

Valnei Santos⁵¹ começou sua fala agradecendo aos participantes do evento, pelo empenho em estar lá. Disse que sabia que não tinha sido fácil, mas que realmente estava feliz por tudo ter dado certo. Depois apresentou a palestrante Cláudia Machado⁵² que fez um estudo sobre a modificação corporal e agradeceu a sua presença passando a palavra para a pesquisadora.

Cláudia Machado então se apresentou informou que fez uma monografia sobre modificação corporal para o curso de sociologia da Universidade Federal Fluminense. Explicou que se interessou pelo assunto porque seu companheiro é alguém bastante modificado, e que sempre trabalhou com isso em São Paulo, mas que ao mudarem para o Rio de Janeiro sentiu por lá um enorme preconceito, isto não só por parte dos não-modificados, mas também por parte dos estúdios de modificação que afirmavam que ele possuía um visual bastante “pesado” para, inclusive, trabalhar neles. Diante deste estranhamento, Cláudia resolveu ir a campo para investigar tal atitude e a história da modificação corporal.

⁵¹ Valnei Santos, foi o idealizador e organizador do evento, é um profissional de Recife – PE. Trabalha há mais de 10 anos na área de modificação corporal, e com suspensões a pelo menos 8 anos no Brasil, ele é um dos pioneiros da prática aqui. Muito preocupado com os rumos da suspensão corporal no Brasil e com as técnicas utilizadas pelos profissionais, objetivou o evento com a intenção de fomentar a interação dos profissionais das diversas regiões. Disse-me pessoalmente que havia convidado alguns profissionais, de renome para o evento, mas que embora confirmassem suas presenças, mas não foram e nem deram maiores explicações. Disse-me também que este é um problema dos profissionais da área – Não são unidos. Mas estava satisfeito com que estava realizando, principalmente porque era o primeiro evento assim, e que tudo que aconteceu de errado serviria para acertar no próximo – Com certeza acontecerá outro no próximo ano, afirmou ele. Quando perguntei por que escolher o interior de São Paulo, ele me disse que havia escolhido a região por ficar central para os profissionais. Para mais informações sobre este profissional ver: <http://vidasuspensa.wordpress.com>

⁵² Atualmente cursa a Especialização em Gênero e Sexualidade (EGeS) do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) e do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Possui Licenciatura Plena em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (2008). Tem experiência na área de Antropologia Urbana e Antropologia do Corpo atuando principalmente nos seguintes temas: Body Art, Body Modification e Relações afetivas. Fonte: Currículo Lattes.



Ilustração 36 – Momento da Palestra
Fotografo: Flávio Pessoa
Fonte:
<http://vidasuspensa.wordpress.com/>



Ilustração 37 – Valnei Santos
Fotografo: Flávio Pessoa
Fonte:
<http://vidasuspensa.wordpress.com/>

Assim, a pesquisadora falou sobre a modificação como arte, já que ela possui elementos artísticos e por isso sua interpretação também precisa ser artística, afinal as pessoas utilizam os objetos tais como piercing, microdemais (...) como adorno. Muito embora estas apresentem uma estética diferente da normalmente aceitável na sociedade.

Além, deste aspecto, Cláudia afirmou que a modificação também possui um sentido grupal, em que as pessoas querem levar seu corpo ao limite, num sentido maior, desejam ter uma percepção artística do seu corpo.

No decorrer da fala de Cláudia, surgiu no grupo uma colocação quanto a veiculação de uma reportagem da Rede Record⁵³ que condenava a suspensão e que mostrava uma moça caindo dos ganchos. Neste momento, alguém do grupo que esteve presente no evento citado na época da reportagem resolveu compartilhar o que aconteceu. Segundo, ele, que também é profissional, a emissora de TV chegou ao local do evento querendo fazer uma reportagem investigativa sobre a atividade, isso já ao final do evento. O objetivo era gravar alguém sendo suspenso, mostrando um pouco da técnica utilizada. Porém por estarem no final do evento havia pouco material disponível, mas isto não impediu que o profissional aceitasse a proposta, por se tratar de uma emissora de TV. O profissional responsável resolveu suspender a moça (mesmo sem a condição necessária), foi este seu erro, disse o rapaz em sua fala. A suspensão não deu certo e a moça caiu. Como tudo estava sendo gravado

⁵³ Reportagem exibida no Programa Repórter Record em 08/10/2007. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=q48_BDIG39A&feature=BFa&list=UL50ybehCJGHc&index=14

para a reportagem, a emissora viu neste erro a possibilidade de apresentar em rede nacional a reportagem com um tom sensacionalista, segundo o profissional. O que propiciou muita “mídia negativa” sobre a suspensão corporal.

Após as colocações, Valnei retomou a fala e pediu a todos os profissionais que tomassem cuidado com a mídia e que antes de se deixar mostrar, tivessem uma real idéia do que a imprensa estava querendo para que mais imagens negativas não surgissem. Deste modo, deu exemplo de si próprio que colaborou com uma reportagem para o SBT⁵⁴ em 2010, segundo ele, nessa reportagem teve a oportunidade de esclarecer realmente o que era a suspensão o que foi bastante favorável, pois foi apresentado em um programa em rede nacional. No entanto, advertiu ele, até hoje a grande maioria das pessoas lembram apenas do programa da Record sendo este um exemplo de como uma mídia negativa pode ser problemática.

Enquanto Valnei concluía, chegou ao evento uma equipe de jornal impresso da cidade de Jundiaí interessada em cobrir o evento. A equipe do jornal pode acompanhar uma parte da discussão, mas não se manifestou. E logo após a conclusão da fala, um dos integrantes da comissão organizadora anunciou ao Valnei sobre a equipe que pedia a permissão para cobrir o evento. Valnei então pediu que se fizesse uma votação pública entre todos os presentes para saber se autorizavam ou não, mas antes manifestou sua opinião – Não sou a favor, justamente por tudo de conversamos aqui. O objetivo deste evento não é de divulgação, mas de confraternização e educação. E assim, após sua fala propôs a votação. E por unanimidade optaram por não autorizar. Mas, ao final, ele esclareceu a todos e também a equipe do jornal – Se vocês quiserem podem conversar com as pessoas individualmente, e se alguém quiser conversar com vocês não tem problema. E assim foi feito, após o debate algumas pessoas concederam entrevistas.

A questão da mídia pareceu-me ser um assunto contraditório para o grupo, pois ao mesmo tempo que eram contra, tornavam-se a favor. Observo que na verdade existe muito receio por parte dos profissionais em serem usados pela mídia. Justamente por experiências anteriores, pois eles entendem

⁵⁴ Reportagem exibida no Programa SBT Repórter em 02/08/2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=AmN3EVFIUs4&NR=1>

que a mídia é capaz de formar opiniões na sociedade. E eles não possuem interesse em ter mais rejeição do que já possuem. Mas quando essa mesma mídia possui interesse em desmistificar e esclarecer sobre as práticas eles a aceitam, numa tentativa de ser mais aceito pela sociedade. Eles sabem que só esclarecendo a população é que poderão ter, não o seu apoio, mas ao menos sua compreensão.

Porém, o debate continuou, e agora os profissionais estavam pensando em formas melhores de divulgar a suspensão corporal. Assim, houve o incentivo dos profissionais criarem *sites* e *blogs* em que pudessem oferecer informação de qualidade.

Após essa discussão o debate foi encerrado, pois algumas pessoas foram se dissipando, já estávamos próximos das 17h e nossa viagem de volta precisava acontecer, pois havia interesse do grupo em chegar na segunda bem cedo a capital goiana, já que algumas pessoas precisavam trabalhar. Não tardou e fomos desmontar o acampamento para o retorno.

Às 18h horas já estávamos na estrada rumo a Goiânia, a viagem a noite foi bem tranquila. Algumas paradas apenas para lanche/ banheiro, não mais, todo pessoal dormia. Chegamos em Goiânia às 7h e paramos no mesmo posto de embarque. Cada um foi indo embora da mesma maneira que chegou um a um, enfim a aventura terminava e a vida voltava a mesma.

7.2. RELATO DAS ENTREVISTAS


Apresento aqui, primeiramente, os dados dos interlocutores entrevistados, para só após apresentar os principais aspectos identificados em suas falas. Estes dados serão analisados a luz das teorias apresentadas, complementado-as com novas obras e autores quem auxiliem na sua compreensão. Entendendo a amplitude de aspectos encontrados numa pesquisa etnográfica, optei por discutir teoricamente as percepções dos entrevistados seguindo o roteiro de temas encontrados no questionário⁵⁵. Tal divisão visa dar maior coerência ao texto.

⁵⁵ Anexo A e B.

Antes, porém, quero destacar dois aspectos importantes que necessitam de esclarecimento. Um está relacionado ao número de entrevistados e o outro a escolha dos indivíduos participantes. O primeiro difere do projeto inicial, pois encontrei certa resistência entre alguns profissionais em concederem entrevistas⁵⁶, por receio de se exporem ou mesmo, quanto a deturpação da falas. Muito embora apresentasse a justificativa da pesquisa, e por isso até aceitassem participar num primeiro momento, depois não retornavam o meu contato. E como o fator tempo apresentava-se como uma variável importante para coleta e análise de dados não pude trabalhar melhor esta questão junto a estes profissionais. Por isso, optei por entrevistar dois profissionais que de alguma forma se destacavam no cenário local da modificação corporal e de alguma forma já estavam se relacionando com a pesquisa. E para não encontrar a mesma dificuldade com os adeptos, pedi então que estes profissionais indicassem algum dos seus clientes para que pudesse entrevistar. Esta é a justificativa para que quantidade de entrevistados sofresse alteração.

Justificado este aspecto vamos a apresentação dos entrevistados:

Profissionais:


Nome/ Estúdio	Idade	Local de nascimento	Escolaridade dos pais	Escolaridade	Experiência Profissional
	26 anos	São Paulo	Superior	Superior Incompleto - Publicidade	Piercing Eventos
Modificações que possui:					

⁵⁶ Em um estúdio de tatuagem no setor Central de Goiânia, o profissional preferiu não dar entrevistas. Como justificativa disse apenas que não queria se comprometer. Disse também que grande parte dos seus clientes fazia tatuagens pequenas e que normalmente eram para serem facilmente escondidas, porque as pessoas tinham medo de se prejudicar no trabalho. Além disso, afirmou ele, os que o procuravam não possuíam muito dinheiro para pagar tatuagens mais elaboradas. Ao observar o estúdio percebia-se que era um local simples, e que o profissional também não possuía muitas tatuagens ou outras modificações em seu corpo.



Outro profissional de tatuagem, que embora tivesse aceitado participar da pesquisa, desmarcou sua entrevista com a justificativa que iria realizar uma viagem. E posteriormente, mesmo após alguns contatos não retornou.

Outro profissional também de tatuagem, até aceitou participar da pesquisa, mas também sempre justificava sua agenda cheia para não realizar a entrevista.

Por último, uma profissional de piercing, que embora tivesse aceitado participar da entrevista, mesmo após contatos de mensagens e telefonemas, não retornou.

<p>Thiago Rodrigues</p>	<p>Tatuagens: ambos os braços e costas. Cicatrizes: coxa esquerda e dedão do pé. Lóbulos dilatados. Língua já foi dilatada. Piercings:mamilo, lóbulos, orelhas, umbigo. Perfuração genital, dilatada em 6mm.</p>				
	<p>Reside atualmente no setor Oeste. Estúdio <i>Modern Primitives</i> Endereço: Av. D, Galeria Suyá, no setor Oeste em Goiânia.</p>				
 <p>Alexandre Prata</p>	26 anos	Goiânia	Superior	Superior Cursando – Designer de Jóias	Piercing Eventos
	<p>Modificações que possui:</p>				
	<p>Piercings: nariz, mas já usou em vários lugares. Lóbulos dilatados. Furo no trado e no mamilo. Tatuagens: costas inteiras, ambos os braços, totalizando quatro.</p>				
	<p>Reside no atualmente no Bairro Feliz Endereço do estúdio: atualmente sem estúdio.</p>				

Adeptos:

Nome	Idade	Local de nascimento	Escolaridade dos pais	Escolaridade	Profissão
 <p>Fernando Matos</p>	26 anos	Maranhão	Ensino Médio	Mestrando em Comunicação	Jornalista
	<p>Modificações que possui:</p>				
	<p>Tatuagens: costas, braços, pulso e ombro, no total são sete. Piercings: língua, nariz, orelha, mamilos, no total são onze. Alargadores. Reside atualmente no setor Pedro Ludovico.</p>				
 <p>Lara</p>	21 anos	Goiânia	Superior	Superior Cursando – Arquitetura	Estudante
	<p>Modificações que possui: costas e perna inteira.</p>				
	<p>Tatuagens: costas. Escarificação: perna. Alargadores de 20 mm nas orelhas. Piercing: boca, mas já usou em vários lugares.</p>				

Cintra	Reside no atualmente em Aparecida de Goiânia – GO.
--------	--

Aqui, tentei mapear algumas informações pessoais e de caráter econômico dos entrevistados. Nota-se que são pessoas de classe média, com estrutura familiar e também com uma situação financeira favorável, todos inclusive estão cursando ou cursaram nível superior, inclusive seus pais com exceção apenas de um, Fernando. Quanto aos profissionais notei uma característica importante, ambos tiveram experiências profissionais voltadas apenas para o universo em questão. Já os adeptos estão relacionados profissionalmente com atividades tidas como mais liberais⁵⁷. Mas diante do número pequeno de entrevistados não posso definir aspectos de ordem sócio-econômica para o grupo de seguidores dessas práticas em toda região.

O primeiro questionamento feito aos entrevistados ao adentrar na temática do trabalho está relacionada ao significado da *body modification*. Para Thiago a modificação corporal “*seria simplesmente a busca de se sentir bem com você mesmo [...]*”. Para ele o objetivo deve ser “*se sentir bem esteticamente por meio de uma modificação*”. Já para Lara, adepta a modificação, “*é uma coisa estética, é um adorno, uma beleza. Algo para acrescentar, não para te diminuir [...]*”. Podemos notar aqui que embora haja uma diferença de concepções uma mais relacionada a subjetividade, ao sentir-se bem e a outra relacionada a estética, estes traços marcam uma igualdade na característica da nossa sociedade - a busca do sentir bem pelo que seu corpo apresenta (ORTEGA, 2008). Este fato fica evidente na fala dos outros interlocutores também, Fernando, por exemplo, afirma: “*eu não tinha noção de estética, mas queria deixar meu corpo bonito*”.

No entanto, como estes indivíduos concluíram que seus corpos ficariam mais “bonitos” com as técnicas de modificação e não com outras formas já sacralizadas de investimento no corpo? Assim, questionei como surgiu o interesse por estas práticas. Aqui chegamos a um aspecto importante da pesquisa, na verdade, o ponto central de onde parte todos os outros. Notei que, em suas falas, está marcada a influência de alguma personagem que viu na infância ou mesmo na adolescência, também passa por algumas publicações,

⁵⁷ São áreas menos tradicionais na academia superior.

filmes, comerciais e produtos, tudo isso relacionado a busca de ser diferente e achar-se bonito. Thiago diz: *“bem novo ainda, eu lembro de ver filmes mostrando tatuagens importantes para o enredo do filme. Ou várias outras modificações que apareciam com certo peso no enredo de um filme, ou propagandas. Eu comecei a perceber essas coisas [...]”*. Alexandre, o outro profissional, afirma: *“quase não havia isso em Goiânia, era muito recente no Brasil. Tinha o namorado de uma amiga nossa que fazia perfuração. Ele fazia perfurações, e eu observava”*. Após estas experiências ambos relatam que se interessaram em fazer perfurações em si e em outros. Resolveram estudar, pesquisar sobre as práticas, dando início desde jovem a sua profissionalização. Já para os adeptos as práticas estavam mais relacionadas com algum aspecto pessoal, de se destacar dos demais. Fernando conta que além da influência de uma personagem da sua cidade havia também a questão dos amigos *“no carnaval, eu comprava aquelas tatuagens chamadas de Ploc⁵⁸, aquelas que você cola na pele, passa água e ela fica lá. E todo mundo achava aquilo maravilhoso. E quanto mais daquilo tu tens, mais legal é”*. De forma distinta, mas relacionada Lara, também diz que *“eu era muito nova, era questão de rebeldia, de me destacar, de ser diferente, então eu quis fazer piercing”*. E completa *“eu já tinha uma estética diferente, usava roupa rasgada, meia arrastão, sainha, porque eu era roqueira. Então um piercing dava algo a mais no visual”*.

Estas falas marcam um período histórico, em que as “culturas juvenis” passam a influenciar de sobre maneira a juventude. Elas colocam novos modos de se agir, utilizando a mídia como propagadora. E muito embora não cheguem de igual forma para todos e encontre resistência de quem os assiste, acabam por influenciar suas escolhas. “Inúmeros estudos foram dedicados às relações de amizade entre os jovens. Eles descrevem os efeitos exercidos sobre os amigos quanto às atividades, à auto-imagem e à influência do status socioeconômico na formação dos grupos”. Além disso, “a formação das turmas permite ao jovem se confrontar com códigos e normas. Os agrupamentos de

⁵⁸ Chiclete Ploc é uma marca comum de chicletes nos anos 1980 e 1990, em que como parte da embalagem do produto vinha uma tatuagem que podia ser colada a pele. Hoje, ainda é comum este tipo de tatuagem em chicletes de outras marcas.

transição permitem, também, a aprendizagem da disciplina e a obediência aos imperativos sociais”, afirma Nascimento (2005, p. 89).

Maffesoli (2006) traz então o conceito de “paradigma estético”, segundo ele hoje, o sentido de vivenciar ou de sentir comum está relacionado ao existir em relação ao outro, a ênfase dos indivíduos incide “muito mais sobre o que une do que sobre o que separa (op. cit. p. 37). E completa

[...] a profundidade pode ocultar-se na superfície das coisas [relações]. Daí a importância da aparência. Não se trata de abordá-las aqui como tal, mas apenas de indicar, rapidamente, que ela é vetor de agregação. No sentido indicado, a estética é um meio de experimentar, de sentir em comum e é, também, um meio de reconhecer-se (op. cit. p. 133).

Neste sentido, a experiência corporal destes indivíduos parece possibilitar o reconhecimento na sociedade, no meio imediato que está inserido.

Após estas primeiras influências relatadas, procurei saber como se deu os primeiros contatos com as práticas. De forma geral eles começaram entre amigos na forma de experimentação mesmo. Para Thiago o primeiro contato se deu numa situação de risco, seu primeiro furo foi no mamilo, feito na casa de uma colega. Alexandre também faz um relato parecido, como é amigo do Thiago foi “cobaia” dele. Após esta primeira fase de curiosidades, ambos procuram meios de aprender as técnicas através de publicação, internet e a que teve maior resultado, procuravam profissionais mais renomados para fazer suas perfurações e assim conseguir reproduzir o método. Alexandre diz que essa era um dificuldade da época *“era realmente um serviço autodidata, hoje em dia é que você consegue se comunicar com pessoas de fora pela internet. Você entra em um site de um profissional, se interessa, fala que é da área e acaba trocando e-mails e trocando experiências”*.

Para os adeptos encontramos dois tipos de início, um relacionado a experimentação e o outro já mais profissionalizado. Fernando diz que *“eu e minha melhor amiga queríamos fazer piercing. Uma vez até fui para casa dela, e ela queria que eu furasse o umbigo dela. Porque aí teve um lance de comprar as jóias e eu mesmo furava, na minha casa”*. Lara, diferentemente, como era muito jovem e não possuía autorização dos pais procurou um estúdio no centro

que realizava o trabalho *“eu não lembro exatamente onde eu fiz porque eu era muito nova e já fiz outros furos em vários espaços. Mas lembro de um que sempre fazia em mim, porque ele sabia que eu era menor e não tinha problemas com isso, mas que eu não indicaria para ninguém”*.

Todos relatam que tiveram problemas com suas primeiras perfurações, justamente pela falta de preparo de quem as realizava. E recomendam que qualquer pessoa que se interesse em fazer alguma modificação procure um bom profissional, pois se arrependem de não ter procurado. Outro aspecto interessante que merece destaque é o crescimento da área nos últimos anos, impulsionada principalmente pelo fluxo de informação da internet. Esta ferramenta abriu portas para quem procurava se profissionalizar, com informações de sites de outros profissionais e ferramentas comunicacionais que promoveram o intercâmbio dos mesmos. A interação com as mídias digitais têm permitido interconexões entre sujeitos, ao mesmo tempo em que rompe com as barreiras do espaço-tempo, algo bem atual em nossa sociedade.

Thiago afirma que depois da experiência do primeiro furo começou *“[...] a estudar, conhecer gente, perguntar por meio de internet e telefone, conversar. Eu realmente fui atrás disso. Eu enxerguei uma oportunidade de trabalho, de vivência, de experiência, de ascensão, por meio disso e comecei a pesquisar o que seria interessante para isso acontecer”*. Nesta procura, Thiago conseguiu bons relacionamentos um fator interessante neste grupo de profissionais, para eles existe esta proximidade. O que pude observar em alguns encontros é que antes do relacionamento profissional, existe uma relação pessoal de grande amizade entre estes indivíduos. Talvez esta característica esteja relacionada ao fato de que no início a grande maioria dos profissionais parecem se tornar aprendiz de outro mais experiente num estúdio já estabelecido, ali ele absolve todas as técnicas e as formas que usam em variadas modificações. Após o período de ajudante, este profissional trabalha de forma autônoma no próprio estúdio e alguns só após este período saem para montar o seu próprio negócio. Aspecto notado também na fala de Thiago *“todo o meu conhecimento veio por experiência, técnica adquirida. Então tinha que ir lá, fazer, e se relacionar bem com o profissional que tinha mais tempo de experiência”*.

Justamente por terem uma cultura de trabalho específica, estes profissionais conhecem bem os que se destacam na área e de alguma forma sempre estabelecem relações em menor ou maior grau. Profissionais de renome como André Meyer, Ronaldo Sampaio – Snoopy, Valnei Santo e Lucas Spier., todos do país e em sua maioria do Sudeste – berço da modificação no Brasil – são sempre citados em encontros ou em algum momento de discussão de técnicas, dessa forma eles vão aos poucos legitimando suas relações de trabalho e também estabelecendo padrões de técnicas a serem utilizadas.

Em contra partida, profissionais que buscam apenas o status pessoal através da mídia ou que não aplicam corretamente as técnicas são vistos como maus profissionais. Alexandre explica que *“se você só aplica perfuração básica, você é visto como um perfurador, se você está fazendo modificação corporal, se você sabe fazer escarificação, se você sabe fazer uma suspensão, seu status já aumenta. Então tem profissionais que já partem das coisas mais complicadas, que seria um implante ou suspensão, e quer fazer rápido para ganhar status”*.

É interessante notar que a mídia é uma temática recorrente nas falas e nos discursos dos profissionais. Ao mesmo tempo em que ela é pensada como uma ferramenta importante para divulgação do trabalho, também é problematizada quando usada para ganhar status. Mas quando acontece esta diferenciação? Percebi que este julgamento está bem atrelado a disponibilidade de interação com outros profissionais. Quanto mais o profissional busca conhecimento apenas para si e não colabora com a divulgação das práticas, ou suas decisões profissionais são tomadas com bases apenas no valor econômico, ele ganha esta imagem negativa no meio. Isso porque muitas vezes os profissionais mais experientes vivem a modificação corporal como um modo de vida, assumindo inclusive um caráter de movimento social. Não quero dizer aqui que as relações econômicas não existam, pois elas existem. O preço médio de uma tatuagem pequena para um consumidor final em Goiânia em média custa R\$ 300,00 e de piercing 60,00. O que diferencia este mercado de outros, talvez seja que este mesmo serviço pode sair de graça para um amigo do profissional ou a metade do preço para um cliente-amigo mais antigo, existe uma relação de troca muito grande entre os profissionais mais engajados com o movimento, tornando as relações

sociais desse grupo algo interessante e cheio de particularidades. O próprio Thiago afirma que “[...] *não tive contato de vários profissionais trabalhando em mim, mas os que eu tenho, a maioria são bons amigos*”.

Agora, entrando nas preferências técnicas utilizadas encontramos certa concordância entre os profissionais pesquisados. Não existe uma técnica preferida, nem alguma que não goste. O que eles falam é que as técnicas de modificação do corpo não devem ser utilizadas para agredir a sociedade. Segundo Thiago e Alexandre, elas precisam ser pensadas para que quem as possua se sintam bem com seu corpo, que se sintam bonitas e agradáveis com a nova estética proporcionada. Thiago vai além quando afirma que “*eu acho que não posso não gostar de nenhuma. Eu tenho que respeitar, trazendo o fetiche de novo. Eu não posso achar seu fetiche ridículo ou estranho, porque o meu pode ser tão ridículo e estranho quanto. Então eu acho que todas são aceitas, todas devem ser aceitas. Eu só gostaria muito que as pessoas que procuram isso tivessem mais noção, mais idéia do que estão procurando*”. Alexandre completa afirmando que “*Goiânia não tem uma modificação corporal muito ativa, porque ainda é muito impactante você ver alguém com implante subcutâneo, ou ver uma pessoa fazendo escarificação grande ou ver alguém com tatuagens no antebraço ou no rosto. Eu não tenho muito que dizer, não julgo quem tenha, mas eu sinto prazer em fazer*”.

A realidade de modificação corporal em Goiânia envolve dois aspectos: o primeiro está relacionado às práticas e modos mais usuais - tatuagem e piercing. Elas são bem aceitas na sociedade. Não encontrando resistência e a cada dia aumenta seu uso, principalmente entre a juventude. Já o segundo, com as práticas mais extremas⁵⁹, não acontecem o mesmo. Estas práticas ainda são sofrem certa resistência tanto na sociedade quanto no próprio meio do movimento. Essa resistência está mais relacionada ao fator estético que ainda não as tornaram aceitáveis, causando estranhamento. Assim, a maioria das pessoas que possuem formas mais radicais de modificação está envolvida no meio profissional da *body modification* e outras poucas, trabalham com moda em lojas específicas.

⁵⁹ Ambos os aspectos já foram apresentados anteriormente no trabalho.

E como é experimentado o corpo pelos interlocutores da pesquisa? Segundo Thiago ele começou a vivenciar a experiência corporal muito cedo, por isso começou

a perceber a necessidade *“de ter modificações que sejam esteticamente agradáveis. Como a gente disse: ninguém tem que gostar das minhas tatuagens ou piercings. Mas, todos os meus piercings e tatuagens vêm com esses valores agregados de beleza, são estéticos. Eu realmente tento me sentir muito bem carregando isso. Eu me sinto feliz porque me sinto mais bonito por tê-los”*.

Estes aspectos são encontrados nas falas dos outros indivíduos Alexandre fala que *“eu o adorno com tatuagens porque eu quero deixá-lo mais interessante, coloco piercing para criar um estilo diferente. A gente vive para investir no corpo [...]”*

Fernando também diz que *“eu acho que pelo fato de eu ser tatuado ou ter piercing, isso me protege de alguma forma. Não é questão religiosa não, não é nada disso. Eu vejo assim, elas camuflam minha timidez”*. E Lara *“eu dou um valor estético muito grande para ele. É um instrumento de trabalho, de prazer, e para fazer as coisas que eu gosto, que eu não gosto e ele tem que estar em ordem, bem cuidado, bem feito, e é por aí”*.

Aqui, voltamos para questão do se sentir bem com o corpo. Para estes indivíduos o corpo deve ser experimentado na modificação, no adorno, numa estética agradável. Isto se caracteriza pelo próprio cuidado de si, como parte do processo de subjetivação, não se trata de uma experiência autônoma, mas antes definida pela *“correlação dentro de uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade (FOUCAULT, 2005, p. 8)*. Pois nesta relação com o próprio corpo, estas práticas traduzem um conjunto de relações de poder-saber produzindo múltiplas formas de ser, estar no mundo e nele intervir na busca de algo mais para si.

Os modos de cuidar de si hoje passam pela mídia. Pois parte dos discursos midiáticos se caracterizam pela divulgação e formas de práticas corporais, apoiado sobremaneira pela medicina. Notamos isso quando Thiago afirma *“tudo que eu via, por meio impresso ou de internet, técnica e material, eu fui afunilando isso a ponto de conseguir trazer essa conversa para um*

universo comum. Então o Thiago faz piercing, ele trabalha com metais no corpo. Então, qual o material seguro para estar no seu corpo? [...] Então eu pude debater liga de metal, com meu pai, que trabalha com isso, com os colegas fora do estado que revendem o material para ele. Então, pessoas que estão muito distantes do universo da modificação corporal, do piercing. Do mesmo jeito eu tive contato com fornecedores europeus, americanos, tive contato com enfermeiros, médicos, odontólogos, alguns como clientes, outros como estudiosos. E aí eu fui tentando filtrar isso à ponto de tirar alguma coisa que fosse relevante para meu trabalho”.

Apesar da ciência não demonstrar e validar o discurso, o controle do corpo individual pode significar também o controle do corpo social, elevando e muito o poder de quem os controlam. Um aspecto importante, já que a medicina possui credibilidade no discurso diante da sociedade e também “impessoalidade” velada na origem do seu pensamento. No entanto, como se bem nota, este interesse vai além da prevenção de doenças e manutenção da saúde, está também motivado por reger novos hábitos de vida e/ ou instrumentos para se consegui-las. Algo explicado pela influência capitalista, afinal uma área tão importante como a medicina dificilmente estará livre de sofrer influências do poder de instituições privadas, podendo por estes aspectos se mostrar tendenciosa na eleição de um determinado hábito ou instrumento.

No entanto, para Foucault (2005) o poder (de quais que instituições) mesmo com toda sua forma de opressão e repressão encontra mecanismos de resistência por parte dos sujeitos. Cabe refletir, no entanto, se essa resistência consegue provocar alguma mudança no curso do poder. Mas não apenas isso, também caberia refletir se aquela resistência não se torna uma fuga dos indivíduos em sua própria subjetividade, já que muitas vezes ela não possui uma ação externa de fato. Assim, a fuga do indivíduo na subjetividade não possibilita uma fuga do sujeito da própria realidade. E de uma forma ou de outra, ele se encontra envolvido pelos mesmos mecanismos que regem outras relações. Por ora apenas, pouco convencionais.

Assim, nesta perspectiva de práticas poucos convencionais, pensei no que significaria a *extreme body modification* e como se dava a relação de dor com as práticas de modificação nos adeptos.

Para todos os modificados as modificações extremas são aquelas que saem do convencional. Thiago explica que num sentido maior não existe modificação extrema, pois ela vem do indivíduo e é muito pessoal. No entanto, existe no mercado uma convenção do que seria extremo “[...] *nulificação, bifurcação da língua, demo corte na cartilagem e no nariz – desconfiguração de um membro para chegar a um resultado que a gente não vai conseguir falar se é bonito ou feio, por conta de um senso de estética e várias outras divergências filosóficas*”.

Este parece ser uma opinião comum neste universo. No entanto, Alexandre vai além quando fala que “*qualquer agressão muito grande que você faz no seu corpo é extrema. Algumas eu acho bonitas, interessantes, outras eu já vejo e acho que não tem motivos de se fazer. Por exemplo, o Fakir, ele fez muitas modificações, só que ele sempre tentou colocar um algo mais na coisa que é para o ser humano pensar. Então você implantar um imã no dedo gera um conceito porque isso gera uma facilidade para você pegar as coisas, dependendo de onde trabalha você não vai perder coisas pequenas. Então isso te faz pensar, já que hoje o ser humano faz modificações estéticas, daqui um tempo o que não vai ser feito? Até onde isso vai chegar?*”.

Este é um aspecto interessante, poderíamos dizer que se trata de tecnologias implantadas no corpo, podendo melhorar seu funcionamento e sua capacidade. Uma tendência apontada por teóricos como Le Breton (2003), ele propõe que pensemos o próprio homem contemporâneo como um *cyborg*, em que daríamos “Adeus ao corpo”. Uma discussão bastante pertinente, mas que requer um aporte teórico específico.

Assim, voltemos às questões próprias da *body modification extreme*. A questão do extremo na modificação corporal é um assunto que gera bastante discussão. Talvez justamente pelo discurso recorrente em que adeptos são chamados de extremos pela sociedade, uma opinião alicerçada mais pela questão quantitativa que pela qualitativa. E justamente por isso provoca nos adeptos inclusive certa repulsa quanto ao termo. Esse aspecto pode ser sentido em muitos momentos na pesquisa de campo, pois mesmo que esteja com um corpo modificado exteriormente, tem-se a impressão de que sentem que interiormente são iguais a todos. E por isso não caberia uma categorização. As modificações são apenas formas de adornar o corpo e não

forma de contestar a sociedade. É muito mais uma estética pessoal e em outras práticas como as suspensões, uma questão de superação dos limites do próprio corpo, na busca de sentir vivo.

Este sentir-se vivo está relacionado a questão da dor. Thiago explica que a tatuagem é um processo e não é fácil de aguentar. No caso do piercing é algo instantâneo. E completa *“em momento algum você vai escutar o Thiago falar que sentir dor é legal! [...]”*. Uma opinião que se relaciona com a de Alexandre que afirma *“eu particularmente não sou muito fã de dor”*. Mas ele compreende que algumas pessoas gostam de sentir dor nesses procedimentos.

Uma opinião que difere dos adeptos Fernando e Lara, para ambos existe relação entre dor e modificação em maior ou menor grau. Fernando diz: *“as minhas modificações não estão inseridas num contexto de flagelo em busca de prazer. Com exceção da segunda, que a dor era o objetivo, eu não faço tatuagem e não faço piercing pensando nesse prazer”*. Já para Lara *“toda modificação que eu fiz existe a dor”, ela completa “a dor de fazer uma tatuagem é a melhor dor que existe. Eu tenho experiências caóticas de dor, de cirurgia, de enxaqueca, de cólica renal, são dores muito ruins. A dor da tatuagem é muito gostosa, é prazeroso você ver um desenho ficar bonito em você, uma coisa que você quer, que você deseja. E você ver aquilo uma dor gostosa, é uma dor bacana”*.

Mais uma vez retomo ao fato de que a dor de alguma forma está relacionada com o fato de se sentir vivo como afirma Ortega (2008). Não só aqui, mas em outros relatos ouvidos isto é percebido. Braz (2006, p. 123) afirma que *“um dos significados atribuídos à experiência com a dor na body modification é o de marcar um momento de ruptura ou clivagem em suas trajetórias de vida. E a modificação deixada a partir dela serve de memória”*.

Vemos em campo está afirmativa bem presente, as práticas de modificação em muitos momentos estão relacionadas com marcações de vida em suas peles. Mas em outros, não. Existe interesse apenas na questão estética. Um aspecto observado, por exemplo, quando Lara afirma que as modificações *“não têm um significado maior. Mas a minha tatuagem na perna direita é ter minha família no pé. É uma âncora”*.

Esse sentimento se contrapõe quando falam das práticas de suspensão corporal, pois nesta prática é observada uma busca de auto-conhecimento, de levar ao limite seu próprio corpo e também em dados momentos apresentam-se como prática ritualística. Acontece em dados momentos porque pelo que observei há dois tipos de práticas de suspensão. O primeiro é mais restrito em que os participantes são convidados e grande parte deles se conhecem e mantêm relações pessoais. Alexandre afirma que *“a primeira vez que eu fiz suspensão é porque eu ficava pensando no que eu iria sentir, iria ser meu corpo me passando o que ele tá sentindo e você tomando consciência para processar o estímulo que seu corpo está te passando para você tirar sua própria opinião”*. E completa, *“te dá uma percepção diferente dos seus sentidos, porque o organismo vai liberar muita endorfina e adrenalina juntas, e essa mistura te dá uma sensação muito boa de bem estar. Você escuta as coisas melhor, o som chega um pouco distorcido, mas você se concentra mais e conversa muito consigo mesmo. E as pessoas te proporcionam isso, te deixam à vontade sem querer ficar conversando muito com você, você fica na natureza”*.

Já o segundo, mais performático, geralmente é realizado em eventos específicos de modificações ou em que estas estejam relacionadas. Nestes as suspensões são realizadas com o grande público e muitas vezes são realizadas várias no mesmo dia como um das principais atrações do evento. Tantos os indivíduos que as praticam, quanto os profissionais que realizam, são expostos sobre maneira, e pela vivência em alguns eventos, notei que são normalmente interpelados pela mídia. O que gera publicidade. No entanto, essa mídia se concentra em canais alternativos de comunicação, que utilizam a internet para divulgação. Por isso, Alexandre afirma que *“hoje a melhor mídia que tem é a internet, onde você tem a maior divulgação. E é uma mídia boa porque quem vê é quem vai atrás, e quem vai atrás é quem tá querendo entender. Foi até uma coisa que foi discutida lá no encontro⁶⁰, a questão de mídia de certas coisas, até onde isso é favorável ou não. Televisão eu não acho uma mídia legal mesmo, porque você faz uma entrevista em uma*

⁶⁰ Ver relato de campo em Inter Hook – Jundiaí -SP

reportagem ou filmagem, e eles editam a matéria como eles querem mostrar para o público. Então a mídia maior que pode ter é a internet.

Além desses aspectos da mídia e sua publicidade podemos destacar outro, bastante discutido pelos teóricos. Debord (1997) afirma que o espetáculo faz parte da nossa sociedade, já que este passa a ser instrumento de unificação. E enquanto parte da sociedade, ele concentra todo o olhar e toda a consciência. No entanto, por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é, na verdade, uma linguagem oficial da separação generalizada. Se tornando, assim, não um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas, mediatizada por imagens.

Então, os indivíduos veem nestas suspensões uma espetacularização do corpo que traz em si uma relação social, travestida pelas imagens. E muito embora tenha a intenção de serem vistos, não passa disso. Não há muito sentido para si e para os outros. Trata-se tão somente de expor seu corpo. O espetáculo passa a ser um capital, com certo grau de acumulação de imagem, afirma Debord (1997).

Entender, o capital como algo imaterial é algo que parece abstrato, mas na verdade é bem material em nossa sociedade. Bourdieu (1992) em A economia das trocas simbólicas, busca justamente este entendimento, quando pensa que discursos, mensagens e representações podem estabelecer relações sociais de dominação. Este jogo é simbólico, mas em última análise, é um poder propriamente político, muito embora não existam relações de força a não ser mediatizadas por sistemas simbólicos, ao mesmo tempo que tornam-se visíveis e irreconhecíveis, pois só passam a existir através de linguagens especiais. Aqui, a linguagem utilizada é a do corpo. O corpo passa a ser um bem simbólico que requer não só um investimento material, mas também imaterial. Sua exposição garante ao indivíduo mais valor diante de outros, e assim consegue reproduzir através do corpo a estrutura de distribuição de capital cultural entre as classes, tendo nas performances corporais a principal mantenedora das relações de força e das relações simbólicas entre as classes.

Nota-se, porém que neste universo da *body modification* o corpo assume um valor de uso, não apenas nas performances de suspensão, pois há uma tendência em relação das práticas de modificações e o erotismo.

Os participantes da pesquisa assumem algumas modificações corporais como parte de um processo de erotização do corpo, assumidamente o piercing é o mais destacado, aspecto já tratado anteriormente⁶¹. Alexandre afirma que *“a partir do momento que você modifica seu corpo, que modifica a estética do que você nasceu, que você insere adornos, que você bifurca a língua, que você insere barras ou esfera no seu pênis, ou quando você coloca um piercing genital, isso tudo vai gerar um fetiche para quem esta te cobiçando ali”*. Lara completa, *“um piercing na língua, um piercing no clitóris ou na glândula, eles aumentam o seu prazer, digo isso até por experiência. Então eu acho que tem muito haver com a sexualidade. Piercing na língua, por exemplo, qualquer um que entrar em um site pornô vai ver que toda prostituta, de filme pornô, tem um piercing na língua, isso não é por um motivo qualquer. Por ser mais prazeroso talvez”*.

No entanto, não há necessidade de se relacionar apenas com pessoas modificadas, afirmam que eles. Embora apreciem este grupo, não é essencial que um relacionamento parta dele. Lara, por exemplo, afirma que *“não tenho preconceitos, estou sempre livre a apreciar quaisquer tipos de pessoas, mas meu interesse é um tipo bem específico. Eu sou heterossexual, eu gosto de homens altos, com cara de homem, barba, e gosto de homem tatuado. É uma das coisas quase que essenciais, se eu olho e vejo um tatuado eu já olho e fico interessada, eu acho bonito é o que me interessa. Mas eu não vou deixar de dar oportunidade para outra pessoa, não é extremamente específico e eu não vou fechar minha vida para outras pessoas. Eu namoraria alguém que não fosse tatuado, mas minha preferência é que seja”*.

No entanto, nota-se como falei que há uma legitimação do corpo padrão, essencialmente bonito no ocidente. Nos eventos, que participei. Os corpos são expostos. Vários homens sem camisa, deixando a mostra seu corpo “sarado”, depilados ou não há interesse em que os vejam. As mulheres muito preocupadas com roupas e o estilo para que favoreçam a exposição da modificação que possuem.

⁶¹ Página 47.

Nota-se com isso, um conexão entre o corpo padrão de beleza ocidental e as práticas de modificação, eles não são excludentes, mas antes permanecem em simbiose.

Mas como eles acham que são vistos pela sociedade, a partir de todos estes aspectos levantados. Uma coisa é necessária destacar, pois foi comum em todas as falas, há uma tendência crescente de aceitação destes indivíduos. Algo que noto está muito relacionado a divulgação das modificações e ao seu uso cada vez mais comum por personalidades midiáticas. Obviamente que não a forma mais extrema, mas como para os praticantes aqui em Goiânia, as modificações estão baseadas na estética, não se sente rejeição. Outro fator também, talvez esteja relacionado a área de atuação profissional, principal preocupação encontrada quando se fala em modificação mais radical, pois estes indivíduos em sua maioria trabalham em áreas em que estas modificações são amplamente aceitas.

Assim, Lara afirma *“hoje em dia eu tenho uma aparência mais tranquila, meus alargadores parecem brincos, eu tenho uma forma de vestir que não é muito agressiva. Então a pessoa olha, já pergunta, e não fica muito acanhada. Mas na minha adolescência as pessoas falavam muito. Hoje em dias as pessoas acham comum”*.

Fernando, diz também que *“hoje em dia, tem uma abertura maior, há uma glamorização de tatuagens e piercings. A gente vê mais isso em novelas”*.

Por isso, o preconceito vem sendo dissipado, Alexandre esclarece que *“[...] Goiânia, que é uma cidade onde as pessoas olham muito o visual, que não é uma grande metrópole, que não é uma São Paulo que o dia é tão corrido que as pessoas não têm tempo de olhar um visual e ficar criticando. Então é um processo que nunca vai acabar, depende de onde você vá você vai ser visto de uma determinada maneira ou de outra. O mundo está ficando cada vez mais globalizado, e isso tende a diminuir o preconceito, mesmo porque outros preconceitos podem surgir”*.

De fato, existe uma preocupação com a aparência em não chocar, em fazer algo esteticamente agradável e bonito. Além disso, estes indivíduos entrevistados possuem algumas características pessoais que estão fora do padrão de preconceito no Brasil. Em sua maioria são pessoas de classe média,

brancos e com um corpo associado ao padrão dominante. Por isso, há a necessidade de se estudar outros indivíduos.

Além desses fatores, existe a relação de consumo em si neste universo. O mercado é abastecido principalmente pelo exterior, embora existam algumas fábricas brasileiras, os materiais melhores ainda vêm de fora. Isto se dá pelo avançamento das práticas tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Escolas que influenciam diretamente o trabalho aqui no Brasil. Mas esta não é uma realidade para todos os estúdios, muitos que são informais não possuem preocupação com aspectos sanitários e de qualidade. O que garante no mercado muito profissionais despreparados e na informalidade. Já nos estúdios mais conhecidos as práticas de modificação como tatuagem e piercing possuem um valor padrão, mas varia muito pelo trabalho a ser realizado, qualidade da jóia no caso do piercing e de tempo, no da tatuagem. Mas como é um investimento para a vida toda vale o valor que se cobra.

Lara finaliza afirmando numa opinião que retrata a opinião mais geral *“eu sei que os materiais são muito caros, são jóias e materiais feitos para não irritar a pele, não causar problemas, não deixar quelóides. Eu acho que quase sempre é cobrado a maior parte do valor para cobrir a peça, a jóia, ou o material. E a menor parte é o trabalho do profissional. O que é supervalorizado é a tatuagem, que você tá pagando o talento do profissional e a qualidade do trabalho dele, isso realmente é absurdo, vai do profissional. Você está pagando mais por isso do que pelo tempo dele, o material, a energia e tudo mais. Você está pagando praticamente para ele assinar a obra dele”*.

Assim, vemos que mesmo que as modificações corporais tenham relação mercado de bens ou apenas um valor estético, ainda é possível identificar uma tentativa de arte no corpo, não quero agora negar os aspectos apresentados, mas para estes indivíduos é possível identificar a tentativa de através de técnicas de profissionais trazer no corpo escritas de si em forma de cores, desenhos e materiais. Num mundo em constante transformação, os indivíduos passam a ter o corpo como símbolo de sua materialidade, de sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho consistia analisar o processo de subjetivação, as formas de socialização no qual estão inseridos os adeptos das transformações corporais, e ainda quais os meios de comunicação que estes indivíduos utilizam para disseminar estas práticas na região centro-oeste. Ao longo do trabalho se percebe que este objetivo foi alcançado. Diante deste objetivo, chegou-se a algumas conclusões apresentadas a seguir.

Analisados os dados da pesquisa de campo, percebeu-se que os adeptos possuem formas próprias de pensar acerca de si mesmos e do mundo, formas estas que muitas vezes estão longe de serem hegemônicas e contínuas. Como afirma Downing ((2001, p.33), as culturas de oposição também se entrelaçam com as culturas de massa e as culturas populares. Isto está presente em muitos momentos na vida dos praticantes de body modification em Goiânia.

As culturas de massa midiaticizadas, vinculadas aos bens de consumo, fazem parte da vida desses jovens, ao mesmo tempo em que procuram sua própria forma de beleza, seu próprio sentido de estética. Eles vivem durante esta busca uma relação de consumo intensa. Uma característica da atual sociedade já discutida ao longo do trabalho e pertinente a época atual, como vimos. E por isso, não cabe aqui emitir qualquer juízo de valor, pois se assim fosse teríamos que discutir vários outros aspectos da sociedade, já que o consumo permeia todas as relações, está presente em todas as camadas da sociedade. E hoje, mesmo a arte, em sua grande maioria, é produzida para o consumo. Não encontramos no movimento de body modification aqui, nada de extremo, radical talvez, mas extremo não. O belo é cultuado, o corpo “sarado” também, o que fica de rebeldia talvez seja a possibilidade de ser diferente dos demais. Mas nada muito diferente, porque é preciso antes, ser legal, ser aceito. O preconceito pode existir, mas não é sentido, justamente por essa “adaptação”. O que esses indivíduos sentem, na verdade, é um certo estranhamento, que logo pode ser desfeito frente ao atributos de cada um. Esses atributos podem ser visuais, demarcados por suas roupas de boa qualidade, suas ferramentas tecnológicas (celulares, *notebooks*, etc.). Podem

ser culturais: suas viagens internacionais, seu português ou inglês corretos, ou mesmo sua formação acadêmica.

Sua aparência não é para chocar, mas para ser admirada. Eles possuem um conceito de beleza bastante individual, mas não menos influenciado pela mídia e suas demarcações hegemônicas. O que se tem é um desejo constante de adornar o corpo e para isso eles utilizam várias técnicas da *body modification*. As duas principais técnicas utilizadas são as tatuagens e os diversos *piercings* e alargadores. A primeira pode ser grande, pequena, colorida ou apenas de uma cor, no entanto, precisa ser feita por um “bom” profissional, afinal é algo que dura a vida toda e vale o preço. Além disso, precisa estar em lugares estratégicos para que possa ser relevada apenas no momento oportuno. Já a segunda, precisa ser algo delicado, bonitos e de qualidade, dá-se o nome de jóia para os *piercings* e alargadores. E por ser teoricamente reversível, pode ser feito em qualquer lugar e na quantidade que desejar, desde que por um bom profissional e que tenha a higiene necessária no ambiente. No entanto, se mais a frente, você “enjoar” pode retirar que o furo vai fechar. Assim, pode ser que uns possuam em um mês doze furos, e noutro preserve apenas dois. Vai depender do “humor”. Mas se mesmo assim, algo mais radical for feito como, por exemplo, uma suspensão corporal, ótimo! Porque poderá estampar a foto do perfil do *Facebook* ou ainda, o álbum de fotografias desta mesma ferramenta, obviamente a vista de todos os amigos. Fotos lindas e de qualidade, com câmera profissional, para que o trabalho fique mais “apresentável” e impressione quem sabe os “gringos”, já que existe o desejo dos profissionais brasileiros de serem respeitados “lá fora”.

Outro aspecto importante é que movimento, ao menos no âmbito de Goiânia, é caracterizado principalmente por um movimento estético⁶². Mas, como falamos anteriormente, não é uma estética coletiva, até certo ponto. Antes, porém, se trata de uma estética pessoal, pois “o que é bonito para mim, pode não ser bonito para você”, assim, desde que não extrapole para o “exagero” tudo é possível. Qualquer desenho de tatuagem ou escarificação,

⁶² Segundo David Harvey (1992, p. 293) no livro “Condição pós-moderna” “[...] as práticas estéticas e culturais têm particular suscetibilidade à experiência cambiante do espaço e do tempo exatamente por envolverem a construção de representações e artefatos espaciais a partir do fluxo da experiência humana”. Assim, hoje na Pós-Modernidade muitas das experiências dos grupos sociais residem nas práticas estéticas que atrelam a si significados sociais e políticos.

piercing em qualquer região, embora se note tendências a serem seguidas “tem que ser atual” e também diferenças no que é adequado para mulheres e para homens. Estas são difundidas em almanaques digitais, revistas, sites específicos e até por artistas, e todo bom profissional deveria acompanhar, pois “o que era aceito há cinco anos, hoje pode não ser mais e o bom profissional precisa estar ‘antenado’ com as novas tendências”.

Apesar dessas observações que se distanciam de críticas, não podemos esquecer que “[...] os valores, as interações e os ‘fatos’ do comportamento humano às vezes estão no olhar do observador” (ANGROSINO, p. 54). E nesta tarefa de pesquisar qualquer um pode se inscrever. Assim, não se pretende aqui instituir uma verdade acerca deste grupo, mas trazer aspectos que se apresentaram nesta realidade estudada, embora possam se confrontados com outras realidades e vivências e serem encontradas diferenças. Pois não podemos esquecer que cada indivíduo possui uma subjetividade e suas experiências e vivências modificam a forma como veem a cultura recebida. Possibilitando, assim, infinitas formas de se perceber, sentir e vivenciar algo, aqui, no caso, questão da própria da modificação corporal.

O estudo, também, encontrou uma limitação. A amostra utilizada, que pela dimensão do estudo e pela disponibilidade de tempo, foi pequena, não permitiu inferir sobre todos os aspectos da modificação em Goiânia. Assim, pesquisar novas realidades nas quais estes indivíduos estão inseridos, já justificaria a continuidade do estudo, se não fosse ainda a necessidade de aprofundamento em questões que surgiram ao longo da pesquisa. A primeira está relacionada aos corpos modificados no universo do erótico e pornográfico. A procura por garotas modificadas no site <http://suicidegirls.com>⁶³ e o

⁶³ **SuicideGirls** é um site de assinatura que contém fotos eróticas de estilo [pin-up](#) com modelos exclusivamente do sexo feminino e de diversos lugares no globo terrestre, mas não apenas isso, há várias outras ferramentas de entretenimento. O que o diferencia dos demais são os estilos e biotipos das garotas fotografadas, pois não condizem com os padrões de beleza normalmente usados por outras revistas e sites de modelos. As garotas normalmente possuem tatuagens, piercings, cabelos coloridos, de diferentes raças e manequins, características do gênero pornográfico *alt porn*, ou pornografia alternativa. O site atualmente totaliza mais de 1800 modelos, no Brasil existem 18 garotas cadastradas. O Suicide Girls também é caracterizado por promover a interação entre as modelos e seus fãs, por meio de blogs, fóruns e *boards*. Além disso promove encontros *off-line* caracterizando-se por serem estrelados pelas garotas mais famosas do *site* em grandes palcos, encenando a arte erótica. Para ter acesso ao site, os membros devem pagar uma quantia de de 4 dólares mensais. A sede se encontra em [Los Angeles, EUA](#), onde o negócio teve início. Apesar das modelos serem de diferentes

recorrente discurso do erótico e do fetiche que as modificações trazem, tornam-se aspectos interessantes que poderiam ser investigados. A segunda está relacionada a diferença de práticas inscritas nos gêneros, em que se delimitam e o que se representa como feminino e masculino. A terceira e última, o corpo modificado e a questão social, pois nota-se uma segmentação, ao menos em Goiânia, que as práticas mais radicais sejam mais exploradas por jovens de classe média. No entanto, tais aspectos ficam como possibilidades de investigações futuras.

De sobre maneira, porém, acredito que este estudo tenha sido importante, porque através dele podemos “desmistificar” este grupo que em geral sofre preconceito da mídia hegemônica (DOWNING, 2001). Entendo-os em suas relações, nas suas formas de verem o mundo, de verem a si próprios, mas principalmente na forma como verem seu corpo e o estatuto deste corpo nas subjetividades. Aspectos que devem ser levados em conta numa época que tentamos tanto nós enquadrar em algum estereótipo. Serve também para entendermos que vivemos em um mundo com muitas possibilidades e que mesmo que estas sejam possibilidades diferentes das que estamos acostumados a ver, não quer dizer que sejam possibilidades erradas, possibilidades menores, possibilidades irracionais ou caminhos débeis. E ainda, mesmo que em alguns momentos sejam possibilidades transitórias, não há que haver julgamentos. Porque o ser humano está em constante transformação, sua identidade é fluída e navega mesmo que virtualmente por lugares inimagináveis. Isso traz coisas novas, e não é preciso ter medo do novo. Apenas, aceitá-lo. Porque antes de tudo somos seres pensantes, seres que sentem, seres que querem felicidade e que buscam essa realização no corpo o único instrumento que nos permite sentir vivos. Claro que alguém pode escolher se sentir vivo dançando uma “Catira” ou comendo “Galinhada⁶⁴”, mas nada impede que se dance “Catira⁶⁵” suspenso ou que se como “galinhada”

países e, portanto, falarem diferentes línguas, o idioma oficial da página é o inglês”. Fonte: Wikipédia.org (acesso em 07/06/2011).

⁶⁴ Prato típico de Goiás.

⁶⁵ Dança tradicional goiana.

com um piercing na boca. Porque a cultura não deve ser excludente, mas antes deve ser de inclusão. Só precisamos estar atentos para o respeito e aberto para o novo, para o velho ou para o velho-novo.

REFERÊNCIAS

ADORNO. Theodor W. A indústria Cultural. COHN, Gabriel. (Org.) **Comunicação e Indústria Cultural**. 5 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987. p. 287 - 295.

ANDERSON, Perry. **As Origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Artimed, 2009.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução a filosofia. 2 ed. Moderna, São Paulo, 1993.

BAITELLO Jr. Norval. A mídia antes da máquina. **JB Oline**, Local (?), 16 out. 1999. Cadernos Ideias, p. 1 -5. Disponível em: < <http://www.cisc.org.br/html/modules/mydownloads/viewcat.php?cid=4&orderby=dateA>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

_____. O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, IX. 2000, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/html/modules/mydownloads/viewcat.php?cid=4&orderby=dateA>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

BARREIRA, Marcos Rodrigues Alves. Sujeitos monetários da modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v.5, n.1, jan./jun. 2005**
Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~revispsi/v5n1/artigos/a01.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

BERGER, Christa. A pesquisa em comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V.V. (Org.) **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 241- 277.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. In. FAUSTO NETO, A. (Org.). **Campo da Comunicação**. João Pessoa: Universitário, 2001.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Além da pele: reflexões sobre a extreme body modification em São Paulo. **Os Urbanistas**, Local (?), v.2, n, 3, p 5-15, dez.

2005. Disponível em < <http://www.aguaforte.com/osurbanitas3/camilobraz.html>>. Acesso em 01 jan. 2009

_____. **Além da pele: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo.** 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas- SP, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos; conflitos multiculturais da globalização.** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

CARVALHO, O. B. de Melo; SÁ, S. Pereira. Em defesa da etnografia: sociabilidade e inclusão digital em *lan houses* e telecentros. In. BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. (Org.). **Pesquisa empírica em comunicação.** São Paulo, Paulus, 2010.

COIMBRA, Cecília; LEITÃO, Maria Beatriz Sá. Das essências às multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividade. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 15, n.2, jul./ dez. 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/psoc/v15n2/a02v15n2.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2006.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; DA VIÁ, Sarah Chucid. **Pesquisa empírica em ciências humanas.** São Paulo: Futura, 2001.

DOSSIN, F. Rocha. RAMOS, C. M. Antonacci. Corporalidades no urbano contemporâneo: *a body modification* e *os moderns primitives*. In. ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, IV., 2008, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14400.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2010

DOWNING, Jonh. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.** São Paulo: SENAC, 2001.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 151 – 170.

FEATHERSTONE, Mike. **Body Modification.** London: Sage Publications, 2003. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 25

agosto 2010.

_____. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERREIRA, Vítor Sérgio. Do renascimento das marcas corporais em contextos de neotribalismo juvenil. In: PAIS, J. M. (Org.); BLASS, L.M. S. (Org.). **Tribos Urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

FERREIRA NETO, João Leite. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, Niterói, v.16.1, c.7, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-1-Cap7.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis : Vozes, 2007.

_____. **O cuidado de si**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005. (História da Sexualidade, 3).

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o Sagrado. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; GEORGES, V. **História do Corpo**: da Renascença às Luzes. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOÉS, Fred. Do *body building* ao *body modification* – paraíso ou perdição. In: VILLAÇA, N., GOÉS, F. KOSOVSKI, E. (Org.). **Que corpo é esse?** Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

_____. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.(s/ano)

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

Le BRETON, David. **Sociologia do Corpo**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2007.

_____. **Sinais de Identidade** – Tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004.

_____. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal**: ética, mídia e empresa. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MANCEBO, Deise et al . Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. **Estud. psicol. (Natal)**., Natal, v. 7, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 nov. 2006.

MARQUES, Toni. Questão de pele. In. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 22 -26, jan. 2009.

MARTINO, Luiz C. (Org.) **Teorias da Comunicação**: muitas ou poucas? Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

MENEZES, José Eugenio de O. Processos de mediação: da mídia primária à mídia terciária. **Communicare**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 27 -40, 1º semestre. 2004.

MOCELLIM, Alan. A questão da identidade em Giddens e Bauman. In. **Em tese** – Revista Eletrônica dos Pós-Graduados em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 1 – 31, agosto-dezembro. 2008

MORAES, Thiago Drumond; NASCIMENTO, Maria Lívia. Da norma ao risco: transformações na produção de subjetividade contemporâneas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 91-102, jan./jun. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a10.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2006.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Quem tem medo da geração shopping center?** . Salvador: Editora da UFBA, 2005.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. In. **Comunicação, mídia e consumo**/ Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, v. 4, p. 63-86, mar. 2007.

ORTEGA, Francisco. Práticas de Ascese Corporal e Constituição de Bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro v. 11, n. 1, p. 59-77. 2003. Disponível em <http://www.nesc.ufrj.br/cadernos/2003_1/2003_1%20FOrtega.pdf> Acesso em 28 jan, 2009.

_____. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 25 agosto 2010.

PADILHA, Valquíria. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo, Boitempo, 2006.

PAIM, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. **Revista Digital**, n. 79, p.1-9, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>>. Acesso em 22 dez. 2008.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da Arte. **Latinoamericana Psicopatologia Fundamental**, Local(?) a. VI, n. 1, p. 76-85, março. 2003. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/mar3/5.pdf>>. Acesso em 22 dez. 2008.

_____. **O Corpo como Suporte da Arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Senac, 2005.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In. LINS, Danil (Org.). **Cultura e Subjetividade : saberes nômades**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In. Carmem Lúcia Soares (org.). **Corpo e História**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SILVA, Adriana Figueiredo Soares da. **“Se pudesse ressurgir eu viria como o vento”**: Das narrativas da dor: um estudo sobre práticas de modificações corporais e afetividades na ‘experiência da travestilidade’. 2008. 246f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: < >. Acesso em: 14 maio 2009.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. In **Cadernos Cedex**, ano XIX, nº. 48, Agosto/99 . P. 7-29

TAVARES, Fred. O consumo na pós-modernidade: uma perspectiva psicossociológica. **Comum**, Rio de Janeiro, v.9, n. 22, p.122-143, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum22/indice.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2006.

TEIXEIRA, Daniela Pessanha. **Intensidades corporais e subjetividades contemporâneas**: uma reflexão sobre o movimento de body modification. 2006.148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=9392@1>. Acesso em 25 maio 2010.

TEMER, A. C. R. Pessoa. NERY, V. C. Albieri. Para entender as teorias da comunicação. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In. DUARTE, Jorge. BARROS, Jorge (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3. ed. São Paulo, SP: Mario Fontes, 2008.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é Elaine Silva Ferreira Gonzaga, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Comunicação.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Elaine Silva Ferreira Gonzaga nos telefones [REDACTED] ou pelo e-mail: rpelaine@hotmail.com. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

Temática: "As práticas de modificação corporal e identidades somáticas".

O objetivo principal desse estudo é conhecer melhor a realidade do movimento de transformação corporal e em que fundamentos culturais e sociais o movimento está alicerçado na região Centro-oeste. E ainda, de que maneira a cultura midiática influenciou ou influencia a construção da identidade somática desses indivíduos. Para atingir nosso objetivo iremos realizar essa pesquisa com adeptos e profissionais de modificação corporal extrema em Goiânia e Brasília. Para essa investigação iremos realizar entrevistas semi-estruturadas, que serão gravadas para posterior transcrição. Nossa pesquisa se completará com a observação participante em eventos que estejam relacionados à temática deste trabalho em Goiânia e Brasília.

Com essas metodologias trabalharemos para compreender como os praticantes dessas modificações se socializam, como se dá sua subjetividade, se existem relações de consumo nas práticas de modificação, e ainda, como eles vêem o corpo modificado nas relações cotidianas.

As informações obtidas através de todos os instrumentos e técnicas de pesquisa



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



acima citados serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, há também a possibilidade de publicarmos fotos dos participantes e de suas modificações corporais no trabalho, o que propicia sua identificação. Você pode se recusar, se for o caso, a responder alguma questão que lhe traga algum incômodo ou constrangimento, ou mesmo, a tirar alguma fotografia. Você também tem a liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízo algum.

Este trabalho beneficiará os estudos da cultura e da mídia e não traz nenhum risco físico aos participantes. Não temos a previsão de benefícios diretos para os participantes, pois não propomos nenhuma intervenção junto a eles, pois essa é uma investigação de caráter teórico e exploratório a cerca de um novo comportamento dos jovens em nossa região frente ao corpo e suas possibilidades.

Os dados e imagens obtidos com essa pesquisa serão divulgados na dissertação de mestrado da pesquisadora, que será defendida no programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás e em possíveis artigos e outros trabalhos científicos.

Elaine Silva Ferreira Gonzaga

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA
PESQUISA**

Declaro que eu, _____,
portador do CPF de número _____, concordo em
participar do estudo "*As práticas de modificação corporal e identidades somáticas*",
como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Elaine
Silva Ferreira Gonzaga sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim
como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me
garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto
leve a qualquer penalidade.

Goiânia, ____ de _____ de 2011.

Assinatura

APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
CARTA DE ANUÊNCIA



Seu estúdio está sendo selecionado para participar, voluntariamente, de uma pesquisa. Meu nome é Elaine Silva Ferreira Gonzaga, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Comunicação.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Elaine Silva Ferreira Gonzaga nos telefones [REDACTED] ou pelo e-mail: rpelaine@hotmail.com. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

Temática: "As práticas de modificação corporal e identidades somáticas".

O objetivo principal desse estudo é conhecer melhor a realidade do movimento de transformação corporal e em que fundamentos culturais e sociais o movimento está alicerçado na região Centro-oeste. E ainda, de que maneira a cultura midiática influenciou ou influencia a construção da identidade somática desses indivíduos. Para atingir nosso objetivo, iremos realizar essa pesquisa com adeptos e profissionais de modificação corporal extrema em Goiânia e Brasília. Para essa investigação iremos realizar entrevistas semi-estruturadas, que serão gravadas para posterior transcrição. Nossa pesquisa se completará com a observação participante em eventos que estejam relacionados à temática deste trabalho em Goiânia e Brasília. Com essas metodologias, trabalharemos para compreender como os praticantes dessas modificações se socializam, como se dá sua subjetividade, se existem relações de consumo nas práticas de modificação e, ainda, como eles vêem o corpo modificado nas relações cotidianas.

As informações obtidas através de todos os instrumentos e técnicas de pesquisa acima citados serão divulgados de forma a possibilitar a identificação dos

indivíduos e do estúdio no qual se deu a pesquisa. Há também a possibilidade de publicarmos fotos dos participantes, das modificações corporais dos indivíduos, bem como do local do estúdio, o que propicia sua identificação. Você pode se recusar, se for o caso, a tirar alguma foto que cause incômodo ou constrangimento, ou mesmo, restringir a área a ser fotografada. Você também tem a liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízo algum.

Este trabalho beneficiará os estudos da cultura e da mídia e não traz nenhum risco físico aos participantes. Não temos a previsão de benefícios diretos para os estúdios participantes, pois não propomos nenhuma intervenção junto a eles, visto que essa é uma investigação de caráter teórico e exploratório acerca de um novo comportamento dos jovens em nossa região frente ao corpo e suas possibilidades.

Os dados e imagens obtidos com essa pesquisa serão divulgados na dissertação de mestrado da pesquisadora, que será defendida no programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás e em possíveis artigos e outros trabalhos científicos.

Elaine Silva Ferreira Gonzaga

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Declaro que eu, _____, portador(a) da cédula de identidade nº _____ emitida por _____ e inscrito no CPF sob o nº _____, sou proprietário(a) _____ do _____ estúdio _____ inscrito no CNPJ sob o nº _____ e concordo com a utilização do meu estabelecimento para a prática da pesquisa “*As práticas de modificação corporal e identidades somáticas*”. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Elaine Silva Ferreira Gonzaga sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do estabelecimento citado. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Goiânia, ____ de _____ de 2011.

Assinatura

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA – PROFISSIONAL

Roteiro para Entrevista – Profissional⁶⁶

Tópico 1 – Consentimento

- Como você gostaria de ser identificado nesta pesquisa? Qual o nome do *studio* em que trabalha?
- Aviso: se em algum momento dessa entrevista você não se sentir à vontade para responder algumas das questões, ou se quiser que a entrevista seja interrompida, sinta-se à vontade.

Tópico 2 – Apresentação

- Você pode falar um pouco sobre quem é você: sua idade e onde nasceu?
- Você pode falar brevemente sobre sua infância e sua família.
- Falando um pouco sobre seus pais: qual a escolaridade e profissão deles?
- Qual sua escolaridade?
- Você já exerceu ou exerce alguma atividade profissional fora do universo da *body modification*?

Tópico 3 – A *Body Modification*

- O que pensa a respeito da *body modification*? O que ela é ou significa para você?
- Como você conheceu as práticas de *body modification*?
- Como foram os primeiros contatos com este universo?
- Por que você demonstrou interesse por essas práticas? Desde quando?
- Como você se inseriu nesse universo? De que maneira e por quais pessoas?

Tópico 4 – A Profissionalização

- Quais as primeiras técnicas com as quais trabalhou? Como e com quem as aprendeu?
- Quais as técnicas que você opera hoje? E quem as ensinou?
- Como você define a sua profissão?
- Quais profissionais admira? Por que?
- Quais profissionais não aprecia? Por que?
- Quais técnicas mais te agradam? Existe alguma que não gosta? Por que?

Tópico 5 – Seu corpo

- Qual o significado de seu corpo para você?
- Como definir a relação entre corpo e *body modification*?
- Quantas e quais modificações corporais possui?
- Quando foram feitas e por qual motivo? Quem as fez?

⁶⁶ Entrevista baseada em pesquisa feita por Braz (2006).

- Qual delas tem mais significado para você e por que?

Tópico 6 – A Dor

- Para você existe alguma relação entre a dor e a *body modification*?
- O que você pensa sobre a dor nos procedimentos?
- Como a dor se relaciona com suas próprias marcas? Como entrou no processo, se entrou?
- O que os clientes pensam sobre a dor?

Tópico 7 – A Extreme Body Modification

- O que seria a *extreme body modification*? Qual seu diferencial nesse universo?
- Quais as técnicas e procedimentos que podem ser chamados de “extremos” nesse universo? Por que?
- Quem são seus adeptos?
- Existe procura da *extreme body modification* por pessoas afro-descendentes?
- O que pensa da *extreme body modification* e de seus adeptos?
- Com relação aos rituais de suspensão: já participou de algum deles? Como foi sua participação? Como foi essa experiência e qual significado teve para você?
- Quanto à suspensão ainda: quem participa e em qual local acontecem as performances?
- Existe algum veículo de mídia utilizado para divulgação das práticas ou das performances de *extreme body modification*?

Tópico 8 – Erotismo

- Existe alguma relação entre a *Body Modification* e o erotismo?
- Em quais práticas se daria essa relação?
- Você pode falar brevemente sobre seus relacionamentos afetivos?
- Existe algum tipo de característica indispensável na aparência de seu companheiro?
- Faz algum sentido a relação entre dor, prazer e *body modification*? Como os clientes e adeptos pensam ou experimentam essa relação?

Tópico 9 – Sociedade

- Você observa alguma reação por parte das pessoas nos lugares públicos que você frequenta? Quais?

- Você acredita que haja por parte da sociedade algum tipo de discriminação social com as pessoas modificadas?

- Seus clientes sentem receio em fazer alguma prática de modificação no corpo por conta da sociedade?

Tópico 10 – Consumo

- Quanto custa um procedimento de *body modification* feito por você? Um valor aproximado.

- Existe preferência de produtos para modificação que você utiliza? Por que?

- Quais produtos são os mais utilizados pelos profissionais? Por que?

- Existe um consenso na cobrança de serviços de modificação por parte dos profissionais. Como o valor é pensado?

ANEXO B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA – ADEPTO

Roteiro para entrevista – Adeptos⁶⁷

Tópico 1 – Consentimento

- Como você gostaria de ser identificado nesta pesquisa?
- Aviso: se em algum momento dessa entrevista você não se sentir à vontade para responder algumas das questões, ou se quiser que a entrevista seja interrompida, sinta-se à vontade.

Tópico 2 – Apresentação

- Você pode falar um pouco sobre quem é você: sua idade e onde nasceu?
- Você pode falar brevemente sobre sua infância e sua família.
- Falando um pouco sobre seus pais: qual a escolaridade e profissão deles?
- Qual sua escolaridade?
- Fale brevemente sobre sua formação escolar e profissional.

Tópico 3 – A *Body Modification*

- O que pensa a respeito da *body modification*? O que ela é ou significa para você?
- Como você conheceu as práticas de *body Modification*?
- Como foram os primeiros contatos com este universo?
- Por que você demonstrou interesse por essas práticas? Desde quando?
- Como você se inseriu nesse universo? De que maneira e por quais pessoas?

Tópico 4 – Sobre os profissionais

- Quais profissionais admira? Por que?
- Quais profissionais não aprecia? Por que?
- Quais técnicas mais agradam? De quais não gosta? Porque?
- Quais técnicas mais te agradam, existe alguma que não gosta? Por que?

⁶⁷ Entrevista baseada em pesquisa feita por Braz (2006).

Tópico 5 – Seu corpo

- Qual o significado de seu corpo para você?
- Como definir a relação entre corpo e *body modification*?
- Quantas e quais modificações corporais possui?
- Quando foram feitas e por qual motivo? Quem as fez?
- Qual delas tem mais significado para você e por que?

Tópico 6 – A Dor

- Para você existe alguma relação entre a dor e a *body modification*?
- O que você pensa sobre a dor nos procedimentos?
- Como a dor se relaciona com suas próprias marcas? Como entrou no processo, se entrou?

Tópico 7 – A *Extreme Body Modification*

- O que seria a *extreme body modification*? Qual seu diferencial nesse universo?
- Quais as técnicas e procedimentos que podem ser chamados de “extremos” nesse universo? Por que?
- Quem são seus adeptos?
- Você conhece adeptos afro-descendentes da *extreme body modification*?
- O que pensa da *extreme body modification* e de seus adeptos?
- Com relação aos rituais de suspensão: já participou de algum deles? Como foi sua participação? Como foi essa experiência e qual significado teve para você?
- Quanto à suspensão, ainda, quem participa e em qual local acontecem as performances?
- Existe algum veículo de mídia utilizado para divulgação das práticas ou das performances de *extreme body modification*?

Tópico 8 – Erotismo

- Existe alguma relação entre a *Body Modification* e o erotismo?
- Em quais práticas se daria essa relação?

- Você pode falar brevemente sobre seus relacionamentos afetivos?
- Existe algum tipo de característica indispensável na aparência de seu companheiro?

- Faz algum sentido a relação entre dor, prazer e *body modification*?

Como você pensa ou experimenta essa relação?

Tópico 9 – Sociedade

- Você observa alguma reação por parte das pessoas nos lugares públicos que você frequenta? Quais?

- Você acredita que haja por parte da sociedade algum tipo de discriminação social com as pessoas modificadas?

- Você sente receio em fazer alguma prática de *modificação do corpo* por conta da sociedade?

Tópico 10 – Consumo

- Existe preferência de produtos para modificação que você utiliza? Por que?

- Existe um consenso na cobrança de serviços de modificação por parte dos profissionais. Você sabe como este valor é pensado?

- Você conhece marcas de produtos específicos para praticantes de *body*?